



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR – UCSAL
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

CAMILA BARRETO MATOS BARROS

**IMAGENS E SÍMBOLOS DA FAMÍLIA SOB A ÓTICA DO CASAL: UMA VISÃO
JUNGUIANA**

SALVADOR

2019



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR – UCSAL
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

CAMILA BARRETO MATOS BARROS

IMAGENS E SÍMBOLOS DA FAMÍLIA SOB A ÓTICA DO CASAL: UMA VISÃO
JUNGUIANA

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Família
na Sociedade Contemporânea - UCSAL.

Orientadora: Elaine Pedreira Rabinovich

SALVADOR

2019

Ficha Catalográfica. UCSal. Sistema de Bibliotecas

B277 Barros, Camila Barreto Matos

Imagens e símbolos da família sob a ótica do casal: uma visão Junguiana / Camila Barreto Matos Barros. -- Salvador, 2019. 142 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elaine Pedreira Rabinovich.

1. Relação familiar 2. Psicologia Junguiana 3. Jogo de areia

I. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação II. Rabinovich, Elaine Pedreira - Orientadora III. Título.

CDU 364.28:159.9

TERMO DE APROVAÇÃO

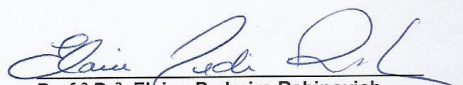
Camila Barreto Matos Barros

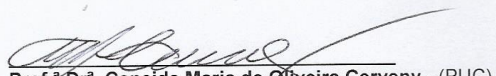
**“IMAGENS E SÍMBOLOS DA FAMÍLIA SOB A ÓTICA DO CASAL:
UMA VISÃO JUNGUIANA”**

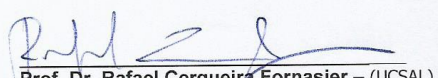
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 21 de novembro de 2019.

Banca Examinadora:


Prof.ª Dr.ª Elaine Pedreira Rabinovich
Orientador(a) - (UCSAL)


Prof.ª Dr.ª Ceneide Maria de Oliveira Cerveny - (PUC)


Prof. Dr. Rafael Cerqueira Fornasier - (UCSAL)

A Cristian,
meu marido,
Nosso encontro provocou em mim um mergulho profundo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pela oportunidade de realizar este trabalho e por poder compartilhar com o coletivo.

Agradeço ao meu daimon, pois, apesar de todas as dores e desafios da existência, ele faz com que eu permaneça com o olhar de encantamento pela vida.

À toda minha ancestralidade, aos que vieram antes, por viverem em mim e me ajudarem a me tornar além do que eu sou.

Aos meus avós Silvino (em memória) e Terezinha, pela sabedoria, acolhimento e amor. Vocês fazem morada em meu coração.

A Cristian, por todo cuidado, amor e pela compreensão nos meus momentos de ausência. Não teria conseguido sem você.

À minha mãe, Neuza, pela vida e dedicação. Por me mostrar que o amor e o conhecimento podem nos levar além. Você é a minha maior inspiração!

Ao meu pai, Getúlio, pela vida e por ter provocado em mim a coragem.

À minha irmã Larissa e ao meu cunhado José Pedro, que torcem por mim mesmo estando em terras além-mar.

Ao meu cachorro Pietro, companheiro fiel de todas as horas de escrita na frente do computador.

À minha orientadora Elaine, que com sabedoria, intuição e generosidade me auxiliou como uma guia, uma parteira, uma Xamã. Muito obrigada!

À Bete Rabelo, por me inspirar de forma criativa e me guiar na minha trajetória de vida com amorosidade e respeito. Uma gratidão sem fim!

Ao Grupo de Pesquisa Família (Auto) Biografia e Poética (Fabep) pelo aprendizado e acolhimento.

Aos meus colegas e amigos, que me incentivaram e por todo o apoio e compreensão nesse momento de imersão.

À Prof^a Ceneide Cerveny, por ter aceitado participar da banca examinadora, à Prof^a Aicil Franco e ao Prof. Rafael Fornasier, pelas valiosas contribuições na minha qualificação.

Por fim, gostaria de agradecer aos casais que participaram desta pesquisa pela generosidade, disponibilidade e entrega ao processo. Aprendi muito com vocês.

Os anos durante os quais me detive nessas imagens interiores constituíram a época mais importante da minha vida e nela todas as coisas essenciais se decidiram. Foi então que tudo teve início e os detalhes posteriores foram apenas complementos e elucidações. Toda a minha atividade ulterior consistiu em elaborar o que jorrava do inconsciente naqueles anos e inicialmente me inundara: era a matéria-prima para a obra de uma vida inteira.

(JUNG, 2006, p. 237)

Quanto menos compreendermos o que nossos pais e avós procuraram, tanto menos compreenderemos a nós mesmos.

(JUNG, 1989, p. 210)

BARROS, Camila Barreto Matos. Imagens e símbolos da família sob a ótica do casal: uma visão junguiana.

RESUMO

Esta pesquisa teve como foco analisar o relacionamento do casal sob o ponto de vista das imagens e símbolos da família, utilizando os conceitos da psicologia junguiana de projeção, complexo, *persona*/sombra, *animus/anima* e individuação para atingir seus objetivos. Os conceitos de *animus e anima* estão diretamente relacionados as estruturas da conjugalidade e do apaixonamento. A *anima* personifica as tendências psicológicas femininas na psique do homem e o *animus* personifica as tendências psicológicas masculinas na psique da mulher. Baseou-se na premissa de que cada casal carrega uma bagagem imagética de suas relações familiares e que estas podem influenciar a dinâmica do relacionamento atual. O acesso a essas imagens deu-se através do Jogo de Areia, que consiste em um instrumento que permite a construção de cenários em uma caixa, sendo um campo favorável à representação e expressão de conteúdos da psique do indivíduo e também do casal. O método escolhido foi o qualitativo por meio de um estudo de casos múltiplos. Foram analisados dois casais com mais de dois anos de casados. A investigação foi realizada em cinco encontros para cada casal, em um total de dez encontros. O foco do estudo incidiu na criação de cenários, através do Jogo de Areia, em que pudessem ser observados três momentos: a) família de origem, b) visão do casamento atual sob a ótica individual, e c) visão do casamento atual sob a ótica do casal. Foi utilizado também o questionário sociodemográfico para acessar informações do casal, como: idade, profissão, o tempo de casados, moradia, entre outros. A análise dos resultados sugeriu que cada indivíduo traz o imaginário da relação familiar e que este pode influenciar na dinâmica da relação atual. Assim, no Casal 1, aspectos adquiridos na família de origem influenciam a relação do casal atuando de forma a “impedir” uma vida mais autônoma e criativa em ambos; enquanto no Casal 2, o bom desenvolvimento da *anima* e do *animus* na relação faz com que os dois tenham recursos para não ficarem paralisados diante das exigências anímicas na família. Consideramos que o Jogo de Areia como instrumento técnico de acesso ao fenômeno cumpriu sua função nesta pesquisa.

Palavras-chave: Imagens; Símbolos; Família; Casal; Jogo de Areia.

BARROS, Camila Barreto Matos. Images and symbols of the family from the couple's perspective: a jungian view.

ABSTRACT

This research focused on analyzing the couple's relationship from the point of view of family images and symbols, using in order to obtain its aims the Jungian psychology concepts of projection, complex, persona/shadow, *anima/animus* and individuation. The concepts of animus and anima are directly related to the structures of conjugality and passion. The anima personifies the female psychological tendencies in the male psyche and the animus personifies the male psychological tendencies in the female psyche. This study was based on the premise that each couple carries an imaginary background of their family relationships and that these may influence the dynamics of the current couple. The access to these images was through the Sand Game, which consists of an instrument that allows the construction of scenarios in a box being a favorable field for the representation and expression of contents of the psyche of the individual and of the couple. The method chosen was the qualitative one through a multiple case study. Two couples with more than two years of marriage were analyzed. The investigation was conducted in five meetings for each couple, with a total of ten meetings with both couples. The focus was on creating scenarios through the Sand Game where three moments could be observed: a) family of origin, b) view of the current marriage from the individual perspective and c) view of the current marriage from the couple's perspective. The socio-demographic questionnaire was also used because it is a way to access basic information of the couple, such as age, profession, time of marriage, housing, among others. The analysis of the results suggested that each individual brings the family relationship imaginary and that it can influence the relationship dynamics. Thus, in Couple 1, the presence of acquired aspects in the family of origin influences the couple's relationship by acting in a way that "impedes" a more autonomous and creative life in both, while in Couple 2, the good development of *anima* and *animus*. In the relationship, they are able to afford not to be paralyzed in the face of soul demands in the family. We consider that the Sand Game as a technical instrument to access the phenomenon fulfilled its function in this research.

Key words: Images; Symbols; Family; Couple; Sand Game.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA PSICOLOGIA JUNGUIANA	15
1.1 PROJEÇÃO.....	15
1.2 COMPLEXO.....	16
1.3 PERSONA/SOMBRA.....	18
1.4 ANIMA/ANIMUS.....	19
1.5 INDIVIDUAÇÃO.....	21
2 IMAGENS E SÍMBOLOS	24
2.1 IMAGEM.....	24
2.2 SÍMBOLO.....	29
3 CASAL E FAMÍLIA	33
3.1 CASAL E FAMÍLIA: CONTEXTOS SÓCIO-HISTÓRICOS.....	33
3.2 CASAL E FAMÍLIA: UMA VISÃO JUNGUIANA.....	38
4 JOGO DE AREIA	46
4.1 JOGO DE AREIA: HISTÓRICO E CONCEITO.....	46
4.2 CAIXA DE AREIA.....	50
4.2.1 Areia	50
4.2.2 Mãos	51
4.2.3 Miniaturas	51
4.3 SLIDES E FOTOGRAFIAS.....	52
4.4 JOGO DE AREIA: CONSIDERAÇÕES.....	52
5 MÉTODO	54
5.1 CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO.....	54
5.2 PARTICIPANTES.....	55
5.3 CRITÉRIO DE SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	56
5.4 ANÁLISES DOS RISCOS E BENEFÍCIOS.....	56
5.5 INSTRUMENTOS.....	57
5.6 PROCEDIMENTOS.....	57
5.7 LOCAL.....	58
5.8 CUIDADOS ÉTICOS.....	58
5.9 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISES DE DADOS.....	59
6 ANÁLISE DE DADOS	61

6.1	SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE AS IMAGENS E SÍMBOLOS DA FAMÍLIA DE ORIGEM E A RELAÇÃO CONJUGAL ATUAL.....	121
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
	REFERÊNCIAS	130
	Anexo A	138
	Anexo B	140

INTRODUÇÃO

A família pode ser vista como matriz fundamental das vivências humanas. Dentre essas vivências, o casamento desperta grande interesse devido à sua complexidade, pois se refere à união de duas pessoas e de histórias de vida distintas, aliadas às dinâmicas das famílias de cada um dos cônjuges. Por meio de um conjunto de crenças, valores e modelos de relacionamentos, construímos uma bagagem familiar para outras gerações.

O ponto de partida que motivou esta pesquisa foi à minha observação como psicóloga clínica dos inúmeros casos envolvendo a dinâmica familiar e a relação do casal. Além disso, às minhas próprias vivências e reflexões envolvendo esta temática.

O casamento, na atualidade, passa por uma grande crise, o que leva a uma reflexão a respeito das mudanças e, em especial, das que ocorrem nas relações conjugais. A instituição familiar e o casal não podem ser vistos de um modo isolado das restantes transformações sociais. Alguns acontecimentos como a queda do patriarcado, a inserção da mulher no mercado de trabalho, o controle de natalidade, todos esses acontecimentos causaram a mudança de papéis desempenhados por homens e mulheres e, como consequência, houve o aumento das taxas de divórcio e declínio da fertilidade. Assim, o campo das escolhas individuais apresenta um quadro de aumento da união estável e de nascimentos fora do casamento. Além dos fatos citados, nota-se que na sociedade contemporânea o casal encontra-se em conflito entre a individualidade e a conjugalidade. O mercado de consumo, a competição e a tecnologia ocupam lugar nas relações e fazem com que o investimento no matrimônio e na relação de Alteridade, que é justamente o arquétipo das relações, fiquem numa posição de menos valia.

Contudo, observa-se que, mesmo com as desconstruções que envolvem o casamento, tal experiência permanece repleta de significado. Encontrar alguém para compor conosco a jornada da vida pode ser uma experiência complexa e desafiadora. O encontro amoroso representa, de uma maneira geral, a união do que é diferente e estranho a nós. Ao mesmo tempo que nos encanta também nos desafia. Por isso, a relação se constitui em um terreno repleto de conflitos, estranhamentos e também de descobertas, riquezas, crescimento e transformação. Ou seja, um desafio inspirador.

Somos seres sociais. Nossas primeiras vivências estão identificadas com as realidades das nossas famílias e, inicialmente, com os nossos pais. O que implica dizer que todos nós somos submetidos à visão de mundo e padrões emocionais vivenciados no âmbito familiar. A partir da suposição de que cada cônjuge carrega uma bagagem de imagens e símbolos de suas

relações familiares e de que estas podem influenciar a dinâmica do casal atual, construiu-se a seguinte pergunta investigativa: como a família de origem influencia na dinâmica do casal?

As imagens e os símbolos com seus substratos inconscientes envolvendo os conceitos da teoria junguiana, e também de alguns pós-junguianos, de: *projeção*, *persona*, *sombra*, *complexo*, *anima*, *animus*, processo de *individuação*, *coniunctio* foram o meio de acessar e realizar essas análises pretendidas, que teve no Jogo de Areia o modo de visualização daqueles aspectos. Igualmente, fomos buscar amparo em pesquisas realizadas em uma revisão de literatura sobre conjugalidade.

A ação criativa de construir um cenário na caixa de areia convida o casal para um olhar acerca do que é vivido na dinâmica conjugal a partir da internalização dos conteúdos psíquicos e, com isso, cria uma oportunidade de reflexão.

Dentre os conceitos abordados, a individuação que é vivida como uma imposição evolutiva exige que o homem entre em contato com seu lado feminino (*anima*) e que a mulher entre em contato com seu lado masculino (*animus*). Estes funcionam como pontes que dão acesso ao mundo interno, ou seja, inconsciente, possibilitando uma maior consciência de si e do outro. Nesse sentido, é a partir da *coniunctio* interna ou, em outras palavras, do casamento com nossas partes internas que a vida a dois poderá ser vivida de maneira mais real e significativa.

Desse modo, foi o objetivo geral desta investigação analisar a dinâmica do casal a partir das imagens e símbolos da família, sendo tal proposta realizada levando-se em consideração os seguintes objetivos específicos: identificar as imagens e símbolos da família de origem de cada cônjuge; analisar os relatos e as imagens de cada cônjuge acerca da família de origem; analisar os relatos e as imagens de cada cônjuge acerca da relação atual; cotejar as semelhanças e diferenças dessas imagens e símbolos.

Neste estudo, os diferentes temas desta dissertação serão apresentados da seguinte forma:

O capítulo 1 traz os Fundamentos Teóricos que oferecem um suporte para esta pesquisa tendo como base os conceitos de projeção, complexo, *persona/sombra*, *anima/animus* e individuação. Estes têm referência na psicologia junguiana.

O segundo capítulo é dedicado aos estudos acerca das Imagens e Símbolos, o que é essencial por ser um dos focos desta pesquisa. Inicialmente traz uma pequena contextualização histórica da psicologia junguiana.

No terceiro capítulo é abordado o tema do casal e da família tanto em aspectos gerais quanto naquilo que se refere especificamente à influência familiar sobre o casal atual.

O quarto capítulo o Jogo de Areia. Aborda o seu surgimento, a sua aplicação no contexto clínico e a sua utilização pela psicologia junguiana.

O capítulo cinco descreve o Método e as etapas desta pesquisa. Os procedimentos realizados foram o questionário sociodemográfico e o Jogo de Areia. Também relata como foram feitas as análises dos resultados.

O capítulo seis diz respeito à própria pesquisa de campo, com base nas análises dos relatos e nos cenários realizados na caixa de areia através das imagens e dos símbolos. Seguem-se as análises das semelhanças e diferenças entre as imagens e símbolos da família de origem e a relação conjugal atual.

Por fim, as considerações finais apontam as mudanças ocorridas ao longo deste trabalho. Espera-se contribuir para uma maior compreensão dos relacionamentos do casal e que esta pesquisa possa ser um meio de reflexão e motivação para novos estudos acerca do tema.

1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA PSICOLOGIA JUNGUIANA

Neste capítulo, são esclarecidos alguns conceitos a respeito da psicologia junguiana particularmente relevantes às questões abordadas neste estudo. Estes conceitos desempenham papel fundamental na formação da personalidade e no comportamento do indivíduo e, conseqüentemente, do casal.

1.1 PROJEÇÃO

O conceito de projeção é de grande importância no estudo acerca do relacionamento do casal e também em procedimentos expressivos como, por exemplo, o Jogo de Areia, que é utilizado nesta dissertação. Seria impossível um estudo sobre casal sem que o tema da projeção não fosse discutido. De acordo com Von Franz (1999), o termo projeção é utilizado na psicologia tanto por Jung quanto por Freud. Contudo, de formas diferentes: na visão de Freud, uma pessoa que tem um conflito emocional desloca esse conflito para outra coisa e/ou pessoa; já para Jung, essa é apenas uma entre infinitas possibilidades. Características e valores positivos também podem ser projetados. “Como já assinali várias vezes, a projeção não é nenhum ato arbitrário, mas um fenômeno natural e característico da natureza humana” (JUNG, 1990, p. 104). Em outras palavras a projeção:

Significa transferir para um objeto um processo subjetivo. [...] A projeção é portanto um processo de dissimilação em que é tirado do sujeito um conteúdo subjetivo e incorporado de certa forma ao objeto. Pela projeção o sujeito se livra de conteúdos penosos e incompatíveis, mas também de valores positivos que, por qualquer motivo, como, por exemplo, a autoestima, são inacessíveis a ele. (JUNG, 2009, p. 436)

Segundo esta definição, a projeção acontece quando há uma necessidade do sujeito se desligar do objeto. Entretanto, esse processo acontece de forma inconsciente e o indivíduo, muitas vezes, não se dá conta de que ela está acontecendo. Complementando esta ideia: “A projeção é um mecanismo psíquico que ocorre sempre que um aspecto vital de nossa personalidade que desconhecemos é ativado. Quando algo é projetado, vemo-lo fora de nós, como se fizesse parte de outra pessoa e nada tivesse a ver conosco” (SANFORD, 2002, p. 17).

No encontro amoroso, aspectos inconscientes estão envolvidos, pois não é possível que a relação aconteça sem nenhum tipo de projeção.

Se tanto o homem quanto uma mulher projetam suas imagens positivas simultaneamente, temos aquele estado, aparentemente perfeito, de relacionamento conhecido como estarem os dois apaixonados, um estado de fascinação recíproca. Os dois declaram, então, estar apaixonados um pelo outro e se acham firmemente convencidos de que agora encontraram o relacionamento máximo (STEIN, 2006, p. 26).

O fenômeno da projeção pode gerar uma visão irrealista do parceiro(a) que serve de recipiente das imagens internas. Stanford (2002) diz que o indivíduo é impulsionado a viver a fantasia da completude e de integração total do ser. Tal estado emocional só sobrevive no mundo de fantasia, sem o desgaste do cotidiano. A experiência da paixão mostra que somos atraídos pela imagem do deus ou da deusa em nossas almas, o que é, de certo modo, nos apaixonarmos por nós mesmos.

Na relação amorosa nem sempre o casal consegue se distinguir do objeto que é alvo de suas projeções. Para Von Franz (1999), a projeção apresenta uma função: ela precisa realizar seu caminho de volta. “Todo progresso realizado na compreensão mútua e na melhora das relações entre as pessoas depende da retirada das projeções (VON FRANZ, 1999, p. 289).

Com base no que foi dito, acredita-se que quanto mais as projeções tornarem-se conscientes, maior a possibilidade de contato consigo mesmo. O contato com as projeções realizadas no Jogo de Areia pode agregar uma maior consciência tanto dos indivíduos quanto do casal. Jung (2006) afirma que somente com a retirada das projeções pode-se reconhecer que, na verdade, não estamos lidando com algo externo, mas sim com aspectos internos que devem ser percebidos.

1.2 COMPLEXO

O conceito de complexo é um dos pontos centrais da psicologia junguiana e, essa razão, de grande importância para uma compreensão mais profunda da subjetividade humana. Stein (2006) afirma que o ego, também chamado de complexo do eu, representa o núcleo central que rege a consciência e representa o único complexo consciente. De acordo com a definição de Jung (2000), complexo:

É a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência. Esta imagem é dotada de poderosa coerência interior e tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente alto de autonomia [...] Com algum esforço de vontade, pode-se, em geral reprimir o complexo, mas

é impossível negar sua existência, e na primeira ocasião favorável ele volta à tona com toda a sua força original. (JUNG, 2000, p. 31)

Com base no que foi dito acima, o complexo surge na psique como um conteúdo emocionalmente forte, que entra em desacordo com a atitude consciente. O complexo é por característica autônomo, pois a energia provocada pela sua ação resiste à intenção da consciência. Esse aspecto é assustador, já que indivíduo não possui o controle dessas emoções.

Na percepção de Salles (2003), os complexos teriam uma finalidade ao atuarem como uma fonte de canalização de energia psíquica. Para ele, esse núcleo afetivo contém uma carga emocional própria, o que motivou Jung a desenvolver o pensamento teórico sobre os arquétipos. A soma de experiências, mais ou menos com a mesma temática ou carga emocional que pode aparecer em qualquer fase da vida, gera complexos positivos ou negativos e se reflete no comportamento, marcando nossas preferências e aversões. Nas palavras de Whitmont (2008):

Os relacionamentos que nos excitam, nos atraem ou nos repelem personificam os “grandes temas” arquetípicos que foram trazidos à percepção de modo mais ou menos adequado durante a infância por nossos encontros familiares: agora eles nos confrontam ocasionalmente, fazendo com que renovemos antigos encontros ou complementos ou compensemos aquilo que ainda está incompleto. Assim, nossos encontros emocionais com os outros, quando significativos, sempre constelam projeções. (WHITMONT, 2008, p. 118)

Os complexos materno e paterno recebem grande destaque por serem importantes para o desenvolvimento psíquico feminino e masculino. De acordo com Kast (1997), o complexo materno se forma a partir de experiências que o indivíduo tem com a mãe ou com quem desempenha as funções maternas (cuidado, nutrição...). Assim como o complexo paterno é formado a partir das experiências do indivíduo com o pai com ou com quem desempenha essa função (regras, limites...). Na constelação¹ de cada um desses complexos (materno ou paterno), são construídos diversos modos de comportamento que irão “ajudar” ou “atrapalhar” o comportamento do filho(a), a depender se a atmosfera vivida foi positiva ou não, perpetuando-se pela vida futura (KAST, 1997). Ainda de acordo com essa autora, todas as interações entre os seres humanos têm o potencial de se tornarem complexas. Portanto, os complexos retratam os relacionamentos problemáticos, assim como histórias de

¹ Apresenta um alto valor energético na psique.

relacionamento que têm início na infância e as emoções correspondentes a tais relações e episódios. Todo evento semelhante é visto e interpretado de acordo com o complexo e também o reforça.

Esse aspecto irá influenciar de forma decisiva os relacionamentos como um todo, inclusive o relacionamento conjugal. É por meio da consciência de que existe o complexo que a realização do diálogo entre o eu e as imagens e figuras do inconsciente se torna possível. A aceitação dos conteúdos, bem como das emoções provocadas pelo complexo, exige um aprofundamento e, conseqüentemente, um amadurecimento do indivíduo.

Se queremos resolver esses conflitos e ilusões, torna-se necessário compreender a formação dos complexos no passado e aceitar responsabilidade por nossas ações, já que resultam dos complexos no presente. A vida e as pessoas devem ser abordadas através da diferenciação entre as imagens que nos informam (muitas vezes erroneamente) acerca das pessoas e objetos externos, e o significado que deles deve ser extraído, quando considerados como imagens da nossa própria estruturação psíquica interna. Começamos aí a perceber os problemas externos como reflexões ou projeções da nossa própria natureza interna. (WHITMONT, 2008, p. 115)

1.3 PERSONA/SOMBRA

De acordo com Stein (2006), *persona* e *sombra* são estruturas psíquicas complementares constituídas a partir da formação do ego. Essas estruturas podem auxiliar ou prejudicar a adaptação do ego a depender do nível de consciência do indivíduo.

Piere (2002) define *persona* como: “termo latino que indica a máscara que o ator teatral, tanto cômico como trágico, punha no próprio rosto no decorrer da apresentação” (p. 377). Na psicologia junguiana corresponde à maneira de o indivíduo se apresentar na sociedade e é útil na sua adaptação no mundo. Contudo, há o risco da identificação exclusiva com a *persona*, o que pode gerar uma perda de identidade. Stein (2006) relata que uma pessoa que se identifica com seu papel profissional, por exemplo, e mantém esse papel para todas as outras situações da sua vida irá se comportar de forma inadequada. O autor diz ainda que o ideal é que a *persona* seja flexível para que o ego interaja adequadamente. Jung (1991) afirma que: “A *persona* é, pois, um complexo funcional que surgiu por razões de adaptação ou de necessária comodidade, mas que não é idêntico à individualidade. O complexo funcional da *Persona* diz respeito exclusivamente à relação com os objetos” (JUNG, 1991, p. 390).

Ao retirar a “máscara” que o indivíduo sustenta em sua relação com o mundo externo, aparece o outro lado, a face desconhecida: sua *sombra*. Todo ego tem uma *sombra*, e isso é

inevitável. Ao defrontar-se com o mundo e se adaptar com o meio, o ego, de modo involuntário, age através da sombra para executar operações desagradáveis (STEIN, 2006). Ainda de acordo com Stein (2006) “A sombra não é experimentada diretamente pelo ego. Sendo inconsciente, é projetada em outros” (p. 99). E justamente através da projeção da sombra, há uma possibilidade de surgir um conflito. O confronto com o outro poderá servir como um meio para a reflexão acerca de si mesmo(a). Sobre esse aspecto:

A sombra pessoal contém, portanto, todos os tipos de potencialidades não-desenvolvidas e não expressas. Ela é aquela parte do inconsciente que complementa o ego e representa as características que a personalidade consciente recusa-se a admitir e, portanto, negligencia, esquece, enterra, [...] até redescobri-las em confrontos desagradáveis com os outros. (ABRAMS; ZWEIG, 1999, p. 17)

Percebe-se que o que ocorre no indivíduo também ocorre na família. A *persona* e a sombra da família são formadas a partir da convivência. As famílias costumam ter um padrão de comportamento com aspectos que são valorizados, e estes constituem a *persona* familiar. Já os que são desvalorizados e vistos de forma negativa compõem a sombra da família (ZWEIG; WOLF, 2000). “Desta forma, qualquer comportamento pode se tornar um conteúdo de sombra; não é a natureza do material que determina isso, mas sim a forma como os membros da família se relacionam com ele.” (ZWEIG; WOLF, 2000, p. 59)

Constituir-se enquanto casal exige, pois, um mergulho profundo em um mundo sombrio. Assim como a sombra pessoal, a sombra do casal deve ser reconhecida para que o relacionamento conjugal aconteça da forma mais real e verdadeira.

Integrar a sombra presente no casal envolve a aceitação de que o outro é imperfeito, permitindo a ampliação da consciência e possibilitando com isso uma maior liberdade e espontaneidade nas relações consigo mesmo(a) e com o mundo.

1.4 ANIMA/ANIMUS

Anima/Animus são arquétipos e todo ser humano possui um aspecto andrógino. Esta palavra de origem grega (*andros* e *gynos*) significa homem e mulher (EMMA JUNG, 2006).

Esses arquétipos são imagens psíquicas. Estas, segundo Yorio (1996, p.21), dirigem o indivíduo “na busca de alguém que pode representar uma promessa reparatória de vivências passadas, que acabaram por impingir à personalidade uma cisão entre a emergência natural dos elementos inconscientes e sua representação na consciência”. É a figura interior da

mulher contida no homem e a figura interior do homem contida na psique da mulher. Revelam-se como estruturas essenciais que compõem o conteúdo psíquico de homens e mulheres.

O postulado de uma masculinidade recessiva na mulher (o Animus) e feminilidade recessiva no homem (a Anima) são sempre inconscientes e, de fato, operam como personalidades separadas e desconhecidas do sexo oposto que nunca entraram na área de adaptação consciente, e portanto, tendem a funcionar de modo relativamente inferior, primitivo e inadaptado, até se tornarem mais diferenciados por meio do esforço consciente. (WHITMONT, 2008, p. 159)

Ainda de acordo com este autor, faz parte da essência da psique a “dualidade e o conflito: consciente-inconsciente, luz- sombra.” (ibid.) E assim também, o masculino e feminino. Como forma de expressar o funcionamento desse dinamismo psíquico, são utilizados os conceitos de *yin* e *yang*. A palavra *yang* reflete o lado iluminado, solar, quente e que leva a luz para fora. Tem o poder fálico, da divisão e penetração. Já o *yin* representa o frio, escuro, úmido e tem a capacidade de iniciar e gerar. Essas são representações simbólicas e incluem o que é chamado de masculinidade e feminilidade. A leitura desses símbolos reflete a interação concreta dos sexos e seus problemas de relacionamento.

Para Jung (2005), os arquétipos da *anima* e *animus* contêm as estruturas da conjugalidade e do apaixonamento. Funcionam como mediadores entre os conteúdos inconscientes e a consciência e retratam aspectos contrassexuais de homens e mulheres. Além disso, são responsáveis pelas projeções. Contudo, por serem arquétipos, nunca podem ser acessados de maneira direta.

[...] a própria *anima* e o próprio *animus* não o podem [ser integrados], porque são arquétipos; conseqüentemente, a pedra fundamental da totalidade psíquica que transcende as fronteiras da consciência jamais poderá construir-se em objeto da consciência reflexa. As atuações da *anima* e do *animus* podem tornar-se conscientes, mas, em si, são fatores que transcendem o âmbito da consciência, escapando à observação direta e ao arbítrio do indivíduo. Por isso ficam autônomos, apesar da integração dos seus conteúdos, razão pela qual não se deve perdê-los de vista. (JUNG, 1988, p. 18)

Uma das maneiras de vivenciar na vida prática a *anima* e o *animus* se dá “através de uma relação com um parceiro do sexo oposto, porque apenas em tal relação suas projeções se tornam operativas”² (JUNG, 1978a, p. 22).

Para Von Franz (2002), a *anima* é o arquétipo que personifica as tendências psicológicas femininas na psique do homem. Dessa forma, manifesta-se como um conjunto de imagens femininas que foram estruturadas desde a infância. A *anima* atua através dos humores, da capacidade de se relacionar e amar, auxiliando no desenvolvimento da escolha amorosa. A experiência da *anima* no homem e o seu relacionamento com a sua mãe estão estreitamente ligados. Se o homem sente a vivência materna como algo negativo, sua *anima* irá se manifestar de maneira irritada, insegura e depressiva e pode provocar comportamentos apáticos, de impotência e medos relacionados a doenças. Além disso, ele tenderá a ser muito sentimental e melindroso para enfrentar as dificuldades da vida. No entanto, se a experiência foi positiva, o homem será afetado de forma diferente. Pode tornar-se efeminado e/ou dominado por mulheres, mas também gentil, dedicado e dotado de grande criatividade.

Assim como a *anima*, o *animus* também possui um aspecto positivo e negativo e também sofre influência na sua formação pelas imagens masculinas vivenciadas pela mulher desde à infância. Ainda de acordo com Von Franz (2002), o *animus* é influenciado basicamente pelo pai da mulher. Na sua forma negativa, surge através de pensamentos frios e destruidores resultando em comportamentos de passividade e insegurança. Já o lado positivo do *animus* pode provocar a coragem, a iniciativa e honestidade.

É necessário lidar com os conteúdos psíquicos da *anima* e do *animus* para que haja uma oportunidade de se conectar ao núcleo mais profundo da psique representado pelo self³ (VON FRANZ, 2002).

Nas palavras de Yorio (1996, p. 21): “O indivíduo que não consegue tomar para si aquilo que constitui parte do seu mundo interno fica perdido de si mesmo buscando achar-se no outro”. Integrar a *anima* e o *animus* faz parte do processo de individuação. Integrar, psicologicamente falando, significa uma mudança de visão. Os conteúdos da *anima* e do *animus* passam a formar uma unidade com o aspecto psíquico e, estando integrados, são assimilados pela consciência.

1.5 INDIVIDUAÇÃO

² Complementando e atualizando esta afirmação de Jung, Alvarenga (2017) diz que a constelação anímica acontece também nos encontros homoafetivos e homoeróticos, pois essas condições arquetípicas estão presentes tanto no homem quanto na mulher. Ainda de acordo com essa autora, nesses encontros, ora um dos parceiros(as) expressa-se com características anímicas de passividade enquanto o outro expressa-se mais ativo e vice-versa.

³ Na visão psicológica junguiana corresponde à totalidade, um centro que abarca o consciente e o inconsciente. O ego e o self são dois sistemas interdependentes, já que o self só pode se expressar através do ego.

O objetivo de todo esse processo que está sendo relatado neste capítulo é chegar ao self. De acordo com Rabelo (2010), o self é herdado e se refere ao modelo do indivíduo completo. É o padrão de características individuais de cada um.

Entende-se que o processo de individuação acontece ao longo da vida e revela a experiência de integração de aspectos inconscientes levando o indivíduo à realização máxima do seu ser. Nas palavras de Jung (1982), a individuação é:

Um processo de tornar-se cada vez mais o que de fato se é, um ser singular. Esse processo ocupa toda vida, pois exige um desenvolvimento em todos os aspectos: biológico, social, e espiritual. Deve ser empreendido conscientemente e dar lugar à realização da singularidade através de uma gradativa separação da totalidade original, comum a todos os homens, ou seja, quanto mais indivíduo nos tornamos, mais somos capazes de nos perceber como parte de algo maior e ao mesmo tempo manter uma relação significativa com o coletivo da qual fazemos parte. A individuação vai além da simples consciência, pois abrange extratos universais. É o encontro com a nossa singularidade, sem perder a consciência de nossa relação com o todo, que possibilita ao indivíduo assumir um papel atuante e significativo no âmbito social. (JUNG, 1982, p. 49)

Rabelo (2010) diz de forma resumida que, no processo de individuação, a resolução dos complexos, juntamente com o diálogo com os arquétipos, libera uma carga de energia psíquica ligada a eles. Essa energia liberada vai cada vez mais ao fundo do inconsciente, provocando um maior aprofundamento do indivíduo até a sua chegada ao self. A partir disso, já unificada, essa energia irradia-se por toda a personalidade do indivíduo. A totalidade psíquica refere-se a um certo equilíbrio entre o consciente e o inconsciente, o que provoca uma certa sensação de plenitude.

No que se refere à relação conjugal, esse campo relacional pode ser de grande valia para as transformações individuais de cada um, através da retirada das projeções parentais e dos complexos infantis, favorecendo assim o potencial de cada cônjuge. As transformações do sujeito e uma maior consciência de si refletem de forma positiva na relação a dois, já que “a individuação do casamento é a individuação dos cônjuges e, sendo assim, é o que mais dá sentido, vida e espontaneidade a um casamento” (VARGAS, 2004, p. 38).

De acordo com Hewison (2003), é necessário que os parceiros possam lidar com o desligamento das projeções e com o luto de dores emocionais para que aconteçam transformações na relação.

Sem o processo de luto, de manter-se em contato com nossas dificuldades emocionais ligadas a perdas e mudanças, o processo de individuação fica

parado; o relacionamento de um casal que não se desenvolve enquanto os cônjuges envelhecem está condenado a ser fechado, defensivo e incapaz de acomodar mudanças. (HEWISON, 2003, p. 19)

A experiência amorosa pode ser facilitadora como forma de expansão e participação psíquica que enriquece o indivíduo através do confronto e reajustamento interno ao reconhecer partes do outro que são de si próprio. Somente dessa forma é possível viver um relacionamento mais genuíno.

2 IMAGENS E SÍMBOLOS

Neste capítulo são esclarecidos esses dois conceitos teóricos da psicologia junguiana particularmente relevantes por tratarem do núcleo de expressão psíquica e da compreensão das imagens e símbolos investigados nesta dissertação. Para Jung (2001), a psique cria imagens e símbolos com as quais a consciência precisa dialogar.

2.1 IMAGEM

A palavra imagem é de origem latina (*imago*) e significa figura, imitação. De acordo com Houaiss (2002), imagem é a representação ou reprodução mental de uma percepção ou sensação anteriormente experimentada como, por exemplo, uma imagem visual ou a representação mental de um ser imaginário ou uma abstração (ex.: a imagem de um Deus).

Segundo Costa, Alves e Silva (2007), o homem, desde a pré-história, utiliza da imagem-desenho como um meio de se comunicar e de externar seus sentimentos. As pinturas nas cavernas são os registros mais antigos da experiência humana. Na atualidade, o uso da imagem tem sido valorizado em diferentes áreas do conhecimento. Contudo, por muito tempo, a imagem foi colocada em um lugar de menos valia no mundo ocidental e científico ao qual pertencemos.

A concepção do imaginário pelo senso comum geralmente está associada a aspectos relacionados ao que é fictício. De acordo com Durand (2014), a herança socrática, platônica e aristotélica se estabeleceu como o único meio de se chegar à *verdade* baseado na lógica binária e nos fatos.

A partir do século 17, o imaginário passa a ser excluído dos processos intelectuais. O exclusivismo de um único método, o método, “para descobrir a verdade nas ciências” – este é título completo do famoso *Discurso* (1637) de Descartes – invadiu todas as áreas de pesquisa do “verdadeiro” saber. A imagem, produto de uma “casa de loucos”, é abandonada em favor da arte de persuasão dos pregadores, poetas e pintores. (DURAND, 2014, p. 12-13)

Prosseguindo com essa argumentação, no século XVIII, o empirismo fático, que – como o próprio nome já diz – valorizava o fato aliado ao argumento, faz com que o imaginário continue sendo visto como algo irracional. Nesse sentido, por muito tempo, os aspectos relacionados à imagem ocupavam um lugar de desconfiança e desvalorização.

Somente a partir do século XX, autores de diversas áreas do conhecimento passaram a ter interesse pelos assuntos do imaginário fazendo com que essa temática pudesse se descolar da ideia do senso comum e passasse a ser vista como um campo importante da ciência. Esses autores trazem uma nova perspectiva científica que era vista, até então, de forma unilateral e exata, abrindo caminho para a dualidade e, conseqüentemente, para a imagem. Durand (2014) tece importante consideração sobre essa mudança de perspectiva científica na valorização da “imagem”:

Os bastiões da resistência aos valores do imaginário no seio do reino triunfante do cientificismo racionalista foram o Romantismo, o Simbolismo e o Surrealismo. [...] A ideia e as experiências do “funcionamento concreto do pensamento” comprovaram que o psiquismo humano não funciona apenas à luz da percepção imediata e de um encadeamento racional de ideias mas, também, na penumbra ou na noite de um inconsciente, revelando, aqui e ali, as imagens irracionais do sonho, da neurose, ou da criação poética. [...] Por conseguinte, a imagem perde sua desvalorização clássica e deixa de ser uma simples “louca da casa” para transformar-se na chave que dá acesso ao aposento mais secreto e mais recalcado do psiquismo. (DURAND, 2014, p. 35-36)

Sobre esse assunto, nas palavras de Eliade (1991, p. 7): “Começamos a compreender hoje algo que o século XIX não podia nem mesmo pressentir: que o símbolo, o mito, a imagem pertencem à substância da vida espiritual [...] e que jamais poderemos extirpá-los”. Portanto, constitui uma experiência essencialmente humana.

Esse raciocínio dialoga com o de Jung (2000), pois, segundo este, a totalidade da psique abarca conteúdos conscientes e inconscientes e só pode ser traduzida simbolicamente. Ainda de acordo com Eliade (1991, p. 5): “As pesquisas sistemáticas sobre o mecanismo das “mentalidades primitivas” revelaram a importância do simbolismo para o pensamento arcaico e, ao mesmo tempo, o seu papel fundamental na vida de qualquer sociedade tradicional”. Para esse autor, a imaginação corresponde a um bem-estar do indivíduo e também da sociedade. Em suas palavras:

A sabedoria popular muitas vezes exprimiu a importância da imaginação para a própria saúde do indivíduo, para o equilíbrio e a riqueza da sua vida interior. Certas línguas modernas continuam a lamentar aquele a quem “falta imaginação”, como um ser limitado, medíocre, triste, infeliz. Os psicólogos, em primeiro lugar C. G. Jung, mostraram até que ponto os dramas do mundo moderno derivam de um desequilíbrio profundo da psique, tanto individual como coletivo, provocado em grande parte pela esterilização crescente da imaginação. “Ter imaginação” é gozar de uma riqueza interior, de um fluxo ininterrupto e espontâneo de imagens. Porém, espontaneidade não quer dizer

invenção arbitrária. Etimologicamente, “imaginação” está ligada a *imago*, “representação”, “imitação”, a *imitor*, “imitar” reproduzir”. (ELIADE, 1991, p. 16)

Com base nessa argumentação pode-se afirmar que o sujeito individual e histórico (cultural) precisa dar significado à sua existência, simbolizando os acontecimentos da vida, libertando o homem da sua dura realidade em um mundo que, ainda hoje, está distante e, ao mesmo tempo, necessita de algo que alimente sua alma.

A partir do que foi exposto pode-se repensar como o conceito de imagem e sua entrada no mundo científico foram mudando ao longo do tempo. Sant’Anna (2005) considera que, para a psicologia junguiana, os estudos que envolvem a imagem são a matéria-prima da prática clínica. Nesses estudos, os procedimentos mais utilizados são: o relato dos sonhos, a interpretação dos mitos, a imaginação ativa e o Jogo de Areia, pois são recursos que facilitam o acesso ao mundo interno dos sujeitos. Porém, outras práticas como o desenho, a pintura, escultura, entre outras, também são utilizadas. Esses instrumentos possibilitam alcançar o mundo interno e, na visão de Jung, é por meio da reflexão sobre o mundo interno que o indivíduo realiza o trabalho da tomada de consciência dos conteúdos que fazem parte da sua psique e esses instrumentos possibilitam esse processo. Ainda segundo o autor, todas as teorias psicológicas como, por exemplo, Gestalt, Neuropsicologia, Cognitiva, Psicanálise trabalham em diferentes níveis com a imagem, o que muda é a perspectiva psicológica a que cada uma se propõe. Sant’Anna (2005) ainda acrescenta uma crítica pertinente de que: “A formação acadêmica prioriza o aprendizado conceitual por intermédio das várias teorias psicológicas [...] a imagem acaba sendo reduzida aos processos perceptivos ou a um processo patológico. (SANT’ANNA, 2005, p. 29)

Avens (1993) afirma que, em uma visão epistemológica, nossa realidade consiste unicamente de imagens e que tudo que conhecemos se dá pela transmissão das imagens psíquicas.

Para a psicologia junguiana, a imagem não é uma mera representação visual/sensorial: “Imagem é psique” (JUNG, 1983, p. 75). Essa afirmação resume de maneira única a importância deste tema. Por essa razão, é uma das bases que norteiam as considerações abordadas nesta pesquisa. Barcellos (2004, p. 9) complementa o pensamento de Jung afirmando que: “A alma humana é constituída de imagens, ou seja, ela mesma é imagem [...]”.⁴

⁴ A alma, psicologicamente falando, refere-se a como o indivíduo lida com suas vivências internas. De acordo com Hillman (1991, p. 8), a alma é “uma perspectiva, ao contrário de uma substância, um ponto de vista sobre as coisas, mais do que uma coisa em si”.

As imagens cumprem um papel fundamental na obra de Jung. Esse eminente estudioso deu grande destaque às pinturas e desenhos como forma de expor suas vivências internas. Na infância, ao entrar em contato com pinturas as quais lhe causaram encantamento, ele as definiu como “magníficas formas” (JUNG, 1963, p. 29). Essa vivência da imagem irá marcar diversas obras como: “Os arquétipos e o inconsciente coletivo” (2002), em que Jung analisa as pinturas realizadas pela senhora X as quais irá correlacionar com o processo de individuação. Ainda nessa mesma obra, analisa 54 imagens sobre o “simbolismo da mandala” as quais afirma ser uma tentativa de união dos opostos e, por isso, fonte de energia e equilíbrio psíquico. Contudo, é através da publicação do “Livro Vermelho”, ou originalmente chamado de *Liber Novus* ou Livro Novo (2014), povoado de imagens, ilustrações e pinturas feitas pelo próprio Jung em que este expõe seu processo pessoal de transformações psíquicas, elaboradas no decorrer de sua vida.

Como forma de constatar a existência da psique Jung afirma que:

A psique existe embora não sob forma física. É um preconceito quase ridículo a suposição de que a existência só pode ser de natureza corpórea. Na realidade, a única forma de existência de que temos conhecimento imediato é a psíquica. [...] As fantasias existem e podem ser tão reais, nocivas e perigosas quanto os estados físicos. [...] A psique existe, e mais ainda: é a própria existência. (JUNG, 1978b, p. 14)

Podemos afirmar que a imagem se constitui no próprio trabalho da psicologia e ganha maior destaque como objeto de estudo na psicologia junguiana.

De uma forma geral, o diálogo entre os aspectos conscientes e os inconscientes (pessoal e coletivo) forma uma síntese cujo resultado é a imagem. Jung (2011) trabalhou com duas perspectivas de pensamento: o dirigido (ou linguístico) e o sonhar (ou fantasiar). O primeiro é um fenômeno consciente e age sobre a realidade com grande influência da cultura. O fantasiar acontece por meio dos sonhos, dos mitos; afastando-se da realidade lógica. Com base em seus estudos sobre os mitos, Jung percebeu formas universais e coletivas de imaginar e identificou que os arquétipos são encontrados justamente nos conteúdos coletivos. Estes são dotados de grande carga emocional e “traduzem” “modelos” das etapas de vida que são comuns a toda a humanidade. É exatamente nessa reflexão sobre a existência de um inconsciente coletivo e de conteúdos arquetípicos na formação do inconsciente que acontece a grande discordância entre Freud e Jung e a separação definitiva desses dois estudiosos da mente humana. Para Freud, só havia a existência do inconsciente pessoal (produto da

consciência). Jung ampliou este conceito afirmando a importância do inconsciente coletivo já que este contém todas as possibilidades humanas. Para Jung:

[...] O inconsciente é o receptáculo de todas as lembranças perdidas e de todos aqueles conteúdos que ainda são muito débeis para se tornarem conscientes. Estes conteúdos são produzidos pela atividade associativa que dá origem também aos sonhos. Além destes conteúdos devemos considerar também todas aquelas repressões mais ou menos intencionais de pensamentos e impressões incômodas. À soma de todos estes conteúdos dou o nome de inconsciente pessoal. Mas afora esses, no inconsciente encontramos também as qualidades que não foram adquiridas individualmente, mas são herdadas, ou seja, os instintos enquanto impulsos destinados a produzir ações que resultam de uma necessidade interior, sem uma motivação consciente. Devemos incluir também as formas a priori, inatas, de intuição, quais sejam os arquétipos da percepção e da apreensão que são determinantes necessárias e a priori de todos os processos psíquicos. Da mesma maneira que os instintos impelem o homem a adotar uma forma de existência especificamente humana, assim também os arquétipos forçam a percepção e a intuição a assumirem determinados padrões especificamente humanos. Os instintos e os arquétipos formam conjuntamente o inconsciente coletivo. Chama-o de “coletivo”, porque, ao contrário do inconsciente acima definido, não é constituído de conteúdos individuais, isto é, mais ou menos únicos, mas de conteúdos universais e uniformes onde quer que ocorram. O instinto é um fenômeno da natureza coletiva, isto é, universal e uniforme, que nada tem a ver com a individualidade do ser humano. Os arquétipos têm essa mesma qualidade em comum com os instintos, isto é, são também fenômenos coletivos. (JUNG, 2000, p. 36)

Para Jung (2000), há uma relação correspondente entre instinto e arquétipo. O instinto é a parte da psique relacionada aos aspectos físicos, já os arquétipos estariam ligados a um aspecto mais “espiritual”. O instinto e o arquétipo compõem o inconsciente coletivo. Na concepção de Jung, o arquétipo é a “imagem primordial”. Desse modo, as imagens primordiais se referem à forma como o arquétipo se apresenta: a imaginação, fantasia, os mitos e sonhos são uma expressão dos nossos dramas internos. Ainda no dizer de Jung (1975, p. 198): “[...] não deveríamos acreditar que a fantasia é uma coisa que existe independentemente e, por fim, que se possa tomar ao pé da letra. É uma expressão, uma aparência que figura no lugar de uma incógnita que, entretanto, é uma coisa real⁵.” Assim, percebe-se que os trabalhos sobre imaginação⁶ refletem o funcionamento da atividade psíquica e revelam a realidade do indivíduo. Contudo, não é possível acessar o arquétipo de maneira direta. No processo de desenvolvimento psíquico, é necessário que essas imagens

⁵ As fantasias e as imagens são a linguagem do inconsciente. (Afirmção nossa).

⁶ A imaginação está ligada não só a capacidade de acessar as imagens com base na percepção visual de um objeto externo, mas, essencialmente, na capacidade humana de acesso às imagens internas. Estas são chamadas de imaginação ou fantasia e são dados sobre a realidade do indivíduo.

possam ser integradas⁷ através dos símbolos. O “Processo simbólico é uma vivência na imagem e da imagem”. (JUNG, 2002, p. 47) O símbolo revela um aspecto profundo da psique, pois é, ele mesmo, a união de opostos.

Afinal, símbolo é ou não é imagem? A seguir tentaremos elucidar essa questão.

2.2 SÍMBOLO

A palavra símbolo tem origem no vocabulário grego *Symbolon*, e de acordo com Edinger (1995, p. 182), é “aquilo que foi colocado junto”. Com base nessa afirmação, pode-se pensar que por meio dos símbolos é possível uma relação, uma mediação de fatores intrínsecos de oposição psíquica.

Na Grécia antiga, quando dois amigos se separavam, eles quebravam uma moeda ao meio e cada um ficava com uma das metades. Quando um deles, ou alguém de sua família retornava, apresentava a metade de sua moeda àquele que ficara. Se as duas metades se encaixassem, o recém-chegado era reconhecido como amigo (KAST, 2018). O símbolo seria o ponto de encontro. O símbolo seria o ponto de encontro.

Fordham (1957) diferencia os conceitos de imagem e símbolo e alerta que não devem ser confundidos. O símbolo expressa-se através da imagem. Ele observa que, ao visualizarmos um objeto externo, nossos neurônios formam um padrão no córtex e que este padrão é diferente do modelo de observação. Logo, a imagem visualizada vista como uma reprodução fotográfica não é exatamente o objeto. Os neurofisiologistas chamam a imagem formada no córtex de simbólica por esta se aproximar do objeto externo e, com isso, estabelece sua existência mental por indução.

Assim, a imagem é a linguagem fundamental da alma e os símbolos são a chave para a compreensão das imagens (BOECHAT, 2009, p. 21). Com base nesse pensamento, imagem e símbolo andam juntos; mas como uma imagem torna-se símbolo? Aniela Jaffé (2008) desenvolve essa ideia ao dizer que “tudo pode assumir uma significação simbólica” (JAFFÉ, 2008, p. 227), tanto objetos naturais (plantas, animais...), como os fabricados pelo próprio homem (casas, carros...). Ela afirma que, de forma inconsciente, o homem transforma objetos ou formas em símbolos atribuindo-lhes, com isso, uma grande importância psicológica. Ainda sobre esse assunto, Kast (2018) oferece um exemplo de como acontece a passagem de uma

⁷ De acordo com Pieri (2002), o termo integrar refere-se ao “grau de organização da personalidade, sendo a união solidária das diferentes partes psíquicas, entre si, razão pela qual se fala de interconexão entre conteúdos conscientes e inconscientes, entre partes femininas e masculinas da personalidade, e, portanto, entre elementos diversamente opostos entre si”. (PIERI, 2002, p. 271)

imagem ou um mero objeto para um símbolo. A autora traz a situação de uma mulher que perde seu anel de casamento no momento em que faz a limpeza da casa. Procura insistentemente pelo anel, mas não o encontra. Tal acontecimento faz com que ela comece a refletir sobre o significado dessa perda. “Como vou dizer a meu marido?”. O fato começa a despertar um sentimento de culpa e faz surgir novas indagações como, por exemplo, ela não quer mais a relação e sim jogá-la fora com a água suja? Percebe-se que perder o anel ganha um significado.

Doravante, o símbolo do “anel” passa a marcar nitidamente a vida dessa mulher [...]. Escolhi esses exemplos para explicar que o símbolo é, antes de mais nada, um objeto totalmente cotidiano, percebido pelos sentidos, mas aponta para algo enigmático, um significado e um significado excedente, que não pode ser totalmente apreendido no primeiro momento. Portanto, embora seja um objeto cotidiano, um anel contém em si algo enigmático, está ligado a um sentido que pode ser relacionado a uma coisa geral ou abstrata. (KAST, 2018, p.19)

A partir do que foi exposto até aqui, percebemos que “as mesmas imagens que se apresentam a nós como representativas do mundo exterior são subsequentemente usadas pela psique para exprimir o mundo interior” (WHITMONT, 2008, p. 27). A partir do momento em que se considera a imagem do anel uma imagem simbólica, pode-se afirmar que acontece um mergulho profundo do sujeito, no caso a mulher, em sua própria existência e subjetividade. A imagem é compreendida como ponto de partida que traz a possibilidade de um reconhecimento da situação psíquica atual. Podemos afirmar que o símbolo é a imagem que contém significado. O símbolo, a imaginação simbólica e seu dinamismo possibilitam, então, uma diferenciação e o desenvolvimento da consciência pela integração dos opostos em direção a uma totalidade (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1993, p. XIX).

Jung interessou-se pela questão simbólica ao observar que, através da emoção, o símbolo contém a capacidade de transformar a energia psíquica. Em outras palavras:

De um modo geral, quando Jung considera uma imagem, uma ideia ou uma palavra como símbolos, fá-lo na sua qualidade emocional, isto é, segundo o modo em que mobilizam o sujeito. Para designar esta qualidade e esta aptidão, usa o termo “numinosidade”, do latim *numen*. A numinosidade é totalmente alheia à vontade consciente, pois coloca o sujeito em um estado tornado (*ergriffenheit*). A numinosidade é um *Intensitätfaktor*. Corresponde à intensidade com a qual uma representação apodera-se do consciente e faz sentido para ele. Ela é, portanto, sinal de um fenômeno energético. Um símbolo tem capacidade de animar a vida e arrastá-la, porque transforma uma energia psíquica inconsciente em experiência. (HUMBERT, 1985, p. 46)

De acordo com esse pensamento, o símbolo contém uma capacidade energética. O choque entre as polaridades psíquicas (consciente e inconsciente) é mobilizador desta energia, uma vez que desse encontro pode resultar uma nova atitude na vida, um novo direcionamento da libido⁸. Talvez o ponto mais importante do símbolo seja a sua capacidade de transformação psíquica pela emoção. “No processo da imaginação, ganha-se proximidade às emoções, e é quando sentimos verdadeiramente uma emoção que surge a energia da ação.” (KAST, 1997, p. 29)

Nem toda imagem é um símbolo. Muitas vezes é apenas um sinal ou uma alegoria. Jung (1991) postula a diferença desses conceitos:

Toda concepção que explica a expressão simbólica como analogia ou designação abreviada de algo conhecido é semiótica. Uma concepção que explica a expressão simbólica como a melhor formulação possível de algo relativamente desconhecido, não podendo, por isso mesmo, ser mais clara ou característica, é simbólica. Uma concepção que explica a expressão simbólica como paráfrase ou transformação proposital de algo conhecido é alegórica (JUNG, 1991, p. 444).

Conforme o autor, o símbolo é o que melhor expressa um conteúdo desconhecido. É único e individual e ao mesmo tempo compartilha de imagens universais. Os símbolos, de uma forma geral, trazem significado e ampliam a nossa consciência. “A experiência simbólica, portanto, não é feita por nós, mas sim nos *acontece*.”⁹ (WHITMONT, 2008, p. 22) Já os sinais ou signos estão ligados somente ao racional e foram estabelecidos por convenções ou códigos do cotidiano como, por exemplo, um sinal de trânsito.

A consciência tem um papel fundamental na elaboração simbólica. Sobre isso Jacobi (1986) citada por Sant’Anna (2005) afirma que um símbolo força a consciência a estabelecer uma conexão com ele em forma de mediação, contemplação, interpretação etc. Resumindo esta relação, a autora citada por Sant’Anna (2005, p. 31) faz uma síntese sobre como essa conexão da consciência com o símbolo pode ocorrer:

- a) Mediante a aproximação do consciente que o compreende e o torna sentido e reconhecido como pertencente ao eu, sem, contudo, desvendá-lo totalmente, de modo que permaneça vivo e ativo;

⁸ “Quando Jung libertou a psicologia moderna do reduativismo da libido à sexualidade e generalizou o conceito de libido para energia psíquica, **ao mesmo tempo** em que consagrou a imagética como a primordialidade da natureza psíquica, abriu as portas para que todas as dimensões psíquicas tivessem suas raízes nessas duas naturezas comuns: a libidinosa, energética generalizante que subordina e liga as dimensões psíquicas à totalidade do self, e a imagética, que frequentemente expressa a representatividade das partes” (BYINGTON, 1991, p. 84). (Grifo do autor)

⁹ Grifo do autor.

- b) Mediante a completa investigação e exploração, em condições, portanto, de ser plenamente integrado e assimilado pela consciência; assim, porém, perde sua vitalidade e eficácia e transforma-se em uma simples alegoria, signo ou conteúdo sensorialmente unilateral a consciência;
- c) Mediante a oposição ao símbolo, que, completamente incompreendido e rejeitado, associa-se a um complexo e separa-se da consciência do “eu” dando origem a uma dissociação psíquica. Caso ele se torne uma psique parcial autônoma, pode se manifestar na forma de “espíritos”, alucinações, isto é, reais sintomas neuróticos e psicóticos.

Vale ressaltar que o surgimento do símbolo não é uma escolha deliberada da consciência. O que ela faz é dar sentido ao conteúdo simbólico. Com isso, permite que este possa ser elaborado, amplificado e assimilado de modo que o processo possa causar algum tipo de transformação psíquica ao indivíduo.

O símbolo desempenha funções importantes na nossa psique. São elas; a) conexão por ser a ponte entre consciente e inconsciente, b) função substitutiva pela utilização das expressões do inconsciente através das imagens, c) a função transcendental que é a criadora do símbolo e, por último, d) a função transformadora através do trabalho de elaboração simbólica pelo ego que permite equilibrar os aspectos opostos e integrá-los. (PENNA, 2003)

Esta transformação é proporcionada pela função transcendente que é tida como um mecanismo de compensação. Miorim (2006) afirma que:

A função transcendente é um evento arquetípico que possibilita a comunicação entre a consciência e o inconsciente. Normalmente a consciência não permite essa manifestação, seja através da censura ou da crítica, seja porque o material inconsciente é desconhecido e incompatível com os valores da consciência. Para que a expressão ocorra é necessário um estado de consciência especial, uma disponibilidade do ego em permitir um rebaixamento do limiar da percepção, que permita escutar os conteúdos e possibilitar sua expressão (MIORIM, 2006, p. 60).

O pensamento imagético e simbólico é a ponte que une a psique humana a lugares irreconciliáveis na busca eterna e constante de uma *coniunctio oppositorum*,¹⁰ ou seja, da união e da busca de totalidade que, em última análise, é o processo de individuação.

¹⁰ Termo para designar a união de opostos.

3 CASAL E FAMÍLIA

Neste capítulo, o tema do casal e família será abordado primeiramente através dos aspectos sociais e históricos que envolvem esses dois grupos sociais. De acordo com Rabinovich (2016, p. 11): “Assim, no estudo da pessoa, não há como não privilegiar as relações com outros significativos, e, dentre esses, os familiares podem ser pensados como os mais significativos de todos, inclusive em função de sua permanência como tal”. Em seguida, relacionaremos o tema com a psicologia junguiana por ser este referencial teórico central para a abordagem das questões levantadas neste estudo.

3.1 CASAL E FAMÍLIA: ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS

De todas as instituições criadas pelo espírito humano, a família e o casamento foram as únicas que resistiram de forma contínua e indestrutível à marcha inexorável da humanidade.

(LEITE, 1991, p. 3)

A família é um objeto de possíveis múltiplas definições. De acordo com Costa (2009, p. 360), a família é: “Fato complexo, não pode ser explicada nem compreendida por uma única problemática, [...] objeto transversal, aglutinador de fatores simultâneos de influência na sua constituição, funcionalidade e simbolização.”

Para que possamos atingir uma melhor compreensão sobre esse tema e suas transformações, os estudos das relações de casal e família conduzem, *a priori*, a um passeio pela história. A família e o casal revelam-se como experiências essencialmente humanas e, como tais, passaram por grandes mudanças ao longo do tempo.

Faria (2003) relata que, na Grécia, a função básica da família era a procriação e que as relações amorosas, bem como as de pais e filhos, não existiam. Donati (2008), ao se referir às civilizações grega e romana, define a família como: “um agregado natural que coincide com a ‘casa’ (*oikia*) como dupla união, de um homem e de uma mulher (com seus filhos) e entre patrão e escravo (‘domésticos’ de *domus* = casa, ou *famili* de *famuli* = servos)”. Aqui, chama atenção o fato de que a etimologia da palavra “casal”, derivada do latim *casalis*, significa “pertencente a uma casa”; enquanto a palavra “casamento”, do latim *casamentum*, significa “terreno com uma habitação instalada”. Ou seja, as palavras “família”, “casal” e “casamento” possuem a mesma origem. Nesse sentido, “famílias e uniões de casais, ou casamentos, são termos indissociáveis” (TRAVIS, 2003, p. 27).

Somente na Era Medieval, período definido entre os séculos V a XV, a família passou a ter uma função de transmissão das propriedades, além de lugar de procriação, configurando-se como um lugar de herança dos seus descendentes. Aqui começa a haver uma mudança em relação ao casamento, pois com o advento da herança, a união conjugal passa a ocupar um lugar social de preservação do patrimônio. Os casamentos aconteciam por escolha dos pais (AZEVEDO, 2015), ou seja, era um acordo formal mediante o pagamento de um dote (COSTA, 2007). Ao analisar a família nesse período, Ariès (1981) afirma:

Essa família antiga tinha por missão – sentida por todos – a conservação dos bens, a prática comum de um ofício, a ajuda mútua cotidiana num mundo em que um homem, e mais ainda uma mulher, isolados, não podiam sobreviver, e ainda, nos casos de crise, a proteção da honra e das vidas. Ela não tinha função afetiva. Isso não quer dizer que o amor estivesse sempre ausente: ao contrário, ele é muitas vezes reconhecível, em alguns casos desde o noivado, mas geralmente depois do casamento, criado e alimentado pela vida em comum. Mas (e é isso o que importa) o sentimento entre os cônjuges, entre os pais e os filhos não era necessário à existência nem ao equilíbrio da família: se ele existisse, tanto melhor. (ARIÈS, 1981, p. 10)

Assim, para Ariès (1981), o sentimento enquanto faculdade humana existia nas relações em família; contudo, este não era visto como condição essencial para que a família existisse. Dentro dessa realidade, a importância do amor era reduzida e o sexo por prazer não deveria existir, só com o intuito de procriar. Então, o casamento, que inicialmente se referia à formação de um casal, foi igualado pela igreja como sendo a formação de uma família (COSTA, 2007).

Por volta do século XVIII, no Iluminismo, período conhecido como a Idade da Razão, homens e mulheres tinham a preocupação de ocultarem os seus sentimentos e buscavam a

valorização dos direitos e a liberdade do pensamento (LINS, 2012). No final do século XVIII e início do XIX, começa a surgir o casamento por afeto mútuo e compatível sexualmente (COSTA, 2007). Com isso, de acordo com Ariès (1981), a família passou a ser um lugar de privilégio da afetividade. Surge, então, o casamento por amor que, de uma forma geral, está baseado na ideia de que o encontro amoroso pode fazer um ser completo.

Entretanto, mudanças no âmbito social provocaram transformações na família. Por exemplo, a Revolução Industrial, ao provocar a entrada do contingente feminino no mercado de trabalho teve um papel essencial para que a visão social sobre a mulher se alterasse, inclusive dentro da própria família, onde ela passa a ter também a função de provedora. Outro ponto importante para essa nova definição do papel da mulher – e conseqüentemente do casal – foi a nova visão de educação das crianças. De acordo com Saraceno (1997), passou-se a exigir que as mulheres fossem as responsáveis pela educação dos filhos e não mais as amas, que durante muito tempo detinham esta função. Com isso, surgiu o sentimento da maternidade. Para Badinter (1985), a invenção da maternidade, e também a valorização da imagem da mulher associada à maternidade, tem a função de promover valores do amor romântico. Em paralelo a este fato, o papel que o pai ocupava continuava sendo o de poder e autoridade; contudo, por causa dos “novos modelos pedagógicos” e “higiênicos sanitários”, os pais passaram a contar com a ajuda de médicos e padres na forma de gerir a família (SARACENO, 1997, p. 132).

A família sofre transformações na medida em que fatores históricos, científicos, econômicos e sociais se modificam. O conjunto de mudanças na sociedade, envolvendo inúmeros elementos, ocasionou uma profunda alteração na conjuntura familiar, em sua estrutura e papéis, fazendo com que emergissem tanto a mulher quanto a criança como atores (SARACENO, 1997). Esse fato vai, aos poucos, diminuindo as distâncias hierárquicas familiares e fazendo com que novas maneiras de relacionamento, mais igualitárias, estejam surgindo.

Isso se reflete na atividade sexual, o que permitiu que a mulher encontrasse sentido no prazer, e não só na procriação, e ajudou a redefinir a relação do casal. Complementando essa ideia, vemos que: essas “mudanças atingem, simultaneamente, os aspectos institucionais da realidade familiar, bem como as identidades pessoais e as relações mais íntimas entre os membros da família” (PETRINI; ALCÂNTARA; MOREIRA, 2009, p. 261). Com base nessas reflexões e como forma de chamarmos atenção para as transformações sociais e da família ao longo do tempo, Roudinesco (2003) afirma que, a família tradicional se estruturava visando assegurar a transmissão de um patrimônio. Os casamentos eram arranjos, e a

família era submetida à autoridade patriarcal (a um Deus pai). A família representava uma célula estável remetida a um mundo imutável. Já a família “moderna”, fundada no amor romântico, se impõe entre o final do século XVIII e meados do XX e representa uma ruptura com o modelo tradicional. A família moderna é também fruto de outras inovações: a valorização da divisão do trabalho entre os casais e a introdução do Estado como responsável pela educação dos filhos. Em 1960, a família “contemporânea” ou também chamada de “pós-moderna” é vista como “dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual.” (ROUDINESCO, 2003, p. 19)

Desse modo, a família contemporânea valoriza a igualdade das relações, sendo que o casamento ocupa um lugar de destaque. Para Torres (2010), a partir do século XVIII e XIX, a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, através dos seus ideários, valorizaram o fato de que todos nascem livres e possuem os mesmos direitos e deveres. Como reflexo, a dependência total deixa de existir na família conjugal moderna e, dessa forma, é o casamento que funda a família e não o contrário, como acontecia em modelos anteriores em que era a família que impunha o casamento aos seus descendentes.

O casal como centro da família é um fenômeno moderno (ARIÈS, 1981) e, com a valorização do individualismo, o casal tende a ficar autocentrado. Nas palavras de Donati, (2016. p. 27), “aliás, a família é reduzida a casal, como se lê nos sociólogos pós-modernos”.

Na definição de Fêres-Carneiro: “O casamento contemporâneo é sustentado pela ideologia individualista ao mesmo tempo em que a reforça” (2001, p. 74). A característica principal do casal na contemporaneidade é o individualismo. O tema da “individualização” é indissociável do tema da “modernização” (GOMES; DUARTE, 2008, p. 248). A fim de sintetizar essas ideias, Gueiros (2002) afirma:

O casamento e a família sofreram influências das mudanças sociais mais gerais e, principalmente, do movimento feminista, e nas três últimas décadas do século passado, observa-se, no que se refere ao casamento, uma tendência para o debate/embate de questões como: relações de gênero; redefinição dos papéis públicos e privados; comportamento sexual definido segundo o sexo; constituição da mulher como indivíduo e construção da individualidade e da identidade pessoal. Neste contexto, entende-se que as questões cruciais do casamento contemporâneo dizem respeito à dimensão da intimidade e às próprias questões advindas da perspectiva da valorização da individualidade e da necessidade de, ao mesmo tempo, criar-se vínculos de reciprocidade entre o casal. (GUEIROS, 2002, p. 109)

Ainda em relação aos fatores que ajudaram a modificar a forma de nos relacionarmos, o sociólogo Bauman (2004) traz uma interessante visão sobre a influência da tecnologia e do mundo virtual nas relações:

O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais freqüentes e mais banais, mais intensas e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços. Centradas no negócio à mão, estão protegidas da possibilidade de extrapolar e engajar os parceiros além do tempo e do tópico da mensagem digitada e lida – ao contrário daquilo que os relacionamentos humanos, notoriamente difusos e vorazes, são conhecidos por perpetrar. Os contatos exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos e também para serem rompidos. A distância não é obstáculo para se entrar em contato – mas entrar em contato não é obstáculo para se permanecer à parte. Os espasmos da proximidade virtual terminam, idealmente, sem sombras nem sedimentos permanentes. Ela pode ser encerrada, real e metaforicamente, sem nada mais que o apertar de um botão. (BAUMAN, 2004, p. 82)

O casal na contemporaneidade, de certa forma, se vê com uma liberdade nunca antes vista em relação a suas escolhas. Nesse contexto, de liberdade e busca de satisfação individual, o casamento é vivido muitas vezes como uma “promessa de felicidade” e também como um meio através do qual o sujeito possa se realizar. Tudo isso implica em um grande desafio. Como encontrar um equilíbrio entre a realização individual e, ao mesmo tempo, o ato de conjugar? Sobre essa problemática, encontramos algum esclarecimento nas ideias de Féres-Carneiro (2001):

Na contemporaneidade, as relações conjugais são constituídas em torno da construção das identidades dos cônjuges. O compromisso nestas relações é o de sustentar o desenvolvimento individual, e a relação se mantém enquanto for prazeroso e útil para cada um. Todavia, quanto maior a busca de autonomia individual no seio do casamento, mais o casal pode se fragilizar. (FÉRES-CARNEIRO, 2001, p. 69)

Um individualismo exagerado permeia as relações interpessoais, pois se o sujeito olha somente para si, isso interfere diretamente nas relações familiares e, conseqüentemente, no casal. Vieira e Stengel (2010) pontuam que o excesso de liberdade individual pode levar as pessoas a se afastarem do projeto de vida em comum com seu parceiro(a), já que a vontade do indivíduo é soberana.

Partindo da visão desse contexto sócio-histórico, vamos aos poucos entrar no campo da família e suas implicações psicológicas e emocionais no casal. De acordo com o olhar da psicologia sistêmica, encontramos nas palavras de Cerveny (2007) que o casamento é uma das

formas para a construção de vínculos duradouros, uma vez que se refere ao nascimento emocional da família com base na formação de relações de cumplicidade e apego. A definição que a autora traz acerca do casamento como “o nascimento emocional da família” permite pensar que aspectos emocionais influenciam a formação e dinâmica do casal. Podemos ainda refletir: qual a relação de tais questões ante o nascimento de uma nova família?

Sarti (2004) define a família como um mundo de relações. Então, quando um homem e uma mulher se casam, levam para o casamento as influências sociais, culturais, econômicas, científicas da época em que vivem; além disso, bagagens psíquicas, que chamamos aqui de imagens e símbolos das suas famílias de origem. Olhar para a família de origem é uma maneira de conhecer a si mesmo(a).

Cada família é única. Em um casamento, além da família de origem, o olhar volta-se para a família do cônjuge também. Para Woortmann (1987, p. 155), “quando você se casa, casa também com uma família”. Ou seja, além de lidar com o mundo do outro, teremos que lidar com o mundo familiar ao qual este outro pertence. Compartilhando dessa ideia, para Cervený (2007): “[...] as famílias descendem de outras famílias nesta história secular, carregando neste processo intergeracional toda uma carga de crenças, mitos, heranças que funcionam como mantenedoras do passado.” (CERVENÝ, 2007, p. 13)

Por mais que a tendência contemporânea seja admitir que a individualidade é a grande norteadora dos relacionamentos e que, portanto, o casal tende a se afastar da família, não se pode ignorar o quanto é salutar para a sobrevivência emocional e psíquica que possamos visualizar a história à qual pertencemos.

Por fim, sobre a importância de olharmos para esses aspectos citados, nas palavras de Passos (2006, p. 15):

Somos herdeiros do encontro de histórias familiares que nos antecedem e nos marcam psiquicamente. Valores e referências sociais nos são passados de geração em geração e configuram para cada um de nós a marca da singularidade. Por isso, o acesso à história de nossas origens é imprescindível para garantir nossa identidade psíquica e social.

3.2 CASAL E FAMÍLIA: UMA VISÃO JUNGUIANA

O problema do amor faz parte dos grandes sofrimentos da humanidade, e ninguém deveria envergonhar-se do fato de ter que pagar seu tributo a ele.

(JUNG, 1991, § 219)

A família é um terreno repleto de profundas raízes. Somos frutos de uma condição anterior a nós, a qual se reflete em comportamentos e atitudes. As imagens e símbolos como núcleos psicológicos presentes na família são arquetípicos na medida em que são transmitidos de geração em geração, possuem um caráter individual e coletivo, humano e universal. Assim, podemos pensar que a história de vida pessoal está associada a outras histórias. Jung (2015), ao refletir sobre a sua vida e a formação da sua personalidade, traz a perspectiva da profunda influência familiar:

Tenho a forte impressão de estar sob a influência de coisas e problemas que foram deixados incompletos e sem respostas por parte de meus pais, meus avós e outros antepassados. Muitas vezes parece haver numa família um carma impessoal que se transmite dos pais aos filhos. Sempre pensei que teria de responder a questões que o destino já propusera aos meus antepassados, sem que estes lhes houvessem dado qualquer resposta; ou melhor, que deveria terminar ou simplesmente prosseguir, tratando de problemas que as épocas anteriores haviam deixado em suspenso. Por outro lado, é difícil saber se tais problemas são de natureza pessoal ou de natureza geral (coletiva). Parece-me ser, este último, o caso. Enquanto não é reconhecido como tal, um problema coletivo toma sempre a forma pessoal e provoca, ocasionalmente, a ilusão de uma certa desordem no domínio da psique pessoal. Efetivamente, tais perturbações ocorrem na esfera pessoal, mas não são necessariamente primárias: são secundárias e recorrem de uma mudança desfavorável do clima social. Nesse caso, portanto, não se deve procurar a causa da perturbação na ambiência pessoal, mas sim na situação coletiva. (JUNG, 2015, p. 234)

Essa reflexão nos encorajou a trilhar o caminho de investigação desta dissertação. Com base na afirmação do autor, pensamos que as imagens e símbolos psíquicos compartilhados pelos cônjuges irão se refletir na dinâmica do casamento, pois a relação do casal funciona como espelho simbólico de tais influências.

Notamos a escassez de pesquisas que relacionem as influências familiares na relação do casal dentro da perspectiva da psicologia junguiana, o que não ocorre em outras linhas da psicologia como por exemplo, a psicanálise e a psicologia sistêmica, ambas com diversas pesquisas e artigos publicados sobre esse assunto.

Byington (2011) é um dos poucos autores junguianos que falam de uma maneira mais profunda e direta sobre a influência familiar na vida dos indivíduos. Como forma de elucidar o que acontece entre a família e o casal, encontramos em “A família como sistema estruturante do self: um estudo da Psicologia Simbólica Junguiana”, dois termos essenciais para este estudo: o Self Conjugal e o Self Familiar¹¹. O primeiro percebe o casal como

unidade, sendo o resultado da soma dos conteúdos psíquicos (de um e de outro). Esse conceito é importante ao analisarmos o casal como uma unidade psicológica. Em relação ao self familiar, o estudioso afirma que, “O Self Familiar expressa a roda da vida, interagindo simultaneamente de duas a cinco gerações, com a dinâmica arquetípica das relações humanas e a representação existencial do passado, do presente e do futuro” (BYINGTON, 2011, p. 1). Essa definição trazida pelo autor com base na linguagem dos arquétipos afirma que as influências familiares agem sobre as gerações. Ele resume: “Dessa maneira, o conceito de Self Familiar visa perceber a família como um todo sistêmico, em função da representação e da interação psicodinâmica de seus componentes.” (BYINGTON, 2011, p. 2) Com base no que foi dito acima, a visão junguiana da família guia-se pela atuação dos arquétipos dentro de um sistema. Para o autor, existem sete fases da vida e da dinâmica arquetípica familiar. São elas:

- 1- Primeira fase da vida, ou intrauterina. Nesta fase, são ativados símbolos de grande abrangência que afetarão tanto a dinâmica familiar quanto a identidade futura do bebê. Constela¹² na família o Arquétipo Central abrangendo todas as dimensões do self. As transformações corporais afetam a mãe e a vida conjugal.
- 2- A segunda fase da vida. Refere-se à fase do zero aos dois anos. Nesta fase pré-verbal, a criança é afetada diretamente pelo que os pais fazem e não pelo que os pais dizem. Isso revela como eles são e funciona como matriz de imitação na relação do Ego e do Outro.
- 3- A terceira fase da vida. É caracterizada pelo confronto entre os Arquétipos Matriarcal e Patriarcal. Refere-se à fase dos dois aos doze anos e é marcada pela tensão entre a expressão sensual do Arquétipo Materno e a organização do Arquétipo Paterno. A vivência desse período afetará a personalidade individual e os papéis e dinâmica familiar.
- 4- A quarta fase da vida é a adolescência. Acontece entre os doze e vinte anos. Ao desenvolver-se sexualmente, o adolescente começa a disputar a gerência da sua vida com a família. Nesse processo de transição para a vida adulta, os arquétipos matriarcal e patriarcal são ativados. A *anima* e o *animus* também são ativados devido aos arquétipos parentais. Com isso, surge o Arquétipo da Alteridade no qual o(a) adolescente se vê impelido a buscar o Outro.

¹¹ Segundo Byington (2008, p. 1) “Jung denominou Self ao todo consciente e inconsciente da personalidade individual e também ao principal dos arquétipos”. Para evitar a ambiguidade que isso podia causar, esse junguiano passou a chamar “o todo individual de Self” e a denominar “o potencial virtual de Arquétipo Central”. (*ibid.*) Nesta dissertação, sigo a nomenclatura de Byington (2008).

¹² Este termo é usado na psicologia junguiana para designar a ativação de um arquétipo.

- 5- A quinta fase é justamente o período em que acontece, de uma forma geral, a união com o Outro. Corresponde à idade dos vinte aos quarenta anos. Nesta fase, é consolidada a atuação dos arquétipos materno e paterno.
- 6- A sexta fase de vida acontece entre quarenta e sessenta anos, é tida como a fase da maturidade. Esta é a fase em que os papéis da parentalidade e da atividade profissional proporcionaram um amadurecimento da relação do casal. Nesta fase, há preparação para o papel de avós.
- 7- Por fim, a sétima fase começa dos sessenta anos e se estende até o fim da vida. Nesta fase há um enfraquecimento da atuação dos arquétipos parentais. O Arquétipo da Vida e da Morte estão presentes no Self Familiar.

Vamos nos deter na quinta fase por esta corresponder à etapa diretamente ligada ao tema desta pesquisa. Nela acontece a consolidação das atuações arquetípicas matriarcal (nutrição, acolhimento, prazer) e patriarcal (foco, objetivo, organização) no indivíduo. É como se os indivíduos estivessem prontos para a relação amorosa, pois já internalizaram os aspectos maternos e paternos dentro de si.

No artigo de Horschutz (2009), encontramos um estudo sobre a herança psíquica e os legados familiares transmitidos de geração em geração. A autora convida a refletir sobre o “fantasma familiar” e observa que a resolução desse impasse é importante para a vida pessoal, familiar e social. Afirma que a transmissão psíquica ocorre em qualquer ser humano independentemente do sexo, cultura ou meio social. Acrescenta que a apropriação psíquica da vida do outro abre espaço para identificações e repetições. Isso acontece, caso o sujeito não consiga discernir o seu próprio desejo do desejo dos pais. Ainda de acordo com a autora, a herança das gerações baseada em afetos, emoções, traumas, defesas e sintomas é o elemento fundamental da estrutura da psique, e quando o indivíduo consegue se libertar do destino determinado, desenvolve a consciência e pode construir uma história própria.

As situações traumáticas que não conseguiram ser elaboradas passam de uma geração para a outra, pois o processamento psíquico fica impossibilitado, tanto pela dificuldade de simbolização quanto pelo bloqueio das imagens. “Somente quando a pessoa consegue transformar o fato em imagem, em história, ela consegue falar sobre o mesmo e alinhavá-lo e, então, torna-se capaz de elaborá-lo e mudá-lo.” (HORSCHUTZ, 2009, p. 9)

A autora traz em seus escritos, um exemplo da comprovação científica da transmissão psíquica entre as gerações. Cita uma pesquisa feita por uma aluna de Jung, Dra. Furst, que aplicou o método de associação de palavras que havia sido proposto por Jung (1995). O

método consistia em oferecer algumas palavras ao sujeito pesquisado e observar suas reações físicas, as analogias feitas e as associações. Através dessa pesquisa, ele criou a teoria dos complexos ao observar algumas anomalias, como um maior tempo para reagir ao estímulo e as reações a uma palavra com forte carga emocional. Experiências com forte carga emocional podem controlar os pensamentos e comportamentos.

A pesquisa pioneira citada acima chegou às seguintes conclusões: a) os parentes têm uma tendência a mostrar uma concordância em tipos de reações; b) o tipo de reações das crianças estão mais próximos da mãe do que dos do pai; e c) o casamento parece mudar o tipo de associação, mais nas mulheres do que nos homens.

A formação do casal implica uma mudança de papel e, com isso, traz uma perspectiva e uma possibilidade de viver o “novo” através de “uma nova história” e da “formação de uma nova família”. Muitas vezes, o indivíduo carrega uma dificuldade em relação às experiências negativas vividas por ele na família e encontra no casamento a possibilidade de essas experiências serem revividas de uma forma diferente daquela que ocorreu, *a priori*, na sua família de origem. Encontramos em Moore (1994) a seguinte afirmação:

Algumas pessoas acreditam nas imagens de normalidade e mantêm em segredo a corrupção de suas famílias, desejando ter nascido em outra parte, numa terra de bênçãos. Mas o resgate da alma começa quando somos capazes de abrigar o destino de nossa própria família e descobrir nela a matéria bruta, a prima matéria alquímica, para o trabalho com a nossa própria alma. (MOORE, 1994, p. 40)

Em outros casos, o modelo familiar é vivido de forma extremamente motivadora e traz, pelas perspectivas do indivíduo, a necessidade de repetir esses padrões no casamento. Isso faz com que o sujeito não viva a vida de forma autêntica e genuína, pois deseja guiar-se pelo que foi vivido anteriormente. Esse é um grande desafio: equilibrar na vivência conjugal a repetição (modelos da vida familiar) e a criatividade (novas formas de viver a relação).

Hollis (1995) afirma que as famílias, assim como as predisposições genéticas, transmitem sua visão de vida de uma geração para a outra. Formas de ver a vida são repassadas de pais para filhos(as), assim as escolhas se repetem. “Portanto, todos nós vivemos, inconscientemente, reflexos agregados do passado.” (HOLLIS, 1995, p. 18)

Ainda segundo o autor, no modelo junguiano, as atitudes e reações reflexas carregadas de sentimentos estão correlacionadas ao complexo pessoal. Um acontecimento atual pode ser semelhante a algo que aconteceu anteriormente na vida do indivíduo. Então a emoção é análoga e foi desencadeada por um fator histórico ocorrido na vida do sujeito. De todos os

complexos que existem, o materno (ligado à experiência da mãe) e o paterno (ligado à experiência do pai) são os mais poderosos.

Para que o relacionamento aconteça da maneira mais significativa e criativa possível, faz-se necessário adquirirmos consciência sobre nós mesmos. Como afirma Jung (2002, p. 195): “Sempre que tratamos do relacionamento psíquico, pressupomos a consciência. Não existe nenhum relacionamento psíquico entre dois seres humanos, se ambos se encontrarem em estado inconsciente”. Para explicar o que é consciência, encontramos uma afirmação de Stein (2006, p. 24): “[...] A consciência é, muito simplesmente, o estado de conhecimento e entendimento de eventos externos e internos. É o estar desperto e atento, observando e registrando o que acontece no mundo em torno e dentro de cada um de nós”.

A projeção compõe o funcionamento psíquico de todo ser humano. Ter consciência sobre si mesmo(a) não impede que a projeção aconteça. Contudo, o nível de consciência irá interferir na forma que a projeção irá atuar e influenciar nos relacionamentos. De acordo com Yorio (1996), dois aspectos distintos acontecem na projeção – criativo e defensivo –, e um pode se sobrepor ao outro. A autora explica que, na projeção defensiva, o indivíduo busca encontrar alguém que possa reparar suas demandas inconscientes. A projeção criativa implica uma separação e um distanciamento, e isso faz com que o outro possa ser visto de maneira mais objetiva e real.

Von Franz (1999, p. 261), ao explicar esse fenômeno no âmbito da psicoterapia, observa: “Muitas projeções que têm origem nos relacionamentos familiares entram na transferência – a transferência das imagens do pai e da mãe, bem como das do irmão e da irmã – e isso cria uma atração erótica irrealista obscurecida por exigências e preconceitos infantis.”

Assim, como acontece nas paixões e, por que não dizer, na escolha do parceiro amoroso, a projeção pode significar uma necessidade psíquica de integrar conteúdos até então inconscientes.

O que acontece é que, no encontro amoroso, os arquétipos da *anima* e do *animus* são ativados. Singer (1991), de forma resumida e baseado no pensamento de Jung, afirma:

Anima, a palavra latina para “alma”, é do gênero feminino; refere-se ao elemento feminino que existe no homem e que, segundo Jung, permanece em grande parte inconsciente. Como a consciência “normal” do homem é preponderantemente masculina, sua alma, ou anima, torna-se receptáculo dos processos inconscientes que nele ocorrem constantemente. Da mesma forma, Jung postulou sua alma masculina, ou animus, para a mulher, como portadora de seu inconsciente. Anima e animus são os opostos contrassexuais que formam a base da teoria psicosexual de Jung [...]. (SINGER, 1991, p. 45)

Esses conteúdos influenciam na vida do casal através das fantasias e visão de vida em relação ao amor. As expectativas em relação ao parceiro(a) estão relacionadas a estas imagens e símbolos do inconsciente. Para o desenvolvimento do relacionamento na direção do amadurecimento, é necessário que esses conteúdos projetados no parceiro(a) sejam conscientizados por cada um, já que são capazes de ativar complexos (conjunto de imagens com alto teor afetivo) ligados a experiências arquetípicas personificadas pelos membros da família (complexo materno, paterno, fraterno...). “O confronto das feridas de cada um é inevitável, mas não há crescimento sem destacar o complexo do outro, ao invés de identificar-se com ele. Ter consciência abre possibilidade para cada um lidar melhor com seus próprios complexos e transcendê-los.” (PESSOA, 2011, p. 51)

Ao refletirmos sobre isso, percebemos que de fato o casamento pode ser uma via facilitadora para um maior contato e aprofundamento consigo mesmo. Ou seja, tem a capacidade de estimular que o indivíduo possa alcançar a meta máxima de sua existência psicológica, que é denominada por Jung de individuação. Em outras palavras, “a individuação é o caminho que busca a realização dos potenciais do indivíduo no sentido mais pleno possível” (ALBERT, 2008, p. 35). Jung (1997) pontua a diferença entre individualismo e individuação:

Individualismo significa acentuar e dar ênfase deliberada a supostas peculiaridades, em oposição a considerações e obrigações coletivas. A individuação, no entanto, significa precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social [...] em outras palavras, é um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é. (JUNG, 1997, p. 49-50)

Na atualidade, a preferência ao individualismo tem se sobreposto a um sentido mais amplo e significativo do que venha a ser a união conjugal. As transformações do indivíduo e uma maior consciência de si refletem de forma positiva na relação a dois, desde que “a individuação do casamento [seja] a individuação dos cônjuges e, sendo assim, [...] o que mais dá sentido, vida e espontaneidade a um casamento” (VARGAS, 2004, p. 38).

Este estudo convocou as imagens e símbolos da família como sendo um convite instigante e misterioso para acessarmos, arquetipicamente falando, a família humana. Entretanto, o processo de individuação obriga o sujeito a distanciar-se das imagens (projeções, complexos.) dessa família; afinal, “encarnar-se numa família significa também aí

se singularizar. Trata-se então de fazer com que a singularidade seja reconhecida no que ela tem de insubstituível” (PIERRON, 2009, p. 229)¹³. Assim, a relação conjugal poderá ser vivida como potencial criativo e transformador.

Terminamos este capítulo com a seguinte questão: Será que o casamento abriga não só as imagens e símbolos da família de origem de cada cônjuge, mas também aos relacionados à família genealógica¹⁴ de cada um? Para finalizar, a reflexão de Jung:

Em princípio sou a favor que os filhos se separem dos pais tão logo seja possível e quando tiverem alcançado uma idade madura. Os pais devem saber que eles são árvores cujas frutas caem no outono. Os filhos não pertencem aos pais, e só procedem dos pais aparentemente. Na realidade, provêm de uma estirpe secular, ou melhor, de muitas estirpes e são para os pais tão característicos quanto uma maçã para um pinheiro. Não deveria haver outra dependência além da obrigação humana de eventualmente cuidar dos pais idosos e de manter com eles uma relação amistosa; pois a geração jovem tem de começar a vida do início e só pode incumbir-se do passado em caso de grande necessidade. (JUNG, 1999, p. 229)

¹³ Tradução do francês realizada pela prof^a. Elaine P. Rabinovich.

¹⁴ Refiro-me aqui à ancestralidade.

4 JOGO DE AREIA

Este capítulo aborda o surgimento do Jogo de Areia no contexto da psicologia e a utilização desse material como instrumento projetivo e facilitador ao acesso às imagens simbólicas.

4.1 JOGO DE AREIA: HISTÓRICO E CONCEITO

Segundo Weinrib (1993), a responsável pela criação do Jogo de Areia foi a psiquiatra freudiana Margaret Lowenfeld (1958), que, em 1935, publicou o livro denominado *World Techniques: play in childhood* (Técnicas do Mundo: brincadeiras na infância). Dora Kalff (1980) interessou-se pela criação de Lowenfeld (1958) e foi para Londres estudar. Ao retornar à Suíça, a analista começou a trabalhar com crianças e percebeu que as figuras escolhidas por elas representavam a sua situação psíquica. Posteriormente, trabalhou com adultos e criou sua própria versão para o trabalho na caixa- de- areia ao acrescentar conceitos da teoria junguiana, sendo a responsável por desenvolver este método.

É importante ressaltar que a autora teve o apoio do próprio Jung, considerado o pioneiro dentro de sua própria linha teórica a se relacionar com a terapia na caixa de areia. Em sua autobiografia “Memórias, sonhos e reflexões” (2006), Jung relata um período em que as

imagens e fantasias estavam lhe causando uma espécie de desequilíbrio psíquico. Essas fantasias o atormentavam, já que nessa época, a separação entre ele e Freud havia ocorrido, e essas fantasias o atormentavam. Em busca de reestabelecer seu equilíbrio psíquico, buscou nas lembranças da sua infância que lhe causou uma grande emoção. Lembrou que costumava construir castelos e casas de pedra. Essa repentina lembrança lúdica provocou alguma modificação na sua função psíquica, o que se refletiu na melhora do seu humor. A partir desse momento, Jung passou a “brincar” todos os dias antes de atender seus pacientes, pois percebeu que a fantasia e a imaginação podem nos libertar da “pequenez”. (JUNG, 2007). Conforme acrescentou: “O homem, como diz Schiller, ‘só é totalmente homem, quando brinca’” (JUNG, 2007, p. 43).

Essa experiência possibilitou que o autor entrasse em contato novamente com a sua criatividade, que até então estivera estagnada devido ao seu sofrimento. A partir daí, ele passa a registrar suas imagens e fantasias:

Na medida em que conseguia traduzir as emoções em imagens, isto é, ao encontrar as imagens que se ocultavam nas emoções, eu readquiria a paz interior. Se tivesse permanecido no plano das emoções, eu possivelmente teria sido dilacerado pelos conteúdos inconscientes. Ou, talvez, se os tivesse reprimido, seria fatalmente vítima de uma neurose e os conteúdos do inconsciente destruir-me-iam do mesmo modo. Minha experiência ensinou-me o quanto é salutar, do ponto de vista terapêutico, tornar conscientes as imagens que residem por trás das emoções. (JUNG, 2006, p. 158)

Com base no relato exposto, Weinrib (1993) considera que essa experiência de Jung é a base do trabalho do Jogo de Areia já que este utiliza matérias que permitem a exteriorização e concretização das imagens e das emoções até então inconscientes, possibilitando a compreensão simbólica.

Para Kalf (1980 citada por FRANCO; BATISTA PINTO, 2003, p. 96) o Jogo de Areia “não é apenas um método de terapia, mas um meio ativo através do qual os conteúdos da imaginação são feitos reais e visíveis”. Com base nessa afirmação, percebe-se que os aspectos que essa pesquisa deseja investigar (imagens simbólicas do casal e família) podem ser projetados e visualizados na caixa.

De uma forma geral, a proposta criada por Kalf é que a pessoa escolha dentre as figuras expostas na prateleira alguma(s) que lhe chamem atenção. Isso possibilita ao indivíduo um mergulho no mundo lúdico e criativo e permite o acesso a um aspecto da sua própria vida de forma não racional, imagética e simbólica.

Com a intenção de ilustrar como esse trabalho acontece, Weinrib (1993) apresenta o relato de uma paciente:

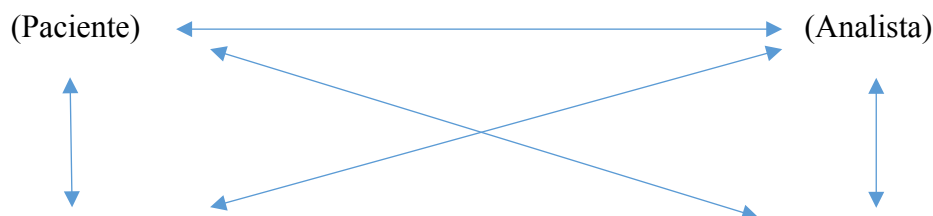
Você escolhe um objeto, coloca-o na caixa e se torna mais consciente de um sentimento. A caixa torna-se uma extensão de você mesma. Eu sei o que é certo para colocar nela. Se não parecer direito, eu retiro. Ela torna meus sentimentos acessíveis a mim mesma, me ajuda a distingui-los. Ela me diz que eu tenho um sentimento – esteja ou não celebrando alguma coisa. Eu sei como me sinto quando faço um cenário. Ele me conta. Assemelha-se a um diálogo silencioso entre mim e eu mesma... (WEINRIB, 1993, 39-40)

Dora Kalff partiu da hipótese de que o Jogo de Areia proporciona um “espaço livre e protegido”, o que possibilitaria a constelação do *Self*, que é considerado o centro regulador da psique. De certa forma, o equilíbrio psíquico depende da relação do ego (consciente) e *self* (inconsciente). O confronto entre essas duas instâncias psíquicas faz parte do processo de desenvolvimento psicológico do indivíduo. E o Jogo de Areia seria um meio para acolher e entender os símbolos que emergem dessa dualidade. Ammann (2004, p. 36) considera que “um cenário de areia também é uma espécie de jardim da alma, onde o dentro e o fora se encontram. Nele uma pessoa pode observar e apreender a reciprocidade entre mundo interno e mundo externo, dentro de um espaço protegido.”

A criação de Kalff nasceu em um contexto clínico. Por essa razão, o tema da transferência é essencial. Sobre esse aspecto, a autora lidou de forma análoga à visão analítica de Jung, na qual o instrumento só funciona na presença de outra pessoa que pode observar o processo e acolher o paciente. Além disso, ambos os indivíduos (terapeuta e paciente) estão envolvidos na relação que é expressa diretamente na caixa de areia. O essencial é a habilidade do terapeuta para assimilar o sentimento e a atmosfera do processo e dos cenários (WEINRIB, 1993, p. 39).

Como forma de visualizar os aspectos da transferência, Jung criou um modelo, que posteriormente foi adaptado por Jacob (2004), denominado de matrimônio quatérnio, para ilustrar o relacionamento entre o paciente e o analista.

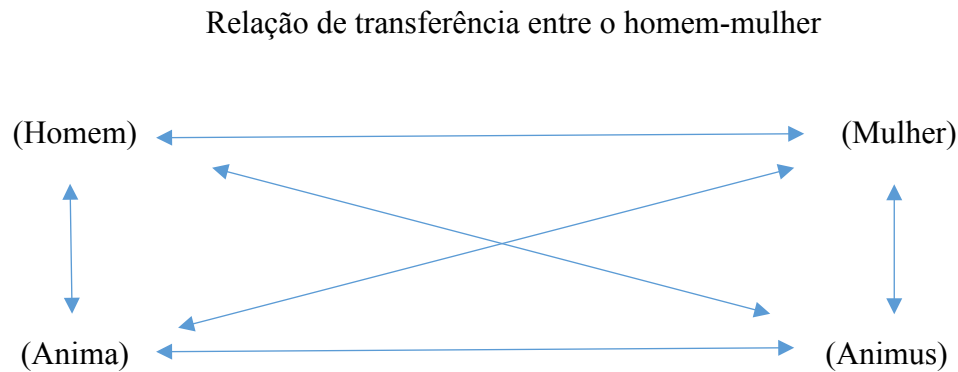
Relação de transferência paciente-analista



(inconsciente) ←————→ (inconsciente)

Fonte: Jacoby (1984). (Adaptação feita pelo autor a partir de modelo criado por Jung).

Além da relação citada acima, o modelo do matrimônio quaternário pode ser utilizado para ilustrar a relação do homem e mulher:



Fonte: Modificada por esta pesquisadora a partir do modelo de Jacoby (1984).

Esta configuração remete ao modelo da caixa de areia. No continente da caixa, percebem-se as diversas interações que acontecem no relacionamento. Em relação à utilização do Jogo de Areia com casais, objetivo desta dissertação, Boik e Goodwin (2000) afirmam que este instrumento proporciona ao casal “testemunhar e explorar” a maneira como a individualidade de cada cônjuge pode contribuir ou não para a relação. Este fato poderá causar um melhor entendimento do parceiro(a). Percebe-se o Jogo de Areia como um caminho possível para o acesso a conflitos, traumas, potencialidades e dificuldades na relação, como um meio para tomada de consciência de aspectos até então inconscientes que pode propiciar um conhecimento mais amplo sobre o relacionamento.

O Jogo de Areia demonstrou-se um recurso importante para ser utilizado em avaliação da dinâmica conjugal, pois revela os padrões de interação do casal. O indivíduo é capaz de refletir acerca das imagens simbólicas presentes no cenário, o que possibilita uma abertura para um maior entendimento do seu mundo interior, em decorrência do acesso a suas crenças, valores e afetos. A partir do encontro entre o sujeito e o objeto no Jogo de Areia, ocorre um meio facilitador para que essa síntese aconteça. Em outras palavras, a “ativação das emoções e dos sentimentos, a força imaginativa e o contato com a realidade se unem para compor a imagem do cenário.” (AMMANN, 2004, p. 30)

Franco (2003) afirma que o termo mais adequado para *Sandplay* é Jogo de Areia, como por nós adotado. Não só pela tradução em si, mas pela importância da palavra “jogo” e da historicidade do brincar na prática clínica. O Jogo de Areia, de uma forma geral, enfatiza o

lado lúdico e criativo. Faz-se necessário distinguir a caixa de areia enquanto o espaço físico onde o jogo acontece e o Jogo de Areia, que é visto como um espaço de interação em que são apresentados ao sujeito estímulos que possam facilitar a expressão de seus sentimentos, fantasias e imagens; esse contexto proporciona a simbolização tridimensional.

Outro ponto relevante é que, nos escritos de Kalff (1980) e de seus seguidores, o Jogo de Areia ora é considerado como *método* não verbal e terapêutico em si (considera-se apenas a construção dos cenários sem interpretação), ora como um *método* incluído em processos terapêuticos tradicionais, intercalando sessões verbais e trabalho com sonhos.

Como forma de resumir esta descrição, para Weinrib (1993, p. 78-79) o Jogo de Areia é uma modalidade capaz de:

- a) Possibilitar o acesso ao mundo interno e lúdico arquetipicamente de forma profunda e funciona como ponte para o mundo externo.
- b) Possibilitar que pessoas com dificuldades de expressão possam se comunicar de uma maneira não verbal.
- c) Poder canalizar ou transformar a energia psíquica bloqueada.
- d) Estimular a capacidade criativa.

4.2 CAIXA DE AREIA

A caixa de areia tem o formato retangular de 72 cm de comprimento, 50 cm de altura e 7,5 cm de profundidade. De acordo com Ammann (2004), essas medidas correspondem ao campo de visão do indivíduo em frente à caixa de areia. Além disso, o formato retangular provoca tensão e uma necessidade de movimento e parece estimular melhor os conflitos. O fundo da caixa é pintado de azul, o que favorece a representação da água.

4.2.1 Areia

Scoz (2004) informa que na língua inglesa a palavra *sand*, cuja a tradução é areia, assemelha-se a *send*, que significa enviar, mandar uma mensagem. Na sua raiz etimológica, a areia já traz em si uma ideia de transmissão. O grão de areia que um dia foi rocha representa a ação do tempo e da eternidade.

Dora Kalff (1980) pontuou que a areia, de um modo geral, é lúdica e estimularia a criação de formas e cenas, proporcionando o acesso à criatividade e imaginação. Pode remeter o indivíduo a lembranças da sua infância e também proporciona sensações táteis. A areia tem sido utilizada pelo homem como forma de expressão não verbal ao longo da história. Tem sua origem nas tribos primitivas:

O uso da areia para gravar imagens internas tem uma longa história. Os precursores do *Sandplay* seriam as tribos primitivas, que desenhavam círculos mágicos de proteção na areia, como os *navahos* e *hopis*, os *desaueños* e *liseños*. Os navahos utilizavam-na nas cerimônias de cura e iniciação. As pinturas na areia eram figuras tradicionais de animais, plantas, formas da natureza, como raios, vento, trovões, e deuses e deusas. A pessoa sentava-se na pintura, cercada por um círculo de proteção e, como parte do ritual, despejava-se nela um punhado da areia, de um determinado desenho, que se relacionasse de alguma forma à enfermidade pela qual estava passando, ou, simplesmente, ligada ao ritual. Eles acreditavam que a areia tinha propriedades curativas. Dessa forma, a pessoa absorveria essa propriedade, e, por sua vez, a areia absorveria o mal que estava nela. (GIMENEZ, 2009, p. 129)

O homem primitivo de maneira intuitiva percebeu que a expressão na areia permitia, de certo modo, uma elaboração das suas vivências à medida que dava forma concreta às suas fantasias.

No que se refere à sua utilização a areia deve ser purificada de impurezas e detritos. Deve cobrir metade da altura da caixa e pode ser utilizada seca ou molhada.

Nota-se a importância de estudos e pesquisas que possam aprofundar a relação do papel da areia nas emoções.

4.2.2 Mãos

Para a maioria das pessoas é difícil traduzir os sentimentos em palavras. As mãos são um elo condutor para uma união de aspectos internos e externos.

Não temos palavras, mas temos outras possibilidades de expressão. Podemos cantar, dançar, contar, pintar e representar criativamente o que nos toca. Podemos estabelecer conexões com outras pessoas não somente por meio da linguagem verbal, mas também por meio do corpo, especialmente das mãos. As mãos formam uma ponte entre nosso mundo interno e externo. Com as mãos podemos fazer carinho e bater, podemos trabalhar, construir, transformar e criar. As mãos são mediadoras entre o espírito e matéria, entre imaginação interna e criação concreta. Pela ação das mãos as energias existentes se tornam visíveis (AMMANN, 2004, p. 22).

O símbolo das mãos possui diversos significados. Chevalier e Gheerbrant (1993) entendem que, às vezes, as mãos podem ser comparadas com os olhos, pois elas veem. Ou seja, simbolicamente falando, são um meio de tomar consciência.

4.2.3 Miniaturas

Na construção do cenário na areia, são utilizadas figuras em miniatura que possam representar o maior número possível de tudo que existe no mundo. Ou seja: pessoas, plantas, meios de transporte, edificações, animais, alimentos, mobílias, entre outras. Além dessas, miniaturas que representem o mundo religioso e espiritual, como: imagens de santos, orixás, bruxas, personagens míticos... Assim, nas palavras de Weinrib (1993, p. 37): “as miniaturas servem para encarnar imagens arquetípicas num tamanho e formato manuseáveis, dentro de um ambiente protegido. Configura-se como uma forma possível de concretizar essas imagens extraíndo o seu sentido através do símbolo.”

O material deve estar disponível para que o indivíduo possa visualizar e entrar em contato com as miniaturas que geralmente ficam expostas em prateleiras. Estas são escolhidas e transportadas para a areia a fim de criar o cenário que melhor represente as imagens e símbolos internos do indivíduo.

4.3 SLIDES E FOTOGRAFIAS

No trabalho com o Jogo de Areia, após a finalização dos cenários, as cenas são fotografadas em forma de *slides* e apresentadas em um momento posterior para que o indivíduo possa ligar essas imagens aos conteúdos da sua vida. Nas palavras de Weinrib (1993), os *slides* podem facilitar o reconhecimento do sujeito e os significados simbólicos dos cenários, já que a retrospectiva das fotos ajuda a concretizar a experiência com o inconsciente. Esses registros também podem ser feitos por meio de fotografia.

4.4 JOGO DE AREIA: CONSIDERAÇÕES

Para a realização do presente estudo no meio acadêmico, não encontramos uma pesquisa que correlacionasse o *imaginário familiar* e o *casal* na psicologia junguiana empregando o Jogo de Areia com recurso de investigação. Encontramos um artigo denominado “O jogo de areia em terapia conjugal: uma proposta de intervenção”, dos autores Carvalho e Sant’Anna (2000). Eles realizaram um trabalho de pesquisa qualitativa com base em um estudo de caso partindo da hipótese de que o Jogo de Areia é um instrumento terapêutico que pode contribuir para a vivência dialética entre o casal por facilitar a expressão simbólica do mundo interno e também permitir a representação de aspectos pertinentes à realidade objetiva.

O objetivo foi investigar a viabilidade do uso do Jogo de Areia em terapia de casal como um recurso não verbal com finalidades exploratórias e terapêuticas, a partir de uma abordagem junguiana da conjugalidade. Para tal fim, foram utilizados os seguintes instrumentos: entrevista, genograma e o Jogo de Areia.

Como forma de atingir os objetivos, os autores realizaram uma pesquisa teórica com um estudo de caso. Ao verificarem a escassez bibliográfica envolvendo o tema, buscaram comparações com outros recursos utilizados na terapia familiar como o Scenotest, por este apresentar algumas semelhanças com o Jogo de Areia.

O perfil do casal tinha os seguintes critérios: período de união entre um e sete anos, ausência de filhos, classe socioeconômica média e escolaridade mínima de ensino fundamental.

Os sujeitos da referida pesquisa foram um casal heterossexual, sem filhos e vivendo há um ano e três meses em união do tipo consensual. Os dados obtidos demonstraram que elementos significativos para o casal foram simbolizados no cenário na caixa de areia. Os autores concluíram que recurso do Jogo de Areia demonstrou ser importante na avaliação da dinâmica conjugal ao revelar os padrões de interação do casal. Apesar dos dados não serem conclusivos, esse instrumento mostrou-se valioso.

Em sua dissertação de mestrado, Albert (2008) aborda o tema da infertilidade na relação conjugal. A pesquisa intitulada “Infertilidade na relação conjugal: uma pesquisa na abordagem junguiana utilizando a terapia breve com o sandplay” buscou investigar os conflitos que surgem com casais que receberam o diagnóstico de infertilidade. A autora partiu da hipótese de que a infertilidade não é um problema individual apenas, mas também conjugal. Para tal fim, essa pesquisa utilizou o método qualitativo e como procedimento a terapia breve e utilizou como instrumentos, o genograma e o *Sandplay*. Sua pesquisa adotou o método qualitativo e utilizou a terapia breve como procedimento e o genograma e o *Sandplay* como instrumentos.

Foram escolhidos casais com diagnóstico médico de infertilidade que tivessem mais de cinco anos de casados. Os casais selecionados para tal pesquisa não tinham filhos (biológicos/adotivos) de relações anteriores; tinham idade entre 30 e 40 anos. Os dados obtidos demonstraram que a terapia breve pode ser eficaz para lidar com questões oriundas da infertilidade conjugal. O genograma e o *Sandplay* mostraram-se adequados na identificação de conflitos de casais inférteis.

A terapia na caixa de areia parece ser um meio facilitador para a visualização da situação psíquica não só do sujeito de forma individual, mas também do casal. Contudo, reconhece-se a necessidade de ampliar o conhecimento com base em pesquisas e estudos, pois o Jogo de Areia no contexto da conjugalidade e da família ainda é pouco pesquisado.

Por fim, sobre esse instrumento, trazemos as palavras de Weinrib (1993):

A terapia na caixa-de-areia parece oferecer uma união metafórica do masculino e feminino, já que combina mente/espírito e corpo, elementos masculino e feminino: a terra feminina material é trabalhada pela mente masculina imaterial; a ideia ou a abstração masculina recebem uma expressão feminina concreta; a consciência e o inconsciente se encontram concretamente. (WEINRIB, 1993, p. 68)

5 MÉTODO

5.1 CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO

Esta pesquisa teve como foco acessar as imagens e os símbolos da vivência familiar de cada cônjuge e como estes elementos influenciam a relação atual. Para isso, baseou-se na bibliografia disponível sobre o Jogo de Areia e na visão da psicologia junguiana.

A presente pesquisa tem caráter qualitativo dado que esse tipo de abordagem permite a interpretação bem como a compreensão dos fenômenos psíquicos. De acordo com Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa interpreta o mundo de acordo com o significado dado pelas pessoas. Em suas palavras:

Consiste em um conjunto de práticas matéricas e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos

significados que as pessoas a eles conferem. (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17)

Esse processo é vivo e dinâmico e por ser reflexo da troca entre o pesquisador e o seu objeto de estudo; no caso desta pesquisa, imagens e símbolos utilizados pelos cônjuges.

Segundo Penna (2009), “Os símbolos, como ponte epistemológica entre consciente e inconsciente, são o fenômeno psíquico passível de investigação” (PENNA, 2009, p. 87). Ainda de acordo com a autora, um suporte metodológico será necessário para que o fenômeno simbólico possa ser compreendido. Ainda de acordo com o argumento de Penna (2009) as representações simbólicas são passíveis de serem analisadas “[...] No processo de pesquisa, a tarefa do pesquisador é manejar a captação e o processamento dos símbolos investigados desde sua apreensão (coleta) até sua compreensão (análise)” (PENNA, 2009, p. 163).

Esta pesquisa elegeu o Jogo de Areia como um recurso técnico capaz de acessar aspectos emocionais conscientes e inconscientes ligados às imagens e símbolos que cada cônjuge tem acerca da sua família de origem e como estas influenciam a dinâmica da conjugalidade atual. Um aspecto relevante a ser apontado no que se refere ao método qualitativo é que as observações feitas durante a construção dos cenários e os relatos feitos pelos cônjuges durante a sua realização foram utilizados para a análise e compreensão dos dados. “[...] A relação de troca dinâmica e transformadora, estabelecida entre o sistema observador e o sistema observado, caracteriza seu aspecto dialético. O aspecto construtivo reside no fato de que o conhecimento é forjado desde a situação de observação” (PENNA, 2003, p. 195).

A pesquisa em questão tem caráter exploratório. Segundo Gil (1999), os pesquisadores terão novos caminhos criativos sobre o tema e uma possível sistematização de novas hipóteses de estudo a partir do que já foi produzido. Além disso, adotou o estudo de casos múltiplos como estratégia de pesquisa, o que envolve mais do que dois sujeitos e também permite uma análise mais detalhada destes. De acordo com Yin (2001), o estudo de casos múltiplos exige mais tempo e também recursos; contudo, os resultados dessa estratégia são mais convincentes.

Jogo de Areia, utilizado como *técnica*, é focado na realização dos cenários como foi realizado nesta dissertação. Funcionou como *instrumento técnico de acesso ao fenômeno*. Deve-se salientar que, embora a entrevista não tivesse uma condução interpretativa, devido ao caráter projetivo do instrumento, sua utilização utilizou-se do viés interpretativo.

O Jogo de Areia permite uma visão mais global, reflexiva e vivencial do sujeito tendo na análise dos cenários, o campo favorável à representação de conteúdos profundos da psique do indivíduo e também do casal. Por seu caráter lúdico, esse brincar com imagens e símbolos

permite que o sujeito se conecte com seu mundo interno. Com isso, nota-se que acontece uma conexão com elementos internos e externos e que a confrontação desses conteúdos pode levar a uma ampliação da consciência. (KALFF, 1980; WEINRIB, 1993; AMMANN, 2004; FRANCO, 2003)

O foco desta pesquisa está direcionado às imagens e símbolos da família e ao modo como esses conteúdos influenciam na relação dos cônjuges na atualidade. Não tem a intenção de verificar todas as influências da família de origem na relação do casal, apenas acessar essas manifestações expressas pelos símbolos acerca dessa temática.

Dora Kalff trabalhava com duas caixas, uma com areia seca e outra com areia molhada. De acordo com Ammann (2004, p. 31), a areia em estado seco tem propriedades fluidas e escorregadias da água, e no estado molhado é firme e moldável como a terra. Para fins desta dissertação, foi adotado apenas o uso da areia seca por ser mais prático.

5.2 PARTICIPANTES

Para que os objetivos desta pesquisa fossem atingidos, foram selecionados (2) dois casais, ou seja, (4) quatro pessoas. Esse número de participantes se justifica pela necessidade de uma análise profunda acerca dos conteúdos simbólicos emergentes na construção do cenário. Acreditou-se que, com um número maior de participantes, não alcançaríamos uma análise aprofundada e verticalizada.

Os critérios de inclusão foram:

- a) Casais que refiram vínculo conjugal heterossexual em primeira união.
- b) Indivíduos casados no civil e/ou religioso ou em união estável.
- c) Os participantes deveriam ter no mínimo (2) dois anos de casados para que a identidade do casal estivesse estabelecida. Segundo Miermont (1994), o primeiro ano do casamento é considerado como uma fase de adaptação
- d) Faixa etária: 25 a 40 anos.
- e) Casais com gestação de até 6 meses ou sem filhos. Essa escolha se deu no intuito de evitar que a problemática envolvendo a criação dos filhos sobrepusesse a do casal.

Os sujeitos concordaram em participar desta pesquisa e foram informados de que a entrevista seria gravada e os dados obtidos arquivados no computador para estudos posteriores.

5.3 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

Os entrevistados foram selecionados a partir da técnica de “bola de neve”, por meio da rede de contatos da pesquisadora. Os casais que demonstraram interesse entraram em contato diretamente com a pesquisadora, por telefone. No primeiro contato, foram explicados os objetivos e os procedimentos necessários para a realização desta pesquisa assim como o acerto de horários e datas dos encontros.

5.4 ANÁLISE DOS RISCOS E BENEFÍCIOS

Riscos: os participantes podem vir a sentir constrangimento pelo fato de serem abordados conteúdos íntimos de si, do casal ou da família. Nesse sentido, os casais são informados por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Anexo A), antes do início da pesquisa, que qualquer um dos cônjuges terá o direito de interromper a construção do cenário na caixa de areia caso um deles (ou os dois) sintam-se incomodados e psicologicamente afetados. Se for o caso, poderão ser encaminhados para serviços especializados de psicologia até o seu completo reestabelecimento emocional.

O método também traz benefícios: os participantes podem refletir sobre si, sua relação conjugal e sua realidade familiar e assim tirar proveito da experiência. Ademais, o estudo favorece o trabalho educativo e terapêutico com casais e famílias contemporâneas, pois os dados obtidos fornecem valiosos subsídios.

5.5 INSTRUMENTOS

Foram utilizados os seguintes instrumentos: questionário sociodemográfico e o Jogo de Areia. O questionário sociodemográfico é composto de perguntas referentes a: idade dos participantes, estado civil, profissão, existência de filhos, religião, quanto ao tempo de casados, duração das uniões. Este questionário consta no Roteiro de Pesquisa (Anexo B).

5.6 PROCEDIMENTOS

O procedimento utilizado nesta pesquisa constitui um estudo de casos múltiplos. A investigação foi realizada em cinco encontros com cada casal, num total de dez encontros com os dois casais.

No primeiro encontro, a pesquisadora recebeu os cônjuges em seu consultório para estabelecer um contato inicial com o intuito de conhecer o casal e também explicar e tirar possíveis dúvidas acerca das etapas envolvidas na pesquisa. Em seguida, foi realizado o preenchimento do questionário sociodemográfico e a assinatura do TCLE.

O segundo encontro foi realizado somente com um dos cônjuges e lhe foi solicitado que construísse um cenário que representasse a sua família de origem.

No terceiro momento, pediu-se que o cônjuge criasse uma cena que mostrasse seu casamento atual. Essas etapas foram repetidas com o outro cônjuge.

O quarto encontro foi feito com o casal. Foi dada a orientação para que, juntos, criassem uma cena que mostrasse o casamento atual. Durante a realização do Jogo de Areia, foram feitos registros dos relatos realizados por cada cônjuge por meio de um gravador. Além disso, foram realizados registros fotográficos dos cenários na caixa de areia.

No quinto e último encontro, foi feita uma devolução, ou seja, ocorreu o retorno sobre a experiência vivida pelo casal e a visualização de todos os cenários realizados por eles através de fotos.

Em todas essas etapas, foram registrados tanto os gestos quanto os relatos dos cônjuges. Estes registros serviram como dados para análises posteriores.

Durante a construção dos cenários, a pesquisadora sentou-se a uma pequena distância para que a pessoa pudesse se sentir à vontade na execução da tarefa. Foram anotados todos os dados relevantes como expressões verbais, a escolha das imagens e em que posições foram colocadas na caixa de areia. Ao término de cada cena, o sujeito foi convidado a dar um título a cada cenário, como forma de sintetizar o que representavam aquelas imagens simbólicas, e a contar sua história de forma livre. Os cenários foram fotografados e desfeitos após a saída do pesquisado.

Ao final, foram mostradas as fotos de todos os cenários e o conteúdo foi analisado e discutido em conjunto com a pesquisadora. Dessa forma, eles tiveram a oportunidade de visualizar e entender melhor todo o processo.

Esse procedimento, portanto, seguiu a seguinte ordem: 1 – Marcação da entrevista e local; 2 – Leitura e assinatura do TCLE (Anexo A); 3 – Preenchimento (Questionário de Levantamento Sociodemográfico (Anexo B); 4 – Aplicação do Jogo de Areia; e 5- Devolução e visualização por fotos de todos os cenários.

O áudio das entrevistas e da realização do Jogo de Areia foi registrado por meio de um gravador, conforme o TCLE (Anexo A), e posteriormente foi transcrito.

5.7 LOCAL

A pesquisa foi realizada no consultório da pesquisadora. O ambiente foi escolhido por ser um local sem interferências externas e por dispor do material necessário para a realização do Jogo de Areia.

5.8 CUIDADOS ÉTICOS

A coleta de dados foi iniciada após a análise e aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Católica do Salvador (UCSAL) (CAAE: 10365019.0.0000.5628. Além disso, a pesquisadora comprometeu-se a seguir as orientações e determinações éticas que constam na Resolução nº 466/2012 e 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde, Brasília (DF). (BRASIL, 2012, 2016) Os participantes assinaram o TCLE antes da coleta de dados.

Os dados dos participantes foram identificados por um código, não com os nomes. Apenas a pesquisadora teve conhecimento dos dados, assegurando-se, assim, sua a privacidade. Os arquivos e registros fotográficos ficarão armazenados no computador da pesquisadora, para posterior transcrição, sendo arquivados por um período de cinco anos quando, então, serão apagados.

5.9 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Em primeiro lugar, as gravações foram ouvidas e transcritas. Em um segundo momento, foram feitas análises qualitativas com base nos registros fotográficos de cada cenário e nas transcrições dos relatos e verbalizações de cada cônjuge. Além disso, foram feitos registros das impressões gerais da pesquisadora durante os encontros.

Em relação à análise dos cenários, em primeiro lugar, buscou-se a literatura especializada. Mitchell e Friedman (1994) citadas por Franco (2003) trazem cinco critérios em relação à análise do Jogo de Areia, os quais foram adotados nesta pesquisa. São eles:

- A) Como são criados os cenários;**
- B) Quais são os conteúdos dos cenários;**
- C) Quais são as perspectivas de desenvolvimento numa série de cenários;**

- D) Quais são as histórias/comentários que acompanham os cenários;**
- E) Quais são as reações do terapeuta frente aos cenários.**

Por último, esta pesquisa fez uma análise acerca das imagens e dos símbolos escolhidos por cada cônjuge de maneira individual e pelo casal. Foram analisados **o título** dado a cada cenário, que, de um modo geral, já revela o tema que está em destaque; **descrição da realização do cenário; a descrição do cenário; espelhamento** e, por último, uma **síntese**. O tópico “*espelhamento: imagens e símbolos*” proporciona aos cônjuges uma forma de ordenar e reconhecer as imagens e os símbolos ligando-os à sua própria experiência, pois, de acordo com Jacoby (2004), o ser humano precisa se refletir para se reconhecer.

Os encontros foram divididos em três momentos como forma de identificar os aspectos investigados por esta pesquisa. Esses momentos foram baseados nos temas abordados na construção de cada cenário. São estes:

Momento 1 - Família de Origem

Nesse primeiro momento, com base nos relatos e na análise dos cenários, foram identificadas quais foram as imagens e os símbolos da família de origem com que cada sujeito se identificava. Percebemos quais figuras parentais encontravam-se em destaque, assim como as que estavam ausentes.

Momento 2 - Visão do casamento atual sob a ótica individual

Nesse segundo momento, com base nos relatos e análise dos cenários, foram identificadas quais foram as imagens e os símbolos da relação do casal na visão de um cônjuge de forma individual; qual a posição o sujeito ocupava na relação; e sentimentos em relação ao seu cônjuge.

Momento 3 - Visão do casamento sob a ótica do casal

Nesse terceiro momento, com base nos relatos e análises dos cenários, foram identificadas quais as imagens e os símbolos da relação conjugal na visão do casal. Nesta etapa, estabeleceu-se de modo mais evidente como a relação entre os cônjuges funcionava e quais conteúdos da relação familiar surgiam na relação. Este terceiro momento incluiu a visualização das fotos de devolução.

Os nomes atribuídos aos sujeitos desta pesquisa foram escolhidos a partir da realização do primeiro cenário individual de cada um. Essas escolhas representam como eles se veem psicologicamente dentro da família de origem.

Casal 1

Bailarina e Pirata

Casal 2

Bebê/Mulher e Shrek

A única que tem dois nomes é a esposa do segundo casal, pois não houve uma identificação com uma imagem única. Todos os nomes são fictícios. Além disso, alguns dados foram omitidos como forma de preservar a identidade dos sujeitos desta pesquisa.

Por fim, foi realizada a análise de todo o processo com o objetivo de identificar as imagens e símbolos da família que atuavam na dinâmica da conjugalidade atual.

Na discussão, compararmos as análises do processo dos dois casais envolvidos nesta pesquisa, destacando os aspectos que expressavam as relações da família de origem de cada cônjuge e a relação do casal.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Casal 1

Iniciaremos a análise dos cenários e das entrevistas do casal 1 apresentando Bailarina e Pirata, assim denominados pela sua identificação egóica, referente ao cenário enfocando a sua visão da família de origem.

É importante destacar que as análises são baseadas nas imagens, fantasias e nos símbolos do pesquisado(a). Estão associadas a como o convívio com as pessoas da família ou da relação conjugal afetam a vida do indivíduo. Não se trata, portanto, da análise das pessoas em si. Além disso, esta análise comporta outras formas de leitura.

Momento 1 – Família de Origem

Bailarina



Título

O título dado por Bailarina para o seu primeiro cenário foi: “*Família é a base de tudo*”.

Descrição da realização do cenário

Bailarina demonstrava estar tranquila. Contudo, esfregava as mãos uma na outra. Aproximou-se da caixa de areia de forma inibida e, ao ser convidada para tocar na areia, fez de forma rápida e contida.

Durante a escolha das miniaturas, demonstrou seu receio de quebrá-las, “esse negócio aqui tem que ter cuidado, porque a pessoa quebra”. Essa expressão evidencia certo nível de tensão, o que contrastava com sua expressão sorridente. Essa ambivalência revelar-se-á nos cenários.

Descrição do cenário

No centro da caixa há uma imagem de uma bailarina de braços cruzados. Em frente à bailarina, há uma xícara em cima do pires e, ao lado direito da xícara, um casal de noivos. Na parte superior central da caixa está a imagem de uma seringa transparente e um termômetro. Atrás dessas imagens, na parte superior, há a imagem de Nossa Senhora e, ao lado, a da Sagrada Família.

No canto direito superior, a montanha. No lado oposto, no canto esquerdo superior, estão duas flores verdes. No lado esquerdo inferior, está uma borboleta vermelha e, atrás dela, um cachorro.

Quanto ao uso do espaço físico na caixa, praticamente todos os cantos foram preenchidos.

Foram utilizadas as seguintes imagens e símbolos: duas plantas, uma Nossa Senhora, uma Sagrada Família, uma montanha, uma seringa, um termômetro, uma bailarina, um casal de noivos, um pires e xícara, uma borboleta e um cão.

Espelhamento: imagens e símbolos

Das imagens colocadas na caixa, a bailarina indica ser a de maior importância simbólica. No cenário em questão, a localização da bailarina é de grande destaque. De acordo com Ammann (2004), o centro do cenário representa o motivo central. Além disso, o tamanho da imagem da bailarina é maior do que o das demais imagens da caixa.

Ao falar sobre essa imagem, a participante da pesquisa traz *a priori* o aspecto positivo. Fala sobre sua relação com a dança e da importância desse instrumento na sua vida, no sentido de ser um meio de transformação: “querendo ou não, depois que passei a fazer dança do ventre, eu passei a ser outra pessoa”. Penna (1993) afirma que, na dança do ventre, os movimentos da pelve massageiam os órgãos sexuais, permitindo uma melhora na saúde. Além disso, possibilitam que a dançarina sinta seu próprio ventre como centro da consciência. Ou seja, permitem uma conexão mais profunda com os aspectos do feminino.

A pesquisadora pede que ela olhe para a imagem da bailarina (que está de braços cruzados) e solicita que ela se conecte com essa imagem.

Bailarina: Bem, em relação a bailarina, lá em casa eu sempre fui estimulada a fazer o que eu quero como viagens, né? E a dançar também. Ser artista de alguma forma.

Pesquisadora: Você é bailarina?

Bailarina: Na verdade, eu já fiz de um tudo. Já fiz balé, já fiz dança do ventre, dança de rua, tango, e por aí vai. Já fiz bastante dança assim. Além do exercício em si, a forma como cada tipo de dança exerce na vida da gente, de como ela ajuda ou não, né? Que querendo ou não, depois que eu passei a fazer dança do ventre, eu sou outra pessoa.

Pesquisadora: Em que sentido?

Bailarina: Enxergar as coisas, enxergar as pessoas e a minha relação comigo mesma e na relação com as pessoas próximas de mim.

Pesquisadora: Pode me dar um exemplo?

Bailarina: Por exemplo, eu me achava, as pessoas que estavam perto de mim achavam que eu era muito grossa. Mas quando eu comecei a fazer dança, eu vi que realmente não era. E que na verdade eu só respondia ao meio. Era mais uma forma de resposta, certo? É que na verdade eu sou uma pessoa muito mais carinhosa do que aquilo que eu achava que eu poderia ser, ou as pessoas achavam que eu era, né? Então, pra mim foi um fator de autoconhecimento.

Pesquisadora: Agora, olha para a imagem dessa bailarina. O que você acha dessa postura?

Bailarina: No meio? Como assim? No caso, fechada? Braços cruzados?

Até aqui, Bailarina só tinha olhado para um único aspecto da imagem, que, de maneira consciente, representa para ela a importância da dança em sua vida. Ao entrar em contato com a imagem colocada na caixa, ela amplia a significação e mergulha em um aspecto que até então estava inconsciente. Com isso, a *imagem* da bailarina passa a ser um *símbolo* para si mesma:

Bailarina: Assim, na época em que eu fiz balé, eu só fui perceber depois que eu tive um problema de respiração por causa disso. O exercício em si exigia muito para que eu ficasse com o tórax preso e aí, conseqüentemente, eu não respirava direito, eu ficava acelerada, eu ficava estressada. Fazia tudo muito rápido, porque realmente quando você tem um tipo de problema respiratório, você acaba fazendo tudo isso, acaba fazendo tudo rápido. O que, ao contrário da dança do ventre, que você tem que estar sempre relaxada, sempre tudo muito solto. Tipo, não tem que contrair nada pra poder conseguir fazer o movimento. No balé, não. Você fica sempre pra dentro.

Pesquisadora: E essa maneira de ser do balé, fechado, pra dentro, te remete a algum aspecto que você precisou viver na sua vida?

Bailarina: Não, talvez eu tenha ficado assim. Eu fiquei muito pra dentro, introspectiva.

Pesquisadora: Por causa do balé ou da vida?

Bailarina: Eu não sei diferenciar. Mas por exemplo, como eu só fui perceber isso depois, então eu acredito que tenha muito a parte da vida mesmo, da família, né? Minha mãe sempre muito certinha, sempre querendo fazer as coisas daquele mesmo jeito, e que tem que ser dessa forma.

Pesquisadora: Como assim?

Bailarina: Rígida! Querendo ou não, o balé é uma coisa rígida. Então, como sempre fiz desde muito pequena, então eu fico sem saber. Eu só comecei a enxergar isso depois.

Pesquisadora: Então você percebe certa influência da sua mãe?

Bailarina: Muito! Ela era, acho que agora não é mais; era meu farol.

Pesquisadora: Não é mais?

Bailarina: [chora.] Bem, eu tenho que ser o meu farol. Mas acontece que eu me sinto perdida [chora muito.] Aí, não tenho... Só preciso me achar.

Pesquisadora: Então que aspecto você quer viver agora, como você pensa na sua vida?

Bailarina: Menos rígida, mais flexível; e que eu possa fazer de fato aquilo que eu queira sem tanta coisa.

A dança parece possuir um significado ambíguo para a participante da pesquisa. Enquanto a dança do ventre foi um mecanismo que possibilitou uma maior consciência sobre si mesma e também um contato mais positivo com o seu lado feminino, o balé causou sensações de sufocamento, aprisionamento e diminuição. Segundo Kurbhi (2001):

Parece que o processo de individuação, quando favorecido pelo trabalho corporal, é vivido pelo corpo físico primeiro como uma grande desorganização dos antigos padrões corporais e, depois, como uma nova forma de organização do esquema corporal, que podemos verificar como ocorrem através destas técnicas expressivas. (KURBHI, 2001, p. 28)

Logo atrás da bailarina um pouco mais para o lado direito, estão as imagens da seringa e do termômetro. De uma forma geral, essas imagens estão relacionadas com aspectos ligados à saúde/doença. Atrás, na parte superior da caixa, estão as imagens de Nossa Senhora e da Sagrada Família.

Bailarina: Tá, é porque é assim, minha família é muito religiosa. Então, a base da nossa relação é bem católica mesmo. Seriam os princípios e tal, mas o mais importante é sempre orar. E aí tem muito cuidado, seria baseado nisso aqui [aponta para a imagem da seringa]. Família sempre cuidando uma da outra, não importa o motivo, não importa a razão, não importa o quanto que você tenha que se sacrificar para esse cuidado, para que cuide um do outro, no caso.

Pesquisadora: Como assim?

Bailarina: Por exemplo, se eu tiver que me endividar para ajudar a minha família, que eu faça, não importa o motivo.

Pesquisadora: Já aconteceu alguma coisa nesse sentido?

Bailarina: Volta e meia acontece.

Pesquisadora: De dívida?

Bailarina: É! Na verdade, minha mãe, de uma certa forma acaba recaindo pra mim.

Pesquisadora: De que forma?

Bailarina: Porque como é minha mãe que faz muito isso, ela se endivida para poder ajudar os outros, e aí eu acabo arcando. Falo, vamos cortar aqui, fico aparando as pontas e ajudando de alguma forma. Ou não comprando, ou deixando de comprar alguma coisa, seja comida, seja roupa, seja o que for.

Pesquisa: E como é que é para você esse aspecto do cuidado e do sacrifício?

Bailarina: Bem, eu acredito que não tinha que existir esse tipo de sacrifício. Mas, não que você não tenha que ajudar, mas você não precisa se endividar. [nesse momento começa a chorar e diz:] Eu sou chorona, tá?

Aqui, nota-se mais uma vez a ambiguidade que rege a relação com aspectos da sua família, em especial, com sua mãe. Ao colocar as imagens da seringa e do termômetro na caixa, a intenção consciente era a de representar o aspecto do “*cuidado*” como um elemento central na dinâmica da sua família. Contudo, este é levado até às últimas consequências, conforme verbalizado: “família sempre cuidando uma da outra não importa o motivo, não importa a razão, não importa o quanto que você tenha que se sacrificar para esse cuidado, para que cuide um do outro”, e ainda, “se eu tiver que me endividar para ajudar a minha família, que eu faça, não importa o motivo”. Assim, percebe-se que o aspecto do *cuidado* acaba afetando Bailarina pelo fato de isso ser levado às últimas consequências pela família. Mesmo assim, há um momento em que ela começa a questionar: “bem, eu acredito que não tinha que

existir esse tipo de sacrifício. Mas, não que você não tenha que ajudar, mas você não precisa se endividar”.

Em relação às imagens da Nossa Senhora e da Sagrada Família:

Pesquisadora: Você colocou Nossa Senhora, ela representa o quê?

Bailarina: É a minha mãezinha que me protege.

Pesquisadora: E você trouxe uma outra figura junto dela.

Bailarina: Jesus, Maria, José. A Sagrada Família.

Pesquisadora: Isso. Você trouxe a representação da família. Parece algo importante para você...

Bailarina: Sim, sim.

Pode-se perceber os aspectos religiosos ligados a uma afetividade mais positiva, de proteção. Para Bailarina, Nossa Senhora é como “uma mãezinha que me protege” e a Sagrada Família é a representação da família. Em uma linguagem psicológica, Nossa Senhora representa o arquétipo materno da Grande Mãe. Por ser um arquétipo, a ambivalência está presente. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (1993), esse tipo de arquétipo, ao mesmo tempo que é símbolo de segurança e abrigo, é também opressão e sufocamento pelo prolongamento em excesso da função nutridora e de guia.

Bailarina, assim, dialoga com dois tipos de cuidado: um espiritual mais amoroso e um mais invasivo.

Na frente da bailarina temos duas imagens; a da xícara e do casal de noivos. Sobre isso:

Bailarina: A família está sempre reunida na mesa [aponta para as xícaras de porcelana]. Tipo assim, de preferência em datas comemorativas, aniversários, sempre está todo mundo junto, todo mundo reunido, não importa onde, não importa fazendo o quê, mas que esteja juntos, né? [Aponta para a imagem do casal de noivos] O casamento que é muito presente, exigido e de certa forma... é.

Pesquisadora: O que do casamento?

Bailarina: [Ela respira]. O casamento no sentido de estar todo mundo junto e construindo uma nova família.

Pesquisadora: Por que você colocou o casal?

Bailarina: Porque é a base, né? Você tem que ter uma relação, de preferência um casamento, que é pelo quesito religioso da família, né? Ele exige que você case, embora depois de casada a gente veja que não precisa necessariamente casar. É uma outra forma de ver também.

Pesquisadora: Quando você fala não necessariamente casar você quer dizer em relação à cerimônia religiosa?

Bailarina: É! Entendeu? Mais por isso.

Na imagem, a xícara é de porcelana e o casal de noivos está vestido de forma clássica. O casamento é visto como algo importante, mas não necessariamente “a festa do casamento”. A imagem parece apontar para o aspecto da persona familiar e da bailarina. A persona é entendida, psicologicamente falando, como o desempenho social que é ligado a convenções e aspirações. Ou seja, pelo discurso, há algum aspecto na família e no casal que está ligado à persona de forma aprisionadora. Nota-se também que a xícara é um recipiente, ou seja, contém. A xícara está vazia e poderá ser preenchida. Pode representar o que ela busca em relação ao casamento, pois a xícara e o casal de noivos estão em uma posição paralela na caixa e também em relação à família, sendo que a xícara também dialoga com as imagens da Nossa Senhora e da Sagrada Família.

Parece que, para lidar com toda essa ambiguidade e simbiose que acontece na sua relação familiar, Bailarina liga-se a alguns símbolos mais positivos e que apontam para um caminho individual e de transformação. São eles: o cão, que para ela: “é meu pingente, é minha bolinha da sorte”; e completa “querendo ou não, quando está só eu e ele, me sinto mais solta, mais leve. Parece até que eu coloquei os dois juntos (borboleta e o cão) por isso”. Segundo o Dicionário de Símbolos (LEXIKON, 2009), o cão é o animal doméstico mais antigo e, em culturas como a africana, a sabedoria atribuída ao cão fez dele o ancestral da civilização e o portador do fogo aos homens. É associado aos ancestrais humanos e à fidelidade.

A borboleta tem significado semelhante: “pra nascer, ela tem que sair daquele casulo. Não sei se eu já saí, acho que não, mas tudo bem. Liberdade, principalmente a liberdade que ela tem”. Como símbolo universal, as borboletas representam a metamorfose e renascimento (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1993). Tanto o cão quanto a borboleta aparecem no quadrante esquerdo na parte inferior da caixa, que é justamente o lado da natureza criativa e do inconsciente. Esses conteúdos submergiram e podem se tornar mais conscientes contribuindo para uma maior vitalidade e criatividade psíquica.

A montanha está do lado direito superior da caixa, que é o lado ligado à relação com o mundo paterno (relação pessoal com o pai, intelecto e profissão), ou seja, o mundo externo. Contudo, por estar localizada na parte superior da caixa, parece demonstrar que esses aspectos ainda estão distantes da realidade concreta, ainda no nível do pensamento. Para Bailarina, a

montanha representa a esperança (pela cor verde) e a liberdade (poder viajar). Para ela, o emprego e, conseqüentemente, o dinheiro seriam o meio para que ela possa concretizar seus desejos.

Por fim, as primeiras imagens foram as duas plantas verdes no canto superior esquerdo da caixa.

Pesquisadora: O primeiro que você colocou foi esse aspecto das plantas. O que te chamou atenção?

Bailarina: Das plantas? Pelo fato delas serem verde, e de que esse cenário pode melhorar.

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (1993), o verde é a cor da esperança e da imortalidade. Pelo significado dessas imagens e pelo fato de terem sido colocadas em primeiro lugar na caixa, elas parecem indicar algo vivo e, nas palavras da própria Bailarina, trazem a expectativa de melhora do que está sendo vivido.

Síntese

Até esse momento, percebia-se que a dicotomia entre a expressão verbal e a expressão corporal observadas no início desse processo parecia evidenciar um conflito vivido pela participante da pesquisa. Após a realização do seu primeiro cenário, vai ficando mais clara a natureza desse conflito.

A cena mostra a identificação do ego com a bailarina que é bela e estática. Parece reproduzir os padrões infantis. A paralisação e a rigidez na imagem da bailarina parecem revelar que essa identificação impede o seu desenvolvimento. Contudo, a dança de uma forma geral, em especial a dança do ventre relatada por ela, representa a força, o movimento e um maior aprofundamento de si mesma.

O cenário parece indicar a grande influência da família, principalmente em seu aspecto materno sobre a individualidade da bailarina. O complexo materno tem efeitos negativos, pois impede que a participante da pesquisa possa ter suas próprias escolhas e, com isso, uma vida própria. Ela tem dificuldade de lidar com os aspectos ambíguos e obscuros sendo mais fácil retornar ao mundo da mãe, que é mais “seguro”.

É importante considerar a ausência da representação do masculino na caixa. Já que tanto o seu irmão quanto o seu pai não aparecem no cenário. Esse fato pode indicar um

complexo paterno no seu aspecto negativo. Este complexo vivido pela mulher é projetado na vida intelectual e nas figuras masculinas.

As diferentes facetas da personalidade da participante da pesquisa precisam ser integradas para que ela possa acessar seus aspectos mais instintivos, fluidos e verdadeiros.



Título

O título dado por Pirata para o seu primeiro cenário foi: “*Caminhos*”.

Descrição da realização do cenário

Antes de iniciar o cenário, Pirata apresenta dúvida se é para colocar a família “atual” (sogra, esposa...). Repondo que a ideia é que ele possa representar a sua família de origem. Dito isso, Pirata inicia a realização do cenário de forma rápida e atenta. Tocou na areia também de forma mais superficial e rápida do que a sua esposa; contudo, pareceu interessado na realização da atividade.

Descrição do cenário

A primeira imagem colocada na primeira caixa foi a de Nossa Senhora. Esta aparece na posição central superior da caixa. Ao lado esquerdo na mesma posição, está o Shrek. Ainda na posição superior da caixa, ao lado do Shrek, está a imagem da Bela. Ao lado esquerdo da Bela, e mais voltado para o lado esquerdo da caixa, está o pirata. Ao lado esquerdo do pirata,

está o bebê. Por último, a imagem do leão, que aparece mais voltado para o lado esquerdo e inferior da caixa.

Imagens e símbolos: Nossa Senhora, Shrek, Bela, pirata, bebê e leão.

Espelhamento: imagens e símbolos

A primeira imagem que Pirata colocou na caixa foi a da Nossa Senhora para representar a importância da mãe tanto para ele quanto para a sua família. No lado esquerdo, colocou a figura do Shrek para representar seu pai. As duas imagens aparecem juntas e na mesma posição na caixa.

Pirata: Eu contextualizei minha mãe como uma santa, né? Alguma Nossa Senhora. Eu vejo que tem o perfil dela. Minha mãe sempre trabalhou desde cedo, sempre teve mais de um emprego e sempre foi aquela pessoa que lutou para a família ter um futuro e se sacrificou. Eu creio que tem mil sacrifícios que você faz, mas ela deixa de pensar muito nela, para poder considerar a família. Eu acredito que é muito disso. Ela tem que trabalhar, e eu vejo ela como uma pessoa que é *workaholic*. Sábado, final de semana, a pessoa tá lá ligando, e ela tá lá. É Natal, é feriado, dava uma “trabalhadinha” de vez em quando.

Meu pai ficou um bom tempo desempregado. Um pouco por causa de bebida, porque foi alcoólatra durante um período da vida dele [...] Aí, vejo minha mãe como uma santa, porque vejo muito essa questão do sacrifício e ao mesmo tempo uma pessoa corretíssima. Eu sou filho, né? Sou suspeito, mas ela se sacrifica muito pela família, e justamente por ela trabalhar muito. Eu acredito, é... por ela trabalhar muito não tinha tempo para os filhos. Acho que isso deu um pouco de culpa nela. Então, às vezes, na hora que ela tinha de dá uma repreendida, ela não repreendia, sabe? Até hoje em dia, com os filhos criados, cada um no seu canto, apesar que dois de meus irmãos ainda moram com ela. O mais velho e o mais novo. Eu ainda não vejo ela, por exemplo, viajando.

Com base na fala de Pirata, percebe-se a relação da imagem da mãe com a de uma santa em que são destacadas as qualidades e o sacrifício feito por ela em prol da família. Para Chevalier e Gheerbrant (1993, p. 580), “a mãe divina simboliza a sublimação mais perfeita do instinto e a harmonia mais profunda do amor.”

Em contrapartida, ele traz a imagem do pai como Shrek, que seria equivalente ao ogro. Segundo Santos (2009, p. 68), é o “gigante dos contos de fadas que se alimentava de carne humana, de origem controversa, provavelmente do latim Orcus, divindade infernal”.

Pesquisadora: E por que o Shrek?

Pirata: O Shrek, porque ele é... não é um bom exemplo, mas no final das contas não é uma má pessoa, como o meu pai. Mas tem muitos exemplos, muitas coisas que ele faz que não é ideal. Você não se espelha naquela ação da pessoa. Você pode usar para tipo: “não vou fazer assim”.

Não que ele erre o tempo todo, mas tem uma postura que muitas vezes é nociva para ele, e que eu acho que poderia ter sido melhor.

Pirata considera o pai uma pessoa rígida na forma de agir e pensa que esse aspecto possa ter vindo da relação do seu pai com seu avô, que, segundo ele, tinha essa mesma característica. Percebe-se aqui, através da reflexão de Pirata, um comportamento que passou de uma geração para outra entre pai e filho.

Além das figuras parentais (pai e mãe), Pirata traz a relação com seus irmãos. Primeiro em relação à sua irmã.

Pirata: Minha irmã é um pouco princesa [**imagem da Bela**]. Eu sempre vi ela como “a protegida”. Assim, tipo, se eu fosse pedir alguma coisa, era não. Ela, na hora que pedia, tome. Então, sempre ela é... Achava ela meio ingrata, esnobe em alguns aspectos. Era aquela irmã superchata quando mais nova. Apesar que hoje em dia, com a gente mais velho, o relacionamento com ela é super bem.

Em seguida fala da relação com seu irmão caçula.

Pirata: Tem meu irmão caçula [**imagem do bebê**]. Minha mãe teve rubéola quando estava grávida dele. Ele tem atraso mental. Atualmente, por exemplo, está com 34 anos; e tem coisas que você vai conversar com ele que é da idade de uma pessoa madura e tem coisas que vai ser infantil.

E por fim, da relação com seu irmão mais velho.

Pesquisadora: E por que o leão?

Pirata: O leão, porque ele é o primogênito. Eu via ele como pessoa... Eu esqueci o termo. Eu via ele mais independente. Só que agora, na idade atual, vejo como extremamente individualista [...] rapaz faz o que quer, na hora que quer e quando quer. Eu sei que estou puxando mais para o lado negativo, mas são as características que mais incomoda.

A imagem da Bela foi trazida por Pirata para representar a posição da sua irmã dentro da família. Parece que a Bela tem um destaque dentro do âmbito familiar. Além disso, é vista por ele como a “protegida”. Em suas palavras: “o que marca é o protecionismo”. Pirata diz

que sua irmã trabalha e já saiu da casa dos pais, o que faz dela uma pessoa independente. Fazendo um paralelo com o Conto de fadas da Bela e a Fera, nota-se que Bela tem uma postura mais ativa e corajosa para enfrentar seus medos se comparada a outras princesas.

Em relação a seu irmão caçula, traz a imagem do bebê como a representação de uma pessoa mais desprotegida e imatura devido a um problema de saúde que tem desde seu nascimento, em consequência de uma doença que acometeu sua mãe durante a gravidez. É visto pela família como alguém que sempre precisa ser supervisionado e cuidado.

O seu irmão mais velho é representado pela imagem do leão. Em princípio, visto como alguém admirado e hoje mais inacessível pelo temperamento forte e porque é “individualista”.

A imagem escolhida pelo participante da pesquisa para a sua representação dentro da família foi a do pirata.

Pesquisadora: Que imagem é essa?

Pirata: É a do pirata. É a do transgressor, o fora da lei, digamos assim. Eu era aquele que saía, chegava tarde em casa. Não tinha horário para voltar apesar de ser criança. Quando eu era menor era introspectivo. Eu não lembro. Teve um momento da minha vida que teve um chaveamento, que eu passei a ser uma pessoa mais extrovertida. Quando eu encontrei pessoas em que eu poderia agir como eu queria, aí realmente...

Eu sempre me vi, por exemplo, no trabalho, na vida de uma forma geral... Eu via um monte de gente inclinada para uma coisa, e eu me sinto inclinado a olhar para onde as pessoas não estão olhando. Não de uma forma contrária, mas de uma forma complementar.

O símbolo do pirata é de alguém que vive à margem, de natureza transgressora e rebelde. Em suas palavras: “Eu era mais rebelde, já que não tinha a atenção dos meus pais eu disse, vou me rebelar”. Esse aspecto foi vivido por ele como forma de chamar atenção dentro da sua família. Com base no símbolo e no relato, percebe-se o quanto Pirata se sentia só e pouco valorizado em seu âmbito familiar, “dizem que o primogênito e o caçula sempre se dão bem e quem está no meio, como no meu caso, fica mais ou menos. Como eu dividia o meio com minha irmã, que era a menina, sobrava para mim”.

A família como o primeiro lugar de socialização permite uma visão das igualdades e diferenças. A maneira como ele se sentia guarda semelhanças com o conto do “Patinho feio”. A este respeito, Von Franz (2002, p. 10) diz que: “[...] cada conto de fada é um sistema relativamente fechado, composto por um significado psicológico essencial, expresso numa série de figuras e eventos simbólicos, sendo desvendável através destes”. A história do patinho feio revela a busca pelo sentimento de integração e aceitação. Pirata só pôde vivenciar essa visão mais positiva de si mesmo ao encontrar pessoas (amigos) que o aceitavam. Esse

fato possibilitou que ele pudesse transformar aspectos da sua personalidade que outrora era de introspecção e timidez para uma personalidade mais livre e extrovertida. De acordo com Hall (1998, p. 20) “a integração da Sombra tem o duplo efeito de ampliar a esfera de atividade do ego e libertar a energia previamente necessária para manter a dissociação e repressão das qualidades da Sombra. O indivíduo experimenta isso, amiúde, como uma nova vida”.

No que se refere ao relacionamento do casal, o participante da pesquisa relata que esse lado “pirata” incomoda sua esposa e eventualmente causa algum tipo de desentendimento. Ele percebe que, se não concordar com a esposa, ela acha que ele é do contra. Em relação à sogra diz: “A mãe dela viveu a vida toda sem ninguém falar que ela estava errada. Sempre foi a rainha de tudo. Aí chega o pirata, transgressor, que fala mesmo na lata. A verdade liberta”.

Pirata, ao utilizar seu lado rebelde de forma criativa, acessa uma força necessária para o enfrentamento e a imposição de limites nas suas relações. Essa característica é essencial para o desenvolvimento da sua personalidade individual.

Síntese

Este cenário aponta para aspectos ambivalentes na relação familiar. Percebe-se através das imagens e dos símbolos que cada membro da família tem personalidade e características diferentes. Esse fato gera em Pirata uma sensação de um não reconhecimento nem por parte de seus pais e nem de seus irmãos. Além disso, destaca-se o complexo paterno negativo: “Não que ele erre o tempo todo, mas tem uma postura que muitas vezes é nociva para ele e que eu acho que poderia ter sido melhor”. O reconhecimento de aspectos que Pirata considera nocivo, e que não quer seguir, parece ser uma tentativa de separação desse complexo. Sobre isso, Kast (1997), ao analisar a relação do complexo negativo de Kafka com o pai, afirma que: “ver a fraqueza do pai e nomeá-las era uma possibilidade de se separar do pai, de não lhe conceber todo o poder sobre a própria vida” (KAST, 1997, p. 186).

Acrescenta-se que, por ter um complexo materno positivo, Pirata encontra ajuda e inspiração. Isso pode ajudá-lo a se desvincular do complexo paterno e a encontrar um caminho mais consciente que permita um convívio criativo com a sombra.

Momento 2 - Visão do casamento atual sob a ótica individual

Bailarina



Título

O título dado por Bailarina para o seu segundo cenário foi: “**Forte**”. Perguntada sobre o que representaria a força, fala sobre o leão e o tigre e o super-homem.

Descrição da realização do cenário

Bailarina conversa enquanto coloca as miniaturas. Parece mais agitada do que na realização do primeiro cenário. Ela queria uma imagem de Nossa Senhora da Aparecida, mas, lamentavelmente, não tinha. Então, ela pegou Santa Luzia como forma de representar: “Não tem Nossa Senhora da Aparecida... Vou pegar essa (Santa Luzia)”.

Na realização desse cenário, não tocou na areia e trabalhou de forma mais rápida do que no primeiro, mas parecia envolvida durante todo o processo.

O espaço físico na caixa ficou concentrado predominantemente na porção superior. Pode-se pensar em aspectos não explorados pela participante da pesquisa.

Descrição do cenário

A primeira imagem colocada nessa segunda caixa foi a de Nossa Senhora Aparecida (Santa Luzia). Esta aparece na posição central superior. Na frente dessa imagem, há um terço; ao lado direito superior, a imagem de uma psicóloga e, ao lado, a montanha.

No lado esquerdo superior, está o casal de noivos e um bebê à frente, uma caixa de algodão, um vaso de pimenta e, logo mais à frente, uma borboleta. E ainda a imagem do super-homem. As imagens do leão e do tigre estão localizadas na parte inferior da caixa no lado direito.

Imagens e símbolos: Super-homem, vaso de pimenta, caixa de algodão, casal de noivos, borboleta, bebê, Santa Luzia, terço, psicóloga, montanha, um leão e um tigre.

Espelhamento: imagens e símbolos

Algumas imagens neste segundo cenário também foram colocadas no primeiro. Contudo, trazendo aspectos diferentes aos representados anteriormente. Entre essas imagens, pode-se destacar o algodão (caixa de algodão). No cenário anterior, o cuidado foi representado pelas imagens da seringa e do termômetro. Agora, aparece na imagem do algodão.

Pesquisadora: Interessante que você trouxe ali o algodão.

Bailarina: É ele que cuida das minhas feridas.

Aqui, o algodão também aparece tendo o significado de cuidado. Contudo, pode-se pensar que o algodão é macio. Já o termômetro e a seringa têm formatos pontiagudos, ou seja, de certa forma, são invasivos. Parece indicar que na relação do casal, o significado do cuidado aparece de forma mais agradável e acolhedora.

Outros aspetos que se repetem são a planta, que desta vez está personificada como “pé de pimenta”, e que para ela está relacionado à maneira como o esposo a “cutuca” no sentido de tirá-la do lugar, “perturbar”. Complementa: “ele acredita que a pimenta em si vai me deixar mais quente”, explicando que, em geral, sente mais frio do que outras pessoas e que tem a pressão baixa. Correlacionando este discurso com a imagem e a localização da pimenta na caixa, pode-se entender que esse símbolo vem para mobilizar aspectos da relação conjugal. A pimenta pode estar ligada à energia, sensualidade e sexualidade¹⁵.

¹⁵ Cf.: Pimenta. <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/pimenta/>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

Temos também a montanha, que aparece na mesma posição do cenário anterior (canto superior direito), e ainda a borboleta, que está paralela ao bebê e em frente à pimenta. Está próxima às imagens do casal, do algodão e do super-homem. A borboleta, que para a bailarina significa liberdade e a saída do casulo, tem a mesma cor predominante que a pimenta; a cor vermelha. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (1993, p. 275): “O primeiro caráter do simbolismo das cores é a sua universalidade, não só geográfica, mas em todos os níveis do ser e do conhecimento cosmológico, psicológico, místico, etc. As interpretações podem variar”. Para estes autores, a cor vermelha está ligada à vida.

Dito isso, percebe-se que figura do super-homem é a maior imagem da caixa.

Pesquisadora: Ele é seu super-homem? Como assim?

Bailarina: É, é ele querendo ou não, ele que me salva de alguma briga ou de algum desentendimento. [Relaciona a imagem do super-homem com o esposo.] Ele me faz ver melhor as coisas. Ouvir por outro ângulo.

Pesquisadora: De alguma briga com quem?

Bailarina: Ou com minha mãe, ou com algum amigo, alguma coisa assim. Quando eu coloquei o psicólogo [imagem de uma psicóloga], eu coloquei nesse sentido. A gente conversa muito. É, querendo ou não, o meu psicólogo. Ele que consegue me ver mais do que eu mesma [chora]. Ele me entende mesmo e me olha, ele me vê. Mais do que... porque não tem outro termo, é esse mesmo.

Nota-se que é atribuído ao esposo tanto a imagem do super-homem quanto a imagem da psicóloga (ou da psicologia). Ao falar sobre o lugar do esposo na sua vida, emociona-se.

O super-homem é visto como alguém que “salva de alguma briga ou algum desentendimento”. Para ela, o esposo é a representação do salvador. Psicologicamente falando, o super-homem encarna o herói. Nas palavras de Henderson (1977):

[...] No decorrer do desenvolvimento da consciência individual, a figura do herói é o meio simbólico através do qual o ego emergente vence a inércia do inconsciente, liberando o homem amadurecido do desejo regressivo de uma volta ao estado de bem-aventurança da infância, em um mundo dominado por sua mãe. (HENDERSON, 1977, p. 118)

Este símbolo pode ser visto como a tentativa do inconsciente para a saída da inércia da libido para um movimento mais criativo. Contudo, ela parece projetar esta capacidade da força, criatividade e transformação no seu esposo. Um herói tem como meta pessoal liberar, libertar, salvar alguém, salvar o outro. (BILOTTA, 2010)

Essa projeção pode gerar uma certa dependência emocional, pois relega conteúdos à sombra, uma vez que estes foram reprimidos da sua personalidade consciente. A imagem da psicóloga também é atribuída às características do esposo como alguém capaz de “me ver mais do que eu mesma” e como alguém que a entende, “ele me vê”. É importante destacar que a imagem da psicóloga na caixa também pode se referir à pesquisadora, que, no caso, também é psicóloga, podendo indicar um processo de transferência.

Além do que foi citado, outra imagem que se repete é a do casal. A imagem é igual ao da caixa anterior, mudando apenas de tamanho. Neste caso, para um tamanho maior.

A primeira imagem desta caixa, como mencionado anteriormente, foi Nossa Senhora Aparecida/Santa Luzia.

Bailarina: Sempre fui muito devota dela. Desde pequena mesmo. Sempre pedia a ela para que eu tivesse... para que colocasse no meu destino uma pessoa que tivesse que ser minha mesmo. Que tivesse no meu destino. É assim que eu falo.

Pesquisadora: Então é um pedido que você fazia a ela por um companheiro?

Bailarina: É! Tanto é que no dia do meu casamento, ela estava lá, entendeu? Tinha a imagem dela como se ela tivesse abençoando. Quando eu era bem pequenininha, eu lembro que eu estava passando por uma casa que tinha vários santos. E tinha ela bem pequena [a imagem]. Aí eu falei: olha mãe, é essa moça que aparece pra mim.

Pesquisadora: Ela aparecia pra você?

Bailarina: Era. É porque eu sou uma pessoa que sonho muito, mas eu não falo. Eu sonho com muita coisa, e chega a ser repetitiva. Depois desse dia, a mãe de um amigo meu me deu a santa, e eu só fui trocando por uma maior [imagem]. Sou devota dela. Ela foi achada no rio. E depois que achou ela conseguiu pescar mais peixes nesse rio. Em bastante abundância. E eles passaram a rezar por ela.

A descoberta da imagem de Nossa Senhora Aparecida foi feita por pescadores quando estavam em busca de alimento. A imagem surgiu através das águas do rio e juntamente com ela trouxe a abundância de peixes. É considerada uma imagem arquetípica da cultura brasileira. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (1993), a água é considerada fonte de vida e o peixe símbolo da fecundidade e da sabedoria que vem das profundezas das águas.

É importante destacar que Santa Luzia, que é considerada a “santa dos olhos”, foi a imagem escolhida para representar Nossa Senhora Aparecida. Nota-se que essa imagem representa o símbolo da sua busca que é enxergar melhor as coisas.

Por fim, chama atenção as duas últimas imagens colocadas na caixa: o leão e o tigre. Essas imagens ocupam a parte inferior mais próxima à borda da caixa. De acordo com Ammann (2004), esta posição está mais próxima à matéria e por isso ligada aos aspectos da consciência.

Síntese

Comparando com o primeiro cenário, observa-se um movimento psíquico com base na modificação de alguns símbolos como, por exemplo, a imagem do cuidado (seringa e termômetro em algodão), indicando que este aspecto vivenciado no âmbito da família de origem é diferente do vivenciado na sua relação conjugal, aparecendo de forma mais positiva.

O casamento e a relação com o esposo são conteúdos psíquicos grandiosos, o afeto e o cuidado visto de forma mais saudável na relação a dois. Contudo, aspectos que são projetados em seu esposo podem dificultar o contato com as próprias potencialidades.

No primeiro cenário, os conteúdos da agressividade e da força não estavam conscientes, ao passo que, nesse segundo cenário, Bailarina entra em contato com eles. Contudo, aparecem separados de todo o resto da caixa. Parece que esse aspecto precisa ser melhor integrado e, assim, ser utilizado e reconhecido como símbolo de força mais criativa.

Pirata



Título

O título dado por Pirata para o seu segundo cenário foi: “*Objetivos*”.

Descrição da realização do cenário

A postura de Pirata para a realização desse cenário foi mais leve e solta, indicando que ele se sentia mais à vontade. Não ficou esfregando as mãos uma na outra e fez o cenário em silêncio. Provavelmente, o nível de tensão diminuiu, por já ter realizado o primeiro cenário.

Descrição do cenário

A primeira imagem colocada neste cenário foi a do Shrek. Está localizado na parte central mais voltada para o lado esquerdo superior. Ao lado esquerdo do Shrek, a Minnie. Ao lado esquerdo da Minnie, está Valente e, em sua frente, um par de sapatos brancos. Na frente deste, um sapato rosa. Ao lado de Valente, está uma bruxa e, em sua frente, o terço. A imagem do Shrek está voltada para o lado direito. Em frente ao Shrek, há um carro guincho,

que está localizado na parte central da caixa. Ao lado direito na parte inferior está a imagem do elefante. Logo atrás do elefante está uma árvore e, ao lado direito da árvore, a montanha.

Imagens e símbolos: terço, bruxa, Valente, Minnie, Shrek, um par de sapato branco e um sapato rosa, carro guincho, elefante, montanha e árvore.

Espelhamento: imagens e símbolos

Neste cenário, a maioria das imagens ocupa mais ou menos a mesma disposição que ocupava no cenário realizado por ele anteriormente. As imagens partem de um lugar mais central superior na caixa voltado para o lado esquerdo. De acordo com Ammann (2004), o lado esquerdo da caixa é um lado mais contemplativo e observador; também é visto como um lugar de regressão e recolhimento da energia psíquica. Contudo, observa-se que, neste segundo cenário, o lado direito inferior foi preenchido, o que indica uma movimentação da sua energia psíquica para um lado mais consciente de abertura e de ação no mundo.

Pesquisadora: O que, olhando para a caixa, fez você nomear este cenário de objetivos?

Pirata: Então, atualmente, do núcleo familiar, os que têm um papel que tem uma grande influência na gente, sou eu, Bailarina e a minha sogra, mãe dela. [Respira]. Como é que eu vejo essas coisas aqui? Vou começar por minha sogra [Imagem de uma bruxinha]. Eu coloquei como uma bruxinha, porque vejo que é uma pessoa que imagina que está fazendo o bem. Só que tem algumas coisas que ela faz que são tóxicas, são até nocivas. Eu não critico, só eu comigo mesmo. A forma como ela criou os filhos dela... Poderia ter dado uma orientação melhor. Vejo que ela é o centro, o núcleo da família. Ela que decide, que manda e desmanda.

De acordo com Von Franz (2002), a bruxa é a deusa-mãe em seu lado obscuro e destrutivo. Na imagem da caixa, esse lado é atenuado pelo terço colocado em frente a imagem da bruxa. Psicologicamente, ele tem a função de minimizar o “mal”.

Pirata: Eu conversei com Bailarina e disse que todo homem que é casado tem uma versão em miniatura da esposa na mente e que, quando vai fazer alguma coisa, aquela miniatura reage e já vem a resposta, se vai gostar ou não. É a mesma coisa, ela tem uma mãezinha ali na cabeça. Digo a ela por que você não tenta? Por que não dá o benefício da dúvida? Vai que hoje é diferente? Mas ela já tem cristalizado isso. Quando começa a discutir com a mãe, ela chora, a mãe chora; e é isso mesmo.

Se eu tiver que discutir com minha sogra e ela começar a chorar, eu continuo falando porque ela tem que ouvir. Mas com certeza minha esposa chorando, eu não quero que fique chorando. Acho que essa pessoinha aqui [a bruxinha] fez tanto mal; tem tanto egoísmo nela. Ela não vê como egoísmo. Ela vê como apego, pronto. Apego à família.

No relato de Pirata, fica claro que a atuação da bruxa está centrada na dominação que a sogra exerce sobre a família e também na incapacidade de Bailarina de enfrentar esses aspectos. O apego é a maneira encontrada de exercer seu poder sobre a família.

No lado direito da imagem da bruxa, aparece Valente. Esse personagem apresenta características de um feminino mais ativo, independente e que luta para conseguir realizar suas vontades. Valente vive um conflito, pois, apesar de querer seguir o seu próprio caminho, culpa-se por achar que pode estar sendo egoísta. Na caixa, a imagem de Valente está de braços cruzados (o que dialoga com a imagem da bailarina realizada no primeiro cenário). Ou seja, indica que esse potencial está amarrado e ainda preso.

A Minnie traz a conotação do outro aspecto percebido por Pirata em relação à sua esposa. Essa imagem mostra o lado do feminino menos desenvolvido e infantil. Interessante notar que os sapatos à frente reforçam essa dicotomia. O sapato branco é um sapato de criança, enquanto que o sapato rosa é de uma mulher adulta, de salto e brilhante.

Neste cenário, ele substitui a imagem do pirata pela imagem do Shrek. Aqui, parece que houve uma mudança no sentido de uma tomada de consciência. Ao se identificar com Shrek, Pirata percebe semelhança com seu pai. Já consegue visualizar aspectos da sombra, não mais projetados exclusivamente no pai, e sim, existentes nele também.

Pirata: Esse aqui sou eu na minha idade, já me aceito com meus erros e defeitos. Sou desse jeito aí. Tô certo do jeito que eu sou? Não sei, posso considerar mudar minha posição. Vou precisar de um bom argumento seu para que eu mude de postura. Eu não sou o esperado. Para minha sogra, por exemplo, acho que ela queria um cara rico que pagasse dinheiro para a filha, para sogra...

Pesquisadora: O que está na sua frente?

Pirata: Eu considerei como se fosse um trabalho. Uma das coisas que mais me incomoda hoje em dia é não ter ou um trabalho ou a estabilidade financeira, uma empresa etc. e tal. Eu poderia ter minha estabilidade financeira.

Pesquisadora: Olha para a imagem. Por que esse carro guincho representa o trabalho?

Pirata: Acho que os outros tinham cara de lazer ou conflito e, pelo guincho, achei que representava um trabalho.

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (1993), o carro representa o conjunto de forças psíquicas. Neste caso, o carro tem a função de guincho e pode mudar pesos de um lugar para outro nível. Psicologicamente falando, pode-se pensar que o carro guincho, por estar na frente do Shrek, representa a função de transformar aspectos que precisam ser elaborados como insegurança nas escolhas próprias, maior assertividade e independência. É como se o carro guincho estivesse direcionando aspectos masculinos pouco elaborados para o encontro com os símbolos do Ganesha (elefante), a árvore e a montanha.

Pirata: Eu achei parecido com o Deus indiano da sabedoria, o Ganesha. Eu me seduzo muito por essa questão do conhecimento, apesar de nunca ter trabalhado na área de educação. Por exemplo, se eu for no *shopping*, eu vou passar em uma livraria. Sobre psicologia, ou negócios, ou *game designer*, que é uma coisa que eu me interessei muito. Tenho gostado bastante e era o que eu queria estar trabalhando no final das contas, mas não tenho problema em seguir no que eu já tenho no currículo, que é o que eu queria fazer lá (fora do país).

Eu coloco eles na frente, porque tenho esses caras como guia de sempre estar correndo atrás do conhecimento. E aplicar esse conhecimento e estar se tornando uma pessoa mais sábia, mais evoluída.

O Ganesha, um Deus hindu, é a representação da sabedoria, pois separa o que é certo do que é errado e também está ligado à fortuna e à prosperidade. A árvore, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (1993), é o símbolo da vida por estar conectada aos três níveis cósmicos (subterrâneo, superfície e celeste). Em relação à montanha, os autores dizem que um dos seus significados é a estabilidade.

Podemos pensar com isso que há uma força psíquica de transformação e desenvolvimento da personalidade de Pirata que emergiu no encontro consciente de suas potencialidades.

Síntese

Este cenário revela as influências familiares. Primeiro, em relação à sua esposa, que, ao ser dominada pela influência materna, reflete a sua paralisação (Valente de braços cruzados) e a infantilização (Minnie) diante da vida.

Segundo o próprio Pirata, ao se identificar com Shrek, ele mostra a necessidade de elaboração e desenvolvimento do seu masculino para além do complexo paterno.

Observa-se ainda, um movimento psíquico de uma maior conscientização de Pirata sobre si. O quadrante inferior do lado direito foi preenchido com imagens e símbolos de prosperidade, força e estabilização. Este quadrante está mais próximo da borda da caixa e representa um potencial para a realização concreta desses aspectos em sua vida.

Momento 3 - Visão do casamento sob a ótica do casal

Bailarina e Pirata



Título

O título dado pelo casal para esta caixa foi: “*Nossa história*”. Bailarina sugeriu esse título e Pirata concordou.

Descrição da realização do cenário

Para a realização desse cenário, o casal parecia mais à vontade. Os dois conversaram durante a realização. Bailarina solicitou algumas vezes que Pirata pegasse algumas imagens para ela na prateleira. Os dois demonstraram sintonia e não houve nenhuma mudança ou crítica em relação às escolhas das imagens.

Descrição do cenário

Todos os cantos da caixa são preenchidos. No centro encontram-se as imagens de Wolverine, Shrek, pirâmide e Buda. Ainda na parte central, mais voltada para o lado esquerdo, encontram-se as imagens do Buda, casal de tango, fada, Fiona e Minnie. No canto direito superior, encontram-se uma gaiola com um passarinho dentro e duas borboletas em frente; na

parte superior central, as imagens do chimarrão e da montanha. No canto esquerdo superior está a planta. E na borda da caixa está a Nossa Senhora Desatadora de Nós. Na parte inferior no lado esquerdo, está a imagem de um casal de velhinhos. Na parte inferior mais localizada no centro, está um bebê. E, por fim, na parte inferior esquerda, está a imagem de uma psicóloga e duas xícaras com dois pires e duas colheres.

Imagens e símbolos: Wolverine, Shrek (com armadura), pirâmide, chimarrão, montanha, planta, Buda, casal de tango, fada, Fiona, Minnie, Nossa Senhora Desatadora de Nós, duas borboletas, uma gaiola com passarinho, dois pares de xícaras com pires e duas colheres (rosa e azul), psicóloga, bebê, casal de velhinhos.

Espelhamento: imagens e símbolos

No centro da caixa, aparecem quatro imagens: o Shrek, o Wolverine, a pirâmide e o Buda.

Pirata: Então, o que acontece, é... Vou começar por mim. Eu coloquei o Shrek de armadura, né? É aquele cara que está tranquilo com ele mesmo, mas se sente uma situação de estar batalhando. Eu não estou tranquilo dentro de casa, estou em alguma luta. O Wolverine, pela personalidade dele, é um herói meio anti-herói, digamos assim. É aquela questão, não é um super-homem. Ele é o tipo de “eu vou te ajudar se você se ajudar”. Ele tem um senso de justiça de meritocracia, digamos assim. Mas não deixa de ser um herói, pois faz coisas boas, mas muitas vezes passando por algum critério, “merece ou não merece”. Assim como ele, estou aqui para viver minha vida. Já é difícil atender às minhas próprias expectativas, quem dirá atender às expectativas dos outros!

Segundo Almeida Neto (2005), Wolverine está relacionado com o arquétipo do herói. Apresenta características animais e isso dificulta sua relação com o meio. Posteriormente essas dificuldades foram transformadas em vantagens. Além disso, o seu temperamento é rebelde. Contudo, é considerado como um guerreiro por combater as adversidades de sua origem.

Em frente a Wolverine está o Shrek. Neste cenário temos algumas modificações em relação a esta última imagem. Primeiro, o tamanho, que na caixa anterior era a maior imagem e, na atual, apresenta o tamanho reduzido. Pode-se pensar que há uma mudança psíquica, no sentido do enfraquecimento dos aspectos negativos deste símbolo como, por exemplo, da passividade para uma postura mais ativa, de luta. Parece revelar uma maior conscientização

dos conflitos que apareceram nos cenários anteriores. Tanto o Wolverine quanto o Shrek estão conectados com a ação e superação dos conflitos.

Sobre a pirâmide:

Pirata: Acho que mexe com essa coisa de conhecer o mundo. E sair daqui. O simples fato de sair daqui já faz com que a gente...

Bailarina: respire, né?

Para o casal, a pirâmide – assim como a montanha e o chimarrão – significa a necessidade de expansão de mundo/expansão psíquica e de liberdade. Interessante o que trazem Chevalier e Gheerbrant (1993) em relação ao simbolismo da pirâmide como tendo uma dupla significação de integração entre o plano individual e coletivo. Isso parece refletir justamente o processo do casal, que é sair mais da esfera do coletivo/familiar para um caminho mais individual atingindo um melhor equilíbrio psíquico.

A imagem do Buda foi colocada por Bailarina para representar como ela enxerga Pirata, colocando-o na posição de alguém mais sábio do que ela.

Sobre as imagens femininas:

Pirata: A questão da Minnie e essa fadinha, é essa questão do jeito de ser. Meio lúdico, como posso dizer... Sabe como é uma pessoa iluminada? É uma fada, mas também tem essa questão de uma tendência um pouco ao lúdico. [Olha para ela e fala; é minha a análise].

Bailarina: Sim, senhor.

Pirata: O lúdico, se não coloca as coisas para funcionar, pode atrapalhar. E a Fiona. É, vejo que depois que a gente começou a se relacionar... Vejo que ela passou a ter uma posição mais de eu sou assim, meu território etc. e tal. E também eu acabei, tem vários trejeitos que ela pegou de mim.

Bailarina: Tipo, a pessoa se adequou ao respectivo.

Pirata: Exatamente. A Fiona é que vejo que ela passou a aceitar mais coisas nela mesma. Sou assim e pronto. Não vou me importar tanto no que estão pensando de mim.

Pesquisadora: Em uma palavra a Fiona representaria o quê?

Pirata: Aceitação.

A representação do feminino se modificou nesta caixa. No lugar da Valente, veio Fiona, que, além de ser a esposa do Shrek, representa um feminino mais ativo e dinâmico. Na imagem, Fiona está com os braços livres. Parece que ela passou a integrar esses aspectos em

si mesma. Contudo, tem que lidar ainda com o lado do feminino infantil representados pela Minnie e pela fada.

A imagem do casal de tango encontra-se justamente no meio. Está entre o lado direito (imagens masculinas) e o lado esquerdo (imagens femininas), como se fosse o símbolo de união e integração. Na imagem do casal de tango, o masculino e o feminino recebem forma humana. Este tipo de dança se realiza a dois, em dupla, pelo casal. É considerada uma dança sensual e capaz de comunicar os afetos.

Nota-se que, bem na frente da imagem do casal de tango, temos a do bebê. Está localizado na parte inferior da caixa. Pode-se pensar como a possibilidade da concretização do filho(a), como também a possibilidade de o nascimento de algo novo, simbolicamente falando, na relação.

No canto direito inferior aparece a imagem da psicóloga.

Pirata: Eu queria algo que representasse um tipo de trabalho que a pessoa entra, porque ela quer aquilo. Tipo a pessoa que decide ser psicólogo é porque realmente quer aquilo. É uma das coisas que tem mexido atualmente bastante comigo. De ter definido para mim o que eu realmente quero. Por um grande pedaço da minha vida eu não tinha coisas definidas e normalmente as pessoas têm. Isso é uma complicação para mim. Me dá uma certa inércia. Até para a própria carreira. Vou fazer isso, isso, aquilo ou aquilo outro? Isso me prejudicava bastante. E uma coisa que tem mexido comigo, é você objetivar e focar no que você realmente quer. Tem vários caminhos, mas não, vou trilhar esse caminho aqui. Eu não me vejo tão decidido, e é uma coisa que eu estou buscando e já está no meu horizonte.

À medida que Pirata reflete sobre as suas inseguranças e indecisões em relação ao trabalho, passa a ter coragem de verbalizar algo que é fora dos padrões, mas que o motiva. Com isso, vai ficando mais claro para ele qual o caminho que ele quer buscar.

Pirata: Essa questão do trabalho. Para mim é estar trabalhando com game designer que é minha primeira opção. Quando a gente fala em jogos é muito da experiência do jogador. Você está se desafiando, acompanhando o histórico que você está assistindo, é como se fosse um filme. Tem gente que fala dos jogos com um carinho, com uma coisa, porque aquilo foi importante para ela. É uma coisa que eu gosto de desenvolvimento de jogos que para mim já há muito tempo. Para mim é uma arte.

Ele ainda verbaliza o desejo de ir para fora do país, mas sente que bailarina não quer ir. Pergunto sobre as xícaras que estão do lado direito da imagem da psicóloga.

Pirata: Bailarina quem colocou. Acredito que está ligado ao padrão de vida que a gente deseja ter.

Bailarina: Na verdade, mais do que o padrão, é fazer as coisas juntos. Você sabe que eu gosto. São duas colheres, duas xícaras. Tudo dois. Tanto é que a maioria das coisas eu peguei em dois e você pegou de um em um. Então tipo assim, você catou os masculinos e colocou. Eu, quando peguei, eu já peguei tudo de dois.

Pirata: Mas eu posso representar dois com um [Foi ele quem colocou a imagem do casal de tango.]

Bailarina: Pode. É claro que pode. Eu não estou dizendo isso, mas entenda, pelo fato do individual. Você quer manter a todo custo a todo preço com medo de que eu engula você de qualquer forma, de qualquer jeito, aí você faz isso. É como você não quisesse perder sua identidade, que eu não quero tirar.

Aqui fica claro: a percepção que Bailarina tem da tentativa de separação, no sentido da individualidade que vem através de Pirata. Neste momento, o complexo é constelado. Bailarina fala de forma irritada e emotiva. Cabe aqui observarmos o pensamento de Kast (1997) sobre o desligamento dos complexos parentais.

[...] A temática do desligamento, nos complexos paterno e materno, é igualmente uma problemática de separação, na qual deixamos para trás diversas esferas da vida ou pelo menos as levadas conosco apenas em uma forma modificada. Trata-se de ocupar o território “em um país desconhecido”, e nessa ocupação de território podemos confiar apenas em nossos próprios sentimentos, no próprio pensamento, nos próprios sonhos e nas pessoas. Para isso, uma decisão frequentemente se faz necessária: simplesmente confiar uma vez nos próprios sentimentos, no próprio pensamento, mesmo quando não se está resolvido se são realmente certos – em todo caso, serão mais certos para nós mesmos que os pensamentos e os sentimentos das outras pessoas.” (KAST, 1997, p. 204)

Tanto Pirata quanto Bailarina precisam fazer esse desligamento em busca de uma identidade mais própria. Contudo, Pirata está mais conectado e aberto para se desfazer da dinâmica de dependência familiar e ir ao encontro a algo mais próprio, único e individual.

Bailarina: Eu quero que você vá e você pague para ver, mas eu não preciso necessariamente ir.

Pirata: E eu quero que minha esposa vá comigo. Eu acho que a gente precisa desse momento para você cortar o cordão umbilical e se afastar da sua mãe.

A imagem que mais chama atenção, de uma forma geral, é a da santa colocada por Bailarina na margem da caixa. Ela está localizada no lado superior esquerdo e é como se visualizasse a caixa de cima. A imagem da Nossa Senhora Desatadora de Nós dialoga com a

imagem da bailarina e da Valente, ambas de braços cruzados, ambas com “nós”. Traz a possibilidade de transformação.

Bailarina: Ali coloquei a Nossa Senhora Desatadora dos Nós. Acima de tudo e observando tudo e também tomando conta.

Pesquisadora: Que nós?

Bailarina: Aquilo [aponta para a gaiola] é o meu nó. Da última vez que eu vim, eu falei que as pessoas tinham uma visão ruim de mim. E ontem eu conversando com você [começou a chorar].

Pirata: O quê?

Bailarina: Que eu era grossa, perversa.

Pirata: Você acha que a maioria das pessoas acha isso de você?

Bailarina: As pessoas que andam comigo. É que tem pessoas que têm uma opinião que pesa mais para mim do que outras. Mas a única opinião que me destrói é minha mãe. É a única que me leva lá para baixo em instantes e em um segundo me leva lá para cima.

Pirata: É, mas eu vejo assim. Se você precisar, sua mãe vai estar sempre aqui, ela fica parecendo uma “muletinha”. Em vez de, por exemplo, um passarinho no ninho, e a mãe fala: você pode voar. Se pique daqui. Voe que você consegue. Você pode!

Bailarina: Mas vamos combinar...

Pirata: Ela não quer que você se afaste. Se você crescer mais para o lado...

Bailarina: É hoje em dia eu vejo mais que tenho que aceitar esse meu lado ruim porque não consigo viver sem ele.

Pirata: Eu também não vejo como um lado ruim. Você deveria categorizar. Ele faz parte do pacote.

Nesse complexo, “não se pode mostrar a fúria, a fúria separa. Assim, ela se volta contra si mesmo. Surge um latente sentimento de culpa [...]” (KAST, 1997, p. 77). Bailarina sente-se muito culpada nos momentos que tenta impor a sua vontade ou quando precisa ser mais incisiva em algumas situações. Sente a sua agressividade agir de forma descontrolada e, por isso, se culpa.

Outro símbolo bastante significativo é a gaiola, que também dialoga com Nossa Senhora Desatadora de Nós. A gaiola é símbolo concreto do complexo. Nota-se que dentro da

gaiola tem um pássaro com um ninho que é útero, o materno envolvente e, que por envolver, impede o desenvolver. Observa-se ainda que as duas borboletas estão em frente a gaiola trazendo a possibilidade de transformação e liberdade.

O cenário e as associações verbais do casal retratam de forma clara a interferência psíquica da família sobre a relação conjugal. Cada cônjuge pôde expressar seus sentimentos e, com isso, reconhecer os aspectos que impedem o desenvolvimento individual de cada um e como isso reflete na relação. A montagem na caixa de areia propiciou a visualização desses aspectos.

Sobre essa experiência, com a palavra, o casal:

Pirata: É realmente um momento de desabafar e como tem alguém assessorando, né? Você tá olhando por um ângulo diferente, ajuda você a realmente considerar outras possibilidades e isso acaba influenciando na forma em que você age. No caso, o tema aqui sou eu, Bailarina e nossas famílias, acho que oportuna bastante você mudar sua posição. Porque assim: diversas coisas acontecem em nossas vidas, e se eu não colocar em mim como protagonista – e como a possibilidade de resolver as coisas é minha –, se eu ficar colocando a responsabilidade nos outros, eles não vão se resolver. Vão se resolver conforme a sorte. Eu acredito que essa pesquisa oportuna a gente a estar realmente ponderando a maneira de agir.

Bailarina: Na verdade, acaba sedimentando aquilo que você não faz tanta ideia. Porque quando você monta, você visualiza. Porque, por exemplo, eu não imaginei o quanto a família influencia na pessoa em si, independente do casal. E enquanto isso reflete no relacionamento, não só no meu... Quando eu estava montando, foi tão inconsciente, foi tão natural, fluiu, que eu não enxerguei a representatividade daquilo. Então, tipo assim, eu montei e aí, quando ela começou a me explicar porque que eu tinha colocado aquilo... Porque para mim não fazia muito sentido, não era muito lógico, eram coisas soltas, meio perdidas, você pega coisas simples que não tenham um significado, mas quando você coloca aquilo e constrói o cenário, nossa! Aquilo realmente é isso. Você monta um quadro daquilo, uma pintura, não sei. Você tem aquilo mais solidificado e você consegue mais trabalhar. Eu entendi dessa forma. Porque, por exemplo, eu passei a enxergar mais. Tipo assim, eu não percebia o quanto a forma, a forma não, como é que diz? Eu não percebia o quanto as pessoas à minha volta, meus familiares, minha tia, minha mãe sofrem em dizer não – elas têm uma dificuldade muito grande – e de quanto eu tinha/tenho dificuldade de dizer não.

Bailarina: E bate tanto! O que eu mais achei interessante é que foi tão inconsciente, foi algo tão natural, tão espontâneo que, quando fechou... Mas não é que é isso mesmo? É um inconsciente meio consciente. É como se eu tivesse feito a ligação entre um e outro; e aí, pronto! Agora eu enxergo e sei como posso me movimentar.

Pirata: Como é fácil a gente carregar as coisas da família. Eu até identifico algumas coisas, mas é difícil mudar.

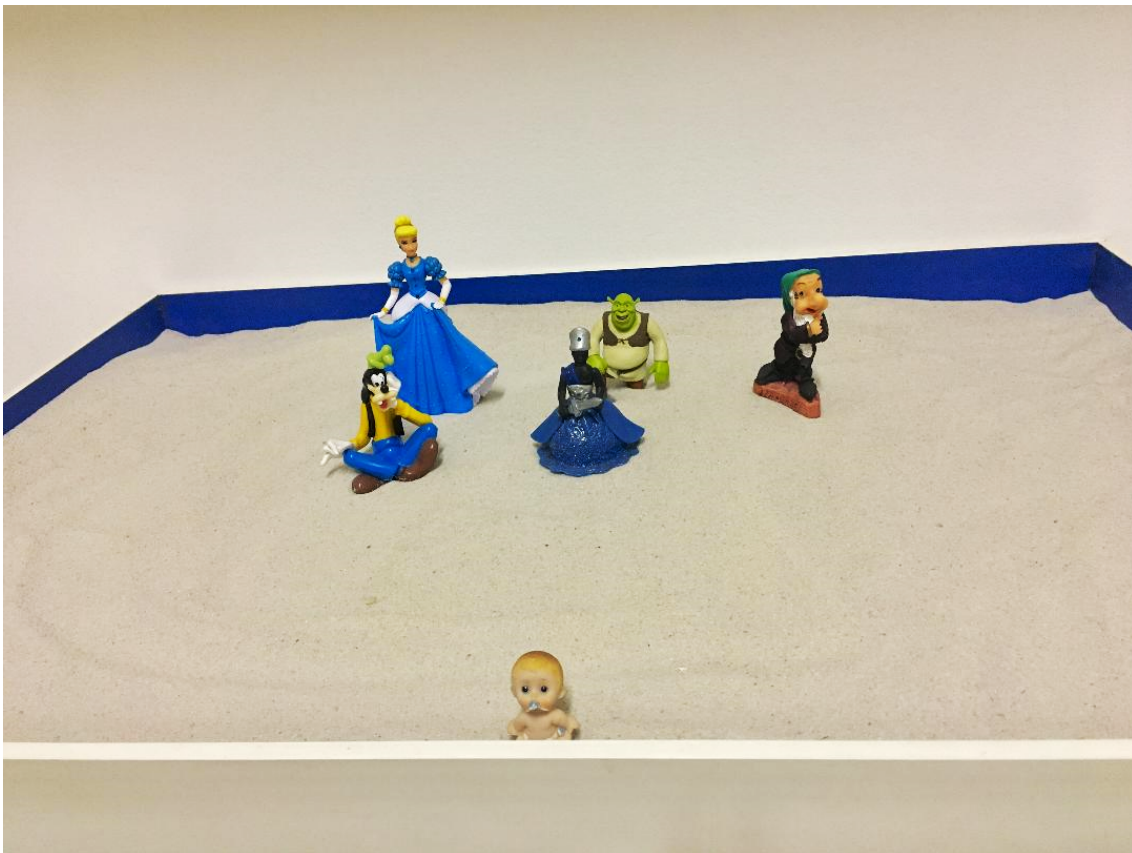
Neste último cenário, é clara a modificação de alguns símbolos e maior conscientização dos complexos parentais. Assim como a necessidade de elaborá-los e, com isso, fazer da relação conjugal um espaço criativo em que o potencial de cada cônjuge seja desenvolvido.

Iniciaremos a análise dos cenários e das entrevistas do casal 2 apresentando Shrek e Bebê/Mulher, assim denominados pela sua identificação egóica referente ao cenário enfocando a sua visão da família de origem.

Como foi dito anteriormente, é importante destacar que as análises são baseadas nas imagens, fantasias e símbolos do pesquisado(a). Estão associadas a como o convívio com as pessoas da família ou da relação conjugal afetam a vida do indivíduo. Não se trata, portanto, da análise das pessoas em si. Além disso, esta análise comporta outras formas de leitura.

Momento 1- Família de Origem

Shrek



Título

O título dado por Shrek para o seu primeiro cenário foi: “*Batalhadores*”.

Descrição da realização do cenário

Shrek demonstrou estar tranquilo para a realização do seu primeiro cenário. Não fez verbalizações enquanto escolhia as miniaturas. No início questionou se era para colocar o pai, a mãe... Pontuei que era a família de origem. No final perguntou se estava bom (o que tinha feito). Como se demonstrasse uma certa insegurança se estava correta a forma que fez.

Descrição do cenário

Mais voltada para o centro da caixa está a imagem de Ogum. Atrás de Ogum localizado na porção superior central da caixa, está Shrek. Ao lado de Shrek, mais para o lado esquerdo superior da caixa, está o anão. Ao lado de Ogum, voltado para o lado esquerdo central, está o pateta e atrás do pateta, na parte superior esquerda, está Cinderela. O bebê está na parte central inferior da caixa.

Imagens e símbolos: bebê, Ogum, Shrek, anão, Pateta e Cinderela.

Espelhamento: imagens e símbolos

A primeira imagem colocada na caixa foi a do orixá Ogum. Essa imagem aparece no centro e, de certa forma, justifica o título da caixa. O orixá tem uma espada na mão e na igreja católica corresponde a São Jorge o santo guerreiro.

Pesquisadora: Fala para mim sobre essa primeira imagem. Você colocou Ogum, não foi?

Shrek: Minha mãe.

Pesquisadora: E o que é que essa imagem traz?

Shrek: A força. A força dela em conduzir a família.

Pesquisadora: E ela está no centro, né?

Shrek: Sim, sem ela a família não iria para frente, não iria prosperar. Ela é a nossa guerreira. É o nosso norte. Quando algum de nós fraqueja, ela sabe dar a lição e sabe encorajar para fazer o certo. Incentiva na busca do que é nosso por

merecimento. Nós somos pessoas que vivemos como eu falei, batalhadores. Nós temos personalidades muito diferentes e, ao mesmo tempo, temos um traço que nos identifica. Que é: a gente não baba o ovo de ninguém. Entendeu?

Tudo que a gente faz, a gente faz por merecer. Todas as nossas conquistas. Então, ela sabe incentivar a gente, sabe falar o que deve ser feito. Ela é união. Sabe dar o sermão e sabe também dar o carinho. E ela vai na frente porque ela é a pedra fundamental da família.

Com base na imagem e no relato, parece que Shrek vive uma experiência do complexo materno de forma positiva. Sua mãe apresenta aspectos afetivos e carinhosos, de incentivo e estímulo em direção ao mundo. De acordo com Kast (1997, p. 54), “cabe a uma mãe não só deixar o filho crescer no útero, mas também expulsá-lo [...]. Uma boa mãe daria o sentimento vital do estar-contido, do ser nutrido, estar seguro, mas também o de ser expelido no tempo certo”.

Ao relatar a sua vivência com o aspecto paterno, percebe-se que essa experiência foi marcada pelo complexo em sua forma negativa.

Shrek: É, eu coloquei o Pateta, porque é o símbolo de meu pai. Porque eu acho que meu pai, voltando a falar de minha mãe, eu acho que ele tem uma pedra preciosa na mão e nunca soube lapidar, nunca soube explorar e nunca conseguiu ver o quanto valiosa essa pedra é. Então ele sempre achou mais fácil de todo insucesso dele que a culpada era a minha mãe. Eu cresci ouvindo isso. A culpada é sua mãe. É muito fácil você colocar a culpa nas costas de outra pessoa. E minha mãe, com o tamanho dela e por compreender as coisas da vida, ela deixar isso passar, sabe? Ela acha que não te afeta. Em um contexto geral, isso nunca afetou ela, nunca diminuiu, porque ela sabe o tamanho dela. Ela sabe o quão importante ela é para a família.

Pesquisadora: E por que o Pateta?

Shrek: Porque já é o próprio nome. Meu pai com a vida dele foi muitas vezes pateta. Porque do que eu conheço pra cá, de quando eu era criança, que minha mãe queira ter um restaurante e meu pai não a incentivou, não a apoiou da forma que um marido deveria incentivar. Meu pai foi aquele cara que sempre cresceu no interior. Não teve uma grande criação por parte dos pais e cresceu com um formato de homem que achava que bastava colocar a comida no prato de casa que era o suficiente; isso era criar a família. E não é. Eu nunca ouvi um “parabéns”. Tenho 33 anos e nunca ouvi um “parabéns” de meu pai. Ou de, poxa! “você fez algo verdadeiramente importante”. Eu acho que não só meu pai, mas os irmãos dele, acho que têm uma visão muito limitada do que é viver. Eu penso que muitas pessoas vêm ao mundo e vivem, mas durante esse tempo de vida não conseguem aproveitar a vida de uma forma mais macro. Se limita, se sabota. E isso é muito feio, porque você perde a experiência maravilhosa que é a vida. A maior experiência que Deus nos deu é a vida. Não tem nada maior do que a vida. Então é isso.

O complexo paterno foi externado na imagem do Pateta. O participante da pesquisa percebe o comportamento do seu pai e, de uma forma geral, da família paterna como a de homens machistas, grosseiros e incapazes de se relacionarem de maneira criativa com a *anima*. O sentimento e o afeto não são vividos de maneira significativa por eles. Na relação com Shrek, uma ligação mais profunda na relação com seu pai ficou prejudicada. Kast (1997) detalha aspectos da vivência do complexo paterno negativo no filho que consiste em: “o filho não poder entrar em uma ‘relação-de-nós’ com o pai, nem no sentido de uma interação feliz, em que ambos têm o sentimento de, por meio do estar juntos, surgir algo que cada um por si não poderia fazer surgir, nem no sentido da identificação” (KAST, 1997, p. 181).

Ao lado esquerdo de Shrek, na parte superior da caixa mais voltada para o lado esquerdo, está a Cinderela.

Shrek: A Cinderela é minha irmã. Se não me engano, no conto, a Cinderela estava trabalhando. E ela foi para a festa. Minha irmã é uma mulher lindíssima, mas muito capaz. Muitas pessoas às vezes confundem a beleza de uma mulher com a sua capacidade. Ela é uma mulher muito capaz no que ela se propõe a fazer. Ela se formou no ensino normal, na época que tinha, para professora de criança, e depois foi fazer economia. Desde aí começou a trabalhar no banco, estagiando, depois foi contratada. Desde muito jovem na área bancária; e ela sempre fez tudo com muito empenho, muito direitinha nas coisas. E ela ajuda muito a minha mãe, sabe? Ela tem esse lado muito benevolente. O que minha mãe precisa, ela não pensa duas vezes.

Abramowicz (1998) aponta que todas as qualidades atribuídas à Cinderela são um conjunto “da melhor da espécie” (p. 94). É clara a relação positiva que Shrek tem em relação à sua irmã. Ele a admira tanto pela sua beleza quanto pela sua competência na vida laboral. Novamente traz a imagem do feminino de forma positiva na sua vida (mãe e a irmã). As imagens anímicas que marcam seu campo psíquico representam o seu feminino interior e o estimulam a viver de uma forma mais autêntica.

Ao lado direito de Shrek está o anão Zangado.

Shrek: Eu botei Zangado. É um dos anões. Eu coloquei representando um dos meus irmãos (o segundo). É um rapaz trabalhador, inteligentíssimo, mas ele reclama da vida de uma forma que não deveria. Porque eu acho que ele é um dos filhos que mais recebeu ajuda dos pais e hoje ele é casado. Engraçado que a família da esposa dele também o ajuda muito. E ele continua meio sendo que zangado, reclamando das coisas, da condição de vida e tudo mais. Tudo que ele vive hoje foi fruto das escolhas dele. Não deveria reclamar tanto. Ele deveria aproveitar tudo que ele tem, a família que ele tem, a família da esposa que ele

tem e extrair o melhor. Não sei se pelo fato de ele sempre ser ajudado, ele se acostumou a isso e acha que isso é o normal.

Shrek: Ele foi mais ajudado, porque desde pequeno. Eu e Cinderela não tínhamos problema algum em relação a saúde, a gente nunca dava trabalho a minha mãe. Mas Anão estava sempre doentinho, mais frágil. E minha mãe se acostumou a acolher um pouco mais ele por essa questão. E meu pai ao mesmo tempo, não sei se discriminava, não sei. Só sei que era um pouco mais crieri pro lado dele. Então minha mãe abraçou um pouquinho mais ele ainda. E ele se acostumou a ser ajudado. Hoje ele ainda é ajudado por minha mãe e não reconhece. É uma pessoa que... Acho que os mais ajudados não sabem ajudar ou acham que aquilo ali já é algo natural e que tem que ser assim, mas não têm essa consciência. É um rapaz esforçado, mas eu acho que, ao mesmo tempo que ele é esforçado, não canaliza a energia dele para algo melhor e maior. Eu gosto muito de meu irmão, mas ele tem esse lado. Mas ele também tem um coração muito mole, uma pessoa muito amorosa em alguns aspectos. Tem um olhar mais delicado para a família. Às vezes eu tenho um pavio curto, e quando ele não me pirraça, ele consegue me explicar as coisas de uma forma como poucos conseguem. Ele tem um olhar muito diferenciado em relação a isso. É muito sensível. Muitas coisas, consegue trazer de uma forma muito peculiar da parte dele.

Nota-se que a relação com o irmão é ambígua. O participante da pesquisa percebe o quanto Anão precisa se desenvolver, crescer. Ao trazer o histórico de problemas de saúde do irmão, diz que o fato de ele ser protegido e cuidado por sua mãe de uma forma mais protetora pode ter causado uma maior dependência e aprisionamento a aspectos infantis que impedem o fluir do seu desenvolvimento. Além disso, a relação do irmão e do pai foi vivida de uma forma ainda mais negativa. O irmão por ter que ser cuidado recebia mais atenção da mãe (o que pode gerar uma competição em relação ao pai). Soma-se a isso, o fato de o irmão mais velho ter morrido quando Anão ainda era pequeno. O pai na vivência do luto afastou-se ainda mais deste irmão.

De uma forma geral, pode-se pensar que a imagem do anão é um masculino que ainda não se desenvolveu. Isso parece estar relacionado com o complexo paterno negativo refletindo em seu comportamento exigente e “reclamão”. Kast (1997) afirma que essa característica é própria do complexo paterno negativo no filho. Em suas palavras: “a exigência excessiva do filho, a qual ele provavelmente já interiorizou e que é vivenciada como reivindicação própria” (KAST, 1997, p. 182).

Em relação à imagem do bebê, o pesquisado afirma ser a representação do seu irmão mais velho, que morreu antes mesmo de ele nascer. Sente que o irmão é um anjo que está à frente e que protege a sua família. O irmão morreu quando era criança, por isso o bebê.

Por fim, quanto à imagem do Shrek:

Shrek: Sou eu, né? Um ogro. Ele tem um lado meio monstro, meio humano. É feliz, é um ogro do bem que tem seu lado meio grosso. Eu consigo dizer que eu sou uma pessoa que eu passei por diferentes momentos, né? Não sei se é da característica do meu signo. Tem uma hora que você vai me ver mais feliz. Em outra hora mais introspectivo, mais fechado comigo mesmo na minha caixinha. Sou um ogro, porque tenho o meu jeito meio estabonado de falar e de ser. Mas o Shrek é um ogro que é família. Tem um gatinho, tem o biscoitinho... Ele quer abraçar e quer o bem de todos. Ele tem essa característica. Eu coloquei ele atrás da minha mãe, e não foi à toa. Porque minha mãe... às vezes quando vou fazer alguma coisa penso se ela aprovaria ou desaprovava, eu sempre penso.

Pesquisadora: O que é que essa imagem te passa?

Shrek: Eu penso muito nas coisas e tenho uma conexão muito grande com minha mãe. Às vezes a gente não precisa trocar todas as palavras para a gente entender um ao outro, né? Eu tenho uma conexão muito bacana com ela

No filme o personagem do Shrek é multifacetado. Ao mesmo tempo que se mostra viril e destemido, não esconde seus medos e seus choros. No relacionamento com Fiona, ao mesmo tempo que é dono de si, pode facilmente receber ordens da sua esposa.

No relato, Shrek abrandava o lado rude, pois consegue acessar com facilidade suas emoções. E, como dito anteriormente, essa característica está ligada originalmente a relação com sua mãe.

Síntese

Este cenário permite a visualização da vivência familiar e da presença clara dos complexos materno e paterno, bem como os reflexos destes complexos no participante da pesquisa e nas suas figuras fraternas.

A mãe é o símbolo de força e poder em seu aspecto mais criativo. Ela é vista como elemento central desta família. Em contrapartida, o pai é visto como um masculino despotencializado e inconsciente dos seus atos, visto como o Pateta. A família é marcada por complexos bem definidos: complexo materno positivo e complexo paterno negativo. Neste cenário, percebe-se como esses complexos atuam em Shrek e seus irmãos.

Bebê/Mulher



Título

O título dado por Bebê/Mulher para o seu primeiro cenário foi: “*Árvore da vida*”.

Descrição da realização do cenário

Bebê/Mulher demonstrou estar um pouco desconfiada na realização do seu primeiro cenário. Não fez verbalizações enquanto escolhia as miniaturas. Não tocou na areia. À medida que ia se conectando com as imagens da prateleira, foi parecendo ficar mais à vontade, menos tensa.

Descrição do cenário

Como imagem central neste cenário temos: o galo, a árvore o casal de frevo e uma vaca. No canto inferior esquerdo, está a xícara com o pires, dois bebês, uma senhora. No canto superior direito, está uma casa. Na parte inferior mais voltada para o centro da caixa, uma bicicleta. No canto inferior direito, temos a imagem dos três casais (Shrek e Fiona, casal de cangaceiro e casal de noivos) e também dois vasos de flores. Por fim, no canto superior direito, está a imagem de São Jorge.

Imagens e símbolos: xícara e pires, dois bebês, um senhora, uma casa, um galo, uma árvore, casal de frevo, um vaca, uma bicicleta, dois vasos de flores, São Jorge, casal Shrek e Fiona, casal de cangaceiro e casal de noivos.

Espelhamento: imagens e símbolos

A participante da pesquisa escolheu como primeira imagem a senhora sentada em uma poltrona. Além disso, colocou dois bebês uma ao lado do outro e uma xícara.

Bebê/Mulher: É, ali é minha mãe e ali sou eu e meu irmão. Meu pai eu não conheci, porque assim que minha mãe teve meu irmão eles se separaram.

Pesquisadora: Você é a mais velha?

Bebê/Mulher: Sim, sou dois anos mais velha. Então, da parte de pai eu não tive nenhum contato.

Pesquisadora: Com ninguém?

Bebê/Mulher: Com ninguém. Porque teve uma briga na época para ela [mãe] ficar comigo. Na família [paterna] quiseram ficar comigo, não quiseram ficar com meu irmão, tipo assim. Durante um bom tempo, ele foi criado pelos meus avós e aí teve um período, acho que com dois, três anos assim, eu também fui morar no interior com minha tia e meu tio, só que depois eu voltei. Aí maiorzinho meu irmão veio aqui para salvador, mas ele não gostava daqui. Foi justamente esse contato com o interior e a natureza que fazia com que ele não se adaptasse aqui em Salvador. Aí voltou para ficar junto dos meus avós. Eu não, como sempre eu fiquei com minha mãe.

Com base no relato e na imagem, percebe-se a ausência paterna de forma muito significativa. A separação parental, resultou na separação dos irmãos, já que a mãe não tinha condições financeiras para criar as duas crianças sozinha. A participante da pesquisa disse ainda que o pai não se fez presente nem de forma física e/ou afetiva, nem em relação a um suporte financeiro.

A imagem, a senhora sentada em uma poltrona, mostra uma mulher mais velha e solitária junto com dois bebês.

Bebê/Mulher: Aí coloquei a xícara para representar casa porque minha mãe não deixava eu sair de casa. Tenho uma lembrança de quando eu era criança que eu só podia sair com ela [...] Acho que é questão de ciúmes. Acho que por

ela ter batalhado para ficar comigo e tal... Às vezes, eu sinto ela um pouco ciumenta, até com Shrek. Ela é um pouco complicadinha nessa questão de relacionamento. Antes de Shrek, eu tive um namorado, e ela botava defeito. Aí com Shrek, ela bota outros defeitos. Eu sinto que é ciúmes por eu estar mais próxima a ela. Meu irmão, não liga tanto... Acha ela chata e também por ele ter ficado um tempo longe, aí não tem essa relação assim tão próxima de mãe e filho.

Sobre isso, segundo Kast (1997):

Mães sobrecarregadas são frequentemente pouco compreensivas na interação com a criança- sobrecarregadas porque os parceiros não assumem seu papel ou inconscientemente desvalorizam as mães e seu trabalho de relacionamento. Mães que exigem muito, que vêem a si mesmas mas não o filho têm dificuldades para deixar que a criança se desenvolva de acordo com sua própria natureza (KAST, 1997, p. 164).

No cenário, Bebê/Mulher traz a xícara como símbolo da proteção e do afeto na relação com sua mãe. Contudo, muitas vezes essa vivência, em muitos momentos, causa sensações de sufocamento, ciúmes e uma superproteção de forma exagerada. Lembrando que de acordo com Ammann (2004) o quadrante inferior esquerdo relaciona-se com a regressão (aspectos inconscientes).

Bebê/Mulher: Coloquei árvore, porque toda a minha infância foi no interior. Aí coloquei frevo para representar um monte de gente [da família], porque meu avô tem 15/ 20 filhos e, às vezes, reúne um monte de gente. Coloquei o frevo representando muita gente, festa. Aí coloquei árvore que eu gosto representando a natureza. Aqui [**imagem de São Jorge**] é porque a família é católica. Coloquei mais, porque minha mãe gosta muito de São Jorge. Minha mãe que sempre fala em são Jorge. Não tenho muita relação com santo. Eu acredito em Deus. É, eu sou aquariana, e tem a questão de Iemanjá que Shrek gosta bastante... Mas não me prendo muito a essa coisa de santo.

Pesquisadora: Você poderia ter escolhido outra imagem e você escolheu uma imagem de força.

Bebê/Mulher: É, preciso bastante. Essa questão de minha mãe conta por várias questões. Ela sozinha, tal, não teve companheiro, aí hoje já é idosa. Vive uma situação complicada, porque o pai dela está internado. Tem uma questão de herança que ela está super preocupada. Ela quer se aposentar e não está conseguindo. Não sei se é por uma questão dela; porque ela reclamar muito da vida. É uma pessoa que nunca me agradeceu de nada. A gente morava em uma rua bem complicada, de ter tiro.... Aí Shrek chegou e a gente mora em uma casa que é frente de rua. Até hoje, ela reclama. Não agradeceu de ser uma ajuda, de ter tirado a gente de lá, como aconteceu de uma menina levar um tiro na cabeça. Meus tios já foram assaltados quando moravam lá. E ela não agradece nada. Só faz reclamar. Eu fico com isso. É minha mãe... Eu já li até

uma coisa relacionada com isso, de pais tóxicos. Eu sei que ela já está idosa e fico na ponta de faca. Por um lado, minha mãe, do outro Shrek.

A parte do cenário que simboliza a vivência com a família e, nesse caso, somente com a família materna, está no centro da caixa. A participante da pesquisa quis criar um cenário que se remetesse à sua vivência no interior e ao seu contato com a natureza representadas pelas imagens do galo, da árvore e da vaca. De acordo com a leitura universal desses símbolos, encontramos em Chevalier e Gheerbrant (1993) que o galo está relacionado ao símbolo solar já que anuncia o sol, por isso teria poderes contra influências maléficas da noite (inconsciente), a árvore é um símbolo de fertilidade e a vaca é o símbolo da nutrição. Soma-se a isso, o casal de frevo para representar toda a festa e alegria no convívio familiar.

A imagem de São Jorge parece não ter um significado muito grande para a Bebê/Mulher. Diz ter colocada pelo fato de a família ser católica e a mãe ter uma ligação com esse santo. Apesar disso, não podemos deixar de considerar que São Jorge é tido popularmente como um santo guerreiro. Este símbolo encontra-se na parte superior da caixa do lado direito, e de acordo com Ammann (2004), como já dito anteriormente, é o lado da relação pessoal com o pai e com a profissão. A história de São Jorge é marcada pela luta contra o dragão, que em uma visão psicológica refere-se a aspectos sombrios que aprisionam e podem impedir um caminho mais consciente e autônomo. Interessante notar que essa imagem dialoga com as imagens das representações dos casais na parte inferior da caixa. Como se fosse uma luta pela autonomia individual e da relação.

Seguindo com as análises, em relação as imagens que representam o casal:

Bebê/Mulher: Aqui, eu coloquei a parte do casal. Primeiramente quando a gente se conheceu, ele era chamado de Shrek.

Pesquisadora: Por quê?

Bebê/Mulher: Porque ele tinha um comportamento um pouco agressivo.

Pesquisadora: Agressivo?

Bebê/Mulher: É, na forma de falar, sabe? E não estava nem ligando para que os outros vão pensar, tal. Aí a gente se conheceu e eu achava bonitinho esse apelido. Até que chegou ao ponto de, lá na frente, isso interferir na nossa relação. Tanto que a gente já brigou várias vezes tal. Aí a gente teve várias brigas feias; e disse que ele não seria mais Shrek. Eu disse que eu não queria ouvir mais Shrek na vida. Até ele falava que era um ogro: “Sou um Shrek”. Aí, quando eu vi que estava demais, eu disse que não queria que ele fosse mais Shrek. Até a família chamava ele de Shrek achando isso lindo.

Aí depois de tantas brigas... em 2017, a gente ficou um tempão separados. Aí eu coloquei isso aqui, porque a gente gosta das mesmas coisas. A gente gosta de natureza, de pedalar, de um monte de coisinhas. [**imagem da bicicleta**].

Pesquisadora: Mas você colocou vários aspectos do casal, né? Colocou o Shrek, a Fiona...

Bebê/Mulher: Era para representar o casal. Eu também às vezes sou um pouco Fiona.

Pesquisadora: Aqui meio cangaceiro e foi evoluindo para uma coisa mais humana, mas ainda meio...

Bebê/Mulher: Agreste...

Pesquisadora: E aqui?

Bebê/Mulher: Aqui é o que estamos vivendo hoje. A gente já vivia juntos, e eu ficava brincando com ele porque vivíamos juntos, mas não tínhamos aliança. Falava que ele estava me enrolando. Foi aí que, quando a gente se separou ano passado, a gente voltou com outra cara. A gente voltou, foi fazer terapia. A gente viveu como se fosse solteiro. Foi uma construção. A terapia ajudou bastante nessa questão.

Pesquisadora: Qual o ponto assim que você acha que a terapia ajudou?

Bebê/Mulher: Teve dois pontos na verdade. Teve a do meu lado, que é a parte ciumenta e a parte dele, que é a parte impulsiva. Em qualquer lugar, em qualquer momento, ele falava, gritava, explodia mesmo.

Nessa reflexão, a participante da pesquisa aponta as transformações vividas pelo casal durante o relacionamento. Primeiro, como um casal de ogros em que os complexos paterno e materno, respectivamente, eram constelados em atitudes de explosão e impulsividade (Shrek) e de ciúmes e insegurança (Fiona). De acordo com o relato, o processo terapêutico ao qual o casal foi submetido foi importante para a tomada de consciência desses aspectos. Nas palavras da participante da pesquisa: “Fizemos terapia para poder criar a família que a gente quer”. Shrek fala: “Mô, a gente tem que construir a família do nosso jeito. Diferente da sua família, da minha, a gente vai construir a nossa família, do nosso jeito”. Parece uma tentativa do casal de se desvincular dos complexos familiares a fim de construir uma relação com a identidade deles.

A tomada de consciência por meio do processo da terapia parece ter resultado na “evolução” e modificação das diversas facetas do casal que foram expostas na caixa. Por fim,

puderam entrar em contato com o lado mais amoroso, compreensivo e companheiro representado pelo casal de noivos.

Para a participante da pesquisa, a bicicleta tem o símbolo que corresponde às afinidades do casal e ao companheirismo. Apesar da bicicleta ser um veículo individual, a garupa permite a presença do outro, como é o caso na imagem do cenário.

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (1993), o símbolo da bicicleta apresenta três características: a) o movimento acontece pelo esforço da pessoa, diferente de outros veículos, b) o equilíbrio acontece somente quando o movimento é para frente assim como no percurso da vida e, por último, c) a pessoa que guia faz o papel de cavaleiro único. Em última análise, a pessoa vai adiante por seus próprios meios. A bicicleta tem a direção para a frente da caixa e parece indicar um movimento concreto e consciente para uma vida mais autônoma.

Mostro à participante da pesquisa que parece haver uma divisão na caixa. De um lado, as imagens que representam o casal e de outro, a relação com a mãe e o irmão. Ela concorda e diz:

Bebê/Mulher: De um lado minha mãe e de outro Shrek. Recentemente eu fiz meu chá de fraldas. Ela me ajudou na lembrancinha e tal. Aí', na mesma semana, meu avô veio internado aqui pra Salvador. Aí tudo bem. Não tinha como cancelar mais. Não fiquei contente, nem feliz (pelo meu avô). Queria ter dançado (no chá), porque foi em ritmo de São João, mas nem tive clima. Aí quando foi sábado de manhã eu perguntei se ela iria. Ela disse: pra onde? Ela é uma pessoa complicada de viver. Por isso que meu irmão não fica com a gente. Meu irmão foi lá me ajudar com Shrek. Aí eu disse para ele falar com minha mãe que ela estava com a cara amarrada e achava que era por causa de meu avô. Aí ele disse, não é por causa de meu avô, é porque ela é assim por natureza e que ela gosta de ficar assim.

A sorte foi que minha sogra me ajudou. Tanto que minha família quase não foi. Foi meu irmão, meu primo e minha prima. Aí Shrek comentou: parece até que você não tem família e ainda bem que eles [o irmão e os primos] vieram. Como será a primeira neta dela, ela deveria me incentivar. Aí quando pergunto se ela vai, ela diz: vai pra onde? Sabe? Depois eu nem quis ficar conversando muito com ela, porque é ruim para a minha gestação, mas sabe? [Chorou.] Eu pensei e repensei muitas vezes de como conviver com minha mãe. Aí é bem complicado. Por isso que tem Shrek e tem minha família e Shrek é muito família.

Se ele pudesse minha mãe estaria mais junto, mas ela é uma pessoa que não consegue juntar. Às vezes a gente chama para sair, e ela não vai... Aí é bem complicado.

Aqui, aparece de forma clara a dificuldade de se relacionar com a mãe. A mãe mostra a faceta de mágoa e frustração. Provavelmente por viver mergulhada e inconsciente de certos

complexos ainda presentes e atuantes em sua psique. Kast (1997, p. 27) aponta que “[...] As garotas encontram a sombra, a vida não vivida de suas mães e começam a idealizar o que não foi levado a efeito na vida da mãe. Quero fazer tudo diferente da minha mãe [...]”. É simplesmente contra. Essa atitude, no entanto, pode indicar uma tentativa de encontro com a própria identidade.

Essa separação evidente no cenário em questão também aponta os aspectos de divisão na vida emocional da participante da pesquisa. Em relação à sua relação com a mãe, coloca-se como um bebê; já na relação com o seu marido, parece que pode exercer seu lado mais mulher. Pela observação desta divisão interna, foi escolhido o nome Bebê/Mulher como o nome fictício da participante da pesquisa.

Seguindo com as análises:

Bebê/Mulher: Minha mãe tem bastante coisas do meu avô. Tanto que meu irmão é a mesma coisa. Eu ficava pensando: é uma coisa de sangue mesmo. É porque valoriza mais o pessoal de fora. Meu irmão não trata minha mãe como deveria por ela ser mãe. Ela não me trata como filha. Eu considero que ela gosta mais do meu irmão do que de mim. Ainda tem esse detalhe. Eu sinto isso. Quando ela começa a me criticar e a criticar meu marido eu digo: Shrek não é ladrão, não é isso, não é aquilo, não sei o que a senhora tá reclamando, não sei de quê!

Pesquisadora: É como se ela não tivesse capacidade de enxergar quem está perto? Foi isso que você viu em comum com seu avô, sua mãe e seu irmão?

Bebê/Mulher: É, meu avô sempre teve duas mulheres e teve as duas relações fora do casamento. E tudo que ele trazia era para o pessoal de fora e não para dentro de casa. Minha mãe tem essa mágoa com meu avô. Sempre teve essa questão. Quando minha mãe vai para a casa das primas ela conversa normalmente. Mas dentro de casa, ela critica. E no interior piorou. Quando ela volta do interior é como se ela voltasse com alguma energia. Eu fico um tempo sem falar com ela.

Por fim, nota-se a presença de aspectos passados de uma geração para a outra. O avô materno de Bebê/Mulher viveu uma vida dupla em vários aspectos, pois além de manter duas famílias ao mesmo tempo, tinha atitudes diferentes. De acordo com o relato de Bebê/Mulher, com a família (de fora), ele apresentava um aspecto mais positivo, de valorização; já com a família (de dentro), que é a família dela, o que marca é a atitude de desvalorização. Ela percebe essa característica de “não valorizar quem está perto” no seu avô, na sua mãe e também no seu irmão.

Síntese

A representação da família é marcada pelo abandono e desamparo paterno e, ainda, pela ameaça de que a participante da pesquisa fosse tirada da sua mãe pela família paterna. “Minha mãe lutou para ficar comigo”. O complexo paterno negativo que marca a mãe de Bebê/Mulher (divisão/abandono e desvalorização) traz a mesma temática do seu complexo paterno negativo (divisão representada pelo risco de ser separada da sua mãe, do abandono e desvalorização).

Através do relacionamento amoroso, a participante da pesquisa tem se conscientizado de alguns padrões familiares e caminha na direção de viver sua vida de maneira mais livre e criativa.

Momento 2 - Visão do casamento atual sob a ótica individual

Shrek



Título

O título dado por Shrek para o seu segundo cenário foi: “*Nosso Mundo*”.

Descrição da realização do cenário

Neste segundo cenário, Shrek demonstrou mais uma vez estar tranquilo. Cantorolou e balbuciou algumas coisas durante a execução da tarefa. Parecia bastante envolvido na realização da caixa atuando de forma criativa ao brincar com as imagens. Por exemplo, colocando uma em cima da outra, abrindo o guarda-sol que estava fechado...

Descrição do cenário

No centro está o casal de tango. Logo atrás do casal, está um tijolo. Ao lado direito inferior, há um berço e um par de sapatos de bebê. Mais voltado para o lado direito, está um carro. No canto superior direito, estão Huck e a Mulher Maravilha; na frente está a torre Eiffel e, ao lado direito, um sapo. Na parte central superior, estão os animais como: joaninha, porco, galo e tatu e uma árvore de pedras com uma coruja em cima. Ainda na parte central superior, está o casal Moana e Maui em frente um vaso de flor. Em frente ao vaso, está a prancha de surfe e, na frente da prancha, um coco. Por fim, um pouco mais para o lado esquerdo, está o guarda-sol.

Imagens e símbolos: berço, um par de sapatos, um casal de tango, tijolo, torre Eiffel, carro, coco, sapo, Huck, Mulher Maravilha, tatu, galinha, árvore, joaninha, porco, coruja, Maui e Moana, um vaso de flor, prancha de surfe, guarda-sol.

Espelhamento: imagens e símbolos

A primeira imagem colocada na caixa foi o casal de tango. Esta, aparece no centro revelando a sua importância simbólica.

Shrek: É uma música, uma dança muito sensual que é como se fosse um eterno joguete de conquista. A gente sempre tem que ter o pensamento dessa forma. Acho que depois que você acha que a pessoa já está conquistada e tudo mais, você para de querer encantar aquela pessoa. A gente se conheceu em 2010 e começamos a namorar em 2011. Passamos por muitas brigas nesses anos, algumas enquanto éramos namorados; nos afastamos algumas vezes, mas a gente sentia que quando a gente estava longe um do outro, era como se tivesse faltando algo.

Muitas vezes quando a gente estava junto esquecíamos disso e não dávamos valor um ao outro. E quando chegou em 2017, a gente passou por uma grande crise no nosso relacionamento. A gente se separou em abril e só voltou oficialmente, no carnaval de 2018. Isso me incomodou na época, mas a gente é louco um pelo outro. A gente se gosta demais. E, às vezes, quando você está no marasmo, você não reconhece isso, acha que não.

Quando a gente voltou, a gente voltou sabendo que queria ficar junto mesmo. Por isso que depois a gente procurou fazer uma terapia de casal para melhorar a convivência entre a gente. A gente tem um gênio forte que muitas vezes precisa ser domado. E acho que a terapia ajudou a gente nessa questão, de a gente não agir sem pensar. Então a gente melhorou muito. Às vezes sai alguma coisa sem

pensar, mas a gente melhorou muito, muito mesmo. Às vezes tem alguma coisa, tem um momento mais rígido ou alguma coisa mais cricri assim, que mostra uma necessidade de a gente continuar fazendo terapia, mas a gente tem um despertar de consciência hoje muito maior. Por isso que eu coloquei o tango, que é essa dança de sedução, que é você tentar conquistar o outro. Eu acho que nossa vida toda vai ser assim, um tango. Sempre tentando conquistar um ao outro.

Aqui, o participante da pesquisa mergulha no significado do símbolo do tango e faz uma analogia com o desenvolvimento da sua relação conjugal. Pontua o quanto ter consciência de aspectos sombrios e dos complexos ajuda a ter mais clareza e maturidade refletindo em uma relação mais significativa.

Logo atrás do casal de tango está a imagem de um tijolo. Peço para que ele fale sobre este símbolo.

Shrek: É. Esse tijolo, eu não coloquei aí à toa. É a construção de uma vida melhor. Não só de coisas físicas e materiais, mas de relacionamento, de evoluir enquanto companheiro, enquanto esposo e ela também enquanto companheira para mim.

Ao falar sobre o cenário que remete à natureza, ele diz:

Shrek: É, eu adoro mato. Adoro ir para a Chapada. Aí é praia, é o lado dela. Tanto que eu botei menos, menos praia. Coloquei mais interior. Sapo, galinha, porco, a corujinha em cima da árvore, entendeu? Isso aqui são viagens. Tem uma viagem urbana. Olha a diferença. Olha o carro virado para essa direção [do interior]. Se deixar, a gente pega o carro fim de semana e vai para o interior. A gente estava falando até outro dia que um dos nossos objetivos é conhecer todas as chapadas do Brasil para conhecer todas as belezas. Mas que a gente ama a nossa Chapada Diamantina, ama. Por isso que eu coloquei o carrinho virado para lá. Agora ela tá gravada e quantas vezes eu falei que queria ir para a Chapada. Porque o mundo que nós vivemos, as cobranças de trabalho, as pressões, os sonhos, os desejos que nós queremos realizar e ainda não o podemos. Protelamos por algumas questões, até financeiras também, né? A gente às vezes acaba atrasando um pouquinho de viver nossos sonhos. Se a gente pudesse hoje, iríamos viver na Chapada. Ainda não reunimos condições para isso, mas é um sonho que um dia vai virar realidade com certeza. A gente quer sair dessa loucura. Eu não sei se ela vai no meu embalo... Por isso que eu coloquei a Mulher Maravilha em cima do meu ombro porque é uma coisa que admiro muito em minha mulher. Quando eu digo vem, ela segura na minha mão e vai. Um dos maiores exemplo disso é quando a gente fez a Cachoeira do Buracão na Chapada, que a gente foi em uma época que estava tendo fortes chuvas e nesse dia estava chovendo. Mas a água estava muito forte! O guia falou que a gente tinha que pular nessa água que estava caudalosa, estava muito

forte, estava batendo e a gente iria passar por essa água e iria passar por um *canyon*. Eu estava na pedra, e ela não sabe nadar. Eu disse, confie em mim, e ela não pensou duas vezes, ela se jogou na água mesmo não sabendo nadar. Mesmo de colete, uma pessoa que tem medo não faz isso. Aí ela se jogou, e eu segurei ela. Peguei na corda, ela pegou e agente saiu da água.

Pesquisadora: Então essa parceria, né? E essa confiança. O que você traz é isso?

Shrek: Sim! O Huck não. Está carregando qualquer uma. Eu sei que para ela eu sou um super-herói e para mim, ela é uma supermulher. Ela é uma mulher maravilhosa e que se eu puder extrair o máximo de capacidade que ela tem, eu vou extrair. Eu acho que ela tem uma capacidade muito grande, e ela tem muita coisa para se descobrir. Eu já falei até isso na terapia e falei até isso para o psicólogo [que fez a terapia deles] que eu quero que ela cresça cada vez mais. E ela tem melhorado e tem se tornado uma pessoa cada vez melhor.

O participante da pesquisa fala de forma elaborada sobre seu relacionamento e a relação com a sua esposa. Os dois parecem estar conectados de uma forma criativa e construtiva. A semelhança nos gostos pessoais e visão de mundo facilitam a harmonia entre o casal.

Aqui, se coloca como Hulck, que representa o guerreiro e também a luta do homem em relação a seus aspectos internos como a raiva e a agressividade. A Mulher Maravilha é a representação da mulher moderna. Uma mistura de um feminino sensual com o aspecto da mulher que trabalha e vai atrás da sua independência. O fato de Hulck estar com a Mulher Maravilha nas costas não representa dependência, mas sim igualdade e parceria.

Neste cenário aparece um terceiro casal, que é Moana e Maui. Moana é o símbolo da mulher corajosa, aventureira e destemida e Maui, que no filme é seu companheiro de jornada, é o masculino guerreiro e viril. Todos esses personagens que simbolizam a relação do casal trazem, de uma forma geral, os símbolos de força, beleza e transformação.

Pesquisadora: Por que você colocou a coruja?

Shrek: Porque ela é um símbolo de observação, de ser sábio. É um animal da floresta e ela combina com tudo isso que eu quero viver. Tanto é que a fase da vida que eu pretendo ir para o interior é quando eu estiver mais maduro, mais sábio. Então, ela entra nesse contexto como um encaixe perfeito. Ela não entra também à toa. Os animais ali que representa a fauna... Eu gosto tanto disso. Desde criança eu assisto globo rural, eu queria fazer biologia, né? Depois eu pensei em fazer veterinária e depois eu acabei migrando para educação física. Eu adoro esporte também, mas eu amo a natureza. Quando eu faço uma trilha com minha mulher é como se eu estivesse em casa. Sou eu.

Interessante pontuar que o símbolo da coruja aparece em cima da árvore e está entre os dois casais. Pode-se entender que representa um símbolo da sabedoria que têm regido e mediado a relação atual.

Pesquisadora: E aqui? [Aponto para o berço.]

Shrek: Ela é tudo que a gente não viveu ainda

Pesquisadora: Ela está vindo, está perto do concreto na caixa.

Shrek: É, a gente já tem essas experiências, já tem essa parceria, e a gente vai construir muita coisa ainda em nossas vidas. Aqui é o que vem. Por isso ela está na frente. O fruto da nossa união. Ela é o que vem, está chegando. Em breve ela está aí, é uma menina. Agora só depende da gente, e agora vai ter uma responsabilidade de criar e de educar uma pessoa que está nascendo. Quero que minha filha tenha uma realidade diferente do que a sociedade está formatando para as crianças e jovens de hoje em dia. Quero que ela tenha mais contato com a natureza e não só jogos eletrônicos. Se for preciso pago minha mãe para cuidar da neta. Família é isso, um ajudando o outro. É viver tudo que a gente não viveu.

No momento estão na expectativa da chegada da primeira filha do casal. Sua esposa está grávida de seis meses. O primeiro filho é uma experiência importante tanto para a família quanto para o casal. A primeira experiência da parentalidade causa transformações na vida conjugal e mesmo antes do nascimento, já existe como símbolo na relação.

Síntese

O cenário na caixa representa a relação conjugal na visão de Shrek. As imagens dialogam entre si. O casal humano, sensual e tendo o tango como a representação da eterna dança do relacionamento aparece no centro e mostra a consciência que uma relação está sempre em construção.

O participante da pesquisa parece ter mais consciência de si mesmo e da sua relação. A visão de si e do casamento é positiva e inclui a sombra de cada um. Contudo, mostra uma disponibilidade criativa para lidar com as dificuldades internas e externas trazendo uma vivência de harmonia, alegria e companheirismo na relação.

Bebê/Mulher



Título

O título dado por Bebê/Mulher para o seu segundo cenário foi: “*Vida Nova*”.

Descrição da realização do cenário

Neste segundo cenário, Bebê/Mulher demonstrou menos tensão. Parecia estar mais segura do que na construção da caixa anterior. Ficou em silêncio concentrada na tarefa. Desta vez, tocou na areia demonstrando mais confiança para entrar em contato com suas emoções.

Descrição do cenário

Quatro imagens centrais ocupam a caixa neste cenário: um carro com noivos, dois bebês, um casal de frevo e um terço. Na poção central inferior da caixa, estão uma sacola de couro, uma formanda, um carro jipe, um casal de tango e uma bicicleta. Na parte superior, mais voltada para o lado esquerdo. Estão a montanha e uma casa e, em frente à casa, um casal de velhinhos dançando. Ao lado direito da casa, uma flor lilás e uma planta.

Imagens e símbolos: uma sacola de couro, uma formanda, um carro jipe, casal de tango, bicicleta, casal de frevo, dois bebês, um carro com noivos, um terço, uma flor, uma planta, uma casa, uma montanha, casal de idosos dançando.

Espelhamento: imagens e símbolos

Pesquisadora: O título dado para este cenário foi vida nova. Agora me conta a história desse cenário.

Bebê/Mulher: Eu coloquei aqui a nossa casinha, né? Nós e dois bebezinhos, porque a filha que estou esperando é só a primeira. Vamos ter mais um. Aqui eu sempre agradeço a Deus por esse momento que a gente está vivendo e lutando para conseguir nossas coisinhas. Aqui, coloquei para representar a natureza que a gente gosta muito de viajar... Chapada, tal... Coloquei essa sacolinha representando viagens... Um carrinho também.

Pesquisadora: Tem um jipe, né?

Bebê/Mulher: É, somos muito aventureiros. Gostamos muito dançar, de se divertir de sair... A gente também pensa em investir em especializações, estudo... Aqui a bike que a gente gosta bastante. Parei agora por causa da gravidez, mas ele continua. O frevo representa assim mais pessoas. A gente gosta sempre de estar chamando amigos, primos para ir lá em casa. A gente gosta de sempre estar com alguém.

Pesquisadora: Frevo é reunião?

Bebê/Mulher: É, exato, é reunião. Aqui, lá pra frente [casal de idosos] é como me vejo com ele. Feliz, contente, dançando... Por isso coloquei vida nova.

Bem, a primeira imagem colocada na caixa foi o carro rosa com os noivos dentro. A imagem traz a ideia de recém-casados. O carro é rosa e têm um coração na frente. De acordo com o Dicionário de Símbolos,¹⁶ a cor rosa simboliza feminilidade e romantismo. A imagem aparece no centro da caixa e ao lado direito dois bebês. Pode-se pensar na relação de

¹⁶ Cf. <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/rosa/>>. Acesso em: 07 set. 2019.

felicidade e harmonia vivida pelo casal e a concretização dessa união na filha que está para chegar e na projeção futura de um outro filho. Em frente a esta imagem, há um terço como símbolo da espiritualidade e proteção.

A casa mostra a concretização de um lar. Eles estão planejando comprar um apartamento, pois no momento moram com a mãe da participante da pesquisa. Aspectos de natureza bem como de aventura têm marcado os cenários desse casal, mostrando que a relação entre eles é dinâmica. Ao lado da casa tem uma flor lilás. Para o Dicionário de Símbolos,¹⁷ a cor roxa ou lilás é a junção de duas cores, vermelho e azul. Um dos significados dessa cor é o respeito, dignidade, purificação e espiritualidade.

Os objetos localizados na parte inferior da caixa, de uma forma geral, simbolizam os desejos do casal: viagens, aventuras e mais investimento em relação aos estudos de ambos. Todas as imagens estão voltadas para frente da caixa.

Nota-se que no cenário em questão o número dois, representado pelos casais (casal de tango, casal de frevo, casal de noivos e casal de velhinhos), chama atenção para este símbolo. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (1993), o número dois mostra um antagonismo manifesto; rivalidade/reciprocidade, podendo ser de ódio ou amor revelando uma oposição contrária ou complementar.

Em seguida, tento aprofundar um pouco mais sobre o significado do título dado para este cenário.

Pesquisadora: E o que é que tem de novo nessa vida?

Bebê/Mulher: O que tem de novo? Boa pergunta! É porque, aqui, são todos os nossos planejamentos. Tudo que eu coloquei aqui é o que a gente fala, comenta. É o que a gente quer. Viajar bastante e estar com a família e com os amigos. Passear, fazer altas trilhas...

Pesquisadora: E o que é que era velho e que aqui representa uma vida nova?

Bebê/Mulher: Por causa do título? Ah, entendi. É porque foi essa separação da caixinha anterior para essa. É muito do que eu vivi com minha mãe, do que minha mãe viveu comigo e tal... E eu estou construindo a nossa família, as nossas coisas. A gente mora de aluguel e a gente mora com ela. Já vimos uma casa. E Shrek não quer que ela vá; e eu pensei a mesma coisa. Ela gosta muito do interior, tínhamos comprado até um terreno para ela construir uma casa lá, mas não deu muito certo. Então, por isso que ela não está incluída.

¹⁷ Cf. <<https://www.significadodascor.es.com.br/significado-do-lilas.php/>>. Acesso em: 07 set. 2019.

Pesquisadora: Então seria cada um vivendo no seu canto e por isso seria uma vida nova?

Bebê/Mulher: Exato!

Através desse relato, entende-se a busca de viver tanto uma identidade própria com base em um relacionamento mais autônomo consigo mesma e também na individualidade do casal. A participante da pesquisa quer seguir o caminho das suas próprias leis e não das que são estabelecidas pelo que vem de fora.

Pesquisadora: O que você acha que tem mais forte na relação de vocês?

Bebê/Mulher: O companheirismo. Ele geralmente nunca faz nada sem mim e nem eu sem ele. Um sempre pensa no outro. Um cuida sempre do outro. É companheirismo mesmo.

A participante da pesquisa constrói um vínculo com seu marido na forma horizontal e de igualdade. Essa configuração é o que se espera de um relacionamento adulto, separado da dependência emocional infantil, que gera a verticalidade das relações. O companheirismo vivido pelo casal é fruto da integração dos opostos de forma individual, o que se reflete na relação conjugal.

Síntese

O cenário parece indicar a integração do complexo materno na participante da pesquisa. Revela uma maior disposição para lidar com aspectos ambíguos, mostrando maior coragem e disposição para construir seu próprio mundo. As imagens dialogam entre si e parecem apontar para uma relação de fortalecimento, companheirismo e segurança. Com isso, Bebê/Mulher descobre uma maneira mais autêntica de viver a sua vida a dois.

**Momento 3 - Visão do casamento sob a ótica do casal
Shrek e Bebê/Mulher**



Título

O título dado por Bebê/Mulher para o seu segundo cenário foi: “*Projeto de Vida*”.

Descrição da realização do cenário

O casal interage durante a realização do cenário. Conversam entre si, dão opinião sobre as imagens um do outro. Perguntam o que significa. Ao realizarem a caixa juntos, pôde-se perceber melhor a dinâmica entre eles, o que será melhor explicado na fase do Espelhamento.

Descrição do cenário

Como imagem no centro da casa temos: Maui e Moana, planta e a bicicleta. No lado direito superior, estão as imagens da sacola de couro, Totem, montanha, casal de tango, ônibus, pirâmide, guarda-sol. No lado esquerdo superior, estão as imagens do carro jipe, tijolo, casal de velhinhos, casa, árvores, animais diversos. Na parte inferior da caixa, mais para o centro, está o terço, casal de noivos no carro rosa, o berço com um bebê dentro, um pé de pimenta e uma formanda.

Imagens e símbolos: Um carro de noivos, berço, um bebê, um pé de pimenta, uma formanda, duas galinhas, porco, tartaruga, tatu, uma árvore, coruja, tijolo, jipe, casal de velhos, casa, planta, Moana, Maui, bicicleta, bolsa de couro, Totem, Torre Eiffel, casal de tango, montanha, um ônibus uma pirâmide, um guarda-sol.

Espelhamento: imagens e símbolos

Pesquisadora: Criem um cenário que represente a relação de vocês, do casal.

Bebê/Mulher: O que é isso aqui?

Shrek: É um casal [Refere-se à imagem de Moana e ao parceiro dela.]

Bebê/Mulher: Esse que eu falei [Aponta para a escultura de Machu Picchu.]

Shrek: México, Machu Picchu, França... Lugares que queremos viajar... E aqui? [A imagem do frevo.] Não sou pernambucano não.

Bebê/Mulher: Aqui pra mim representa mais pessoas, família...

Shrek: E aqui?

Bebê/Mulher: viagens.

Shrek: Mas viagem, não já tem ali?

Bebê/Mulher: É, mas...

Shrek: Bota do lado do estudo. Estudo fica na frente de tudo? [Nesse momento, ele coloca a imagem da formanda atrás dos outros objetos que estão na frente. Ele muda a posição que a esposa colocou.]

Bebê/Mulher: Mas prioridade não é o estudo?

Shrek: A prioridade é meus filhos.

Bebê/Mulher: Eu acredito que o estudo tinha que ficar na frente porque para a gente chegar a alcançar a gente tem que sempre estudar. E filhos, a gente já está caminhando. Não tem muito mistério.

Shrek: Não tem? Ah...Tá bom!

Bebê/Mulher: Não, é porque o estudo é um esforço a mais, e tem que ficar sempre na frente, porque senão esquece.

Shrek: [Nesse momento, ele muda a posição e coloca o estudo do lado das imagens de “prioridade”.] Pronto!

O relato acima aconteceu logo após o final da realização do cenário. Neste momento, foi possível perceber de maneira mais clara a interação e a dinâmica do casal frente à tarefa. Bebê/Mulher colocou a imagem da formanda, que é o símbolo dos estudos. Colocou a imagem na frente de todas as outras imagens. Shrek retirou e colocou a imagem no fundo. Foi um momento de discordância entre o casal sobre qual é a prioridade na vida conjugal. Após Bebê/Mulher argumentar o motivo de ter colocado o símbolo do estudo na frente das outras imagens, Shrek discordou, pois para ele a prioridade eram os futuros filhos. Bebê/Mulher argumentou o contrário e disse que o símbolo deveria ficar na frente, pois era algo importante e que eles enquanto casal não podiam esquecer isso. Neste momento, Shrek pega a imagem e a coloca paralela às demais (terço, casal de noivos no carro, berço com o bebê e a pimenta). Coloca o estudo na linha de prioridade do casal. Com isso, a imagem não fica na frente de todas as outras nem atrás, passando a ter o mesmo grau de importância que as demais na prioridade da vida deles.

Parece que o casal encontrou uma solução positiva para a discordância vivida por eles. Importante perceber essa dinâmica construída por esse casal. Foi através do diálogo e da escuta efetiva do outro que eles puderam refletir sobre o tema da prioridade entre eles.

Sobre o símbolo do tijolo:

Bebê/Mulher: Ele colocou até um tijolo [Um casal de velinhos em cima de um tijolo.] e eu ainda perguntei. Ele falou que era todos os nossos projetos em construção que a gente está visando.

Shrek: Acho que aqui tem todas as fases da nossa vida. A gente atualmente (Imagem da Moana e Maui.), a gente amadurecendo e a gente maduro. Ao longo da nossa vida, a gente vai tentar fazer várias viagens. Tem pessoas que vêm ao mundo e só pensa em colecionar riquezas e acaba morrendo e deixa

tudo aí. Acho que a medida certa da vida é você ganhar, investir e ter o contraponto. Não é só economizar, economizar... Fazer patrimônio, entendeu?

Bebê/Mulher: E acaba que os dois curtem. Essa questão de querer tirar um momento pra gente curtir algum lugar. Mesmo que a gente vá para lugares simples. A gente não liga muito pra hotel...

Pesquisadora: Vocês se conectam com a experiência.

Bebê/Mulher: Exato. A gente gosta de curtir o lugar.

Shrek: Coloquei Moana aqui [do lado de fora.], porque ela não entrou aqui [cesta/garupa]. É como se ele tivesse na bicicleta, e ela na garupa da bicicleta. Ele guiando e ela na garupa. E é mais ou menos o que te falei que Bebê/Mulher tem isso que eu amo. Como eu te falei, uma das coisas que mais me marcaram foi quando eu estava na Cachoeira do Buracão e ela não sabe nadar, mas quando eu chamei, ela se jogou. Ela é minha companheira. Ninguém tem a mesma sintonia. A gente já tentou com várias pessoas. A última viagem que a gente fez foi até legal. Mas num contexto geral, as pessoas tem uma sintonia bem diferente da nossa e a gente se completa justamente por causa disso. A gente não está ligando se você está viajando para um lugar com menos estrutura ou não. A gente quer compartilhar a aventura de estar em um lugar diferente, desfrutando do desconhecido.

Bebê/Mulher: A gente vê uma florzinha para pra tirar foto. Tem gente que passa e nem...

Mais uma vez com base no relato e nas imagens, o casal demonstra os aspectos de sintonia e do companheirismo existentes na relação. Fazem comentários acerca dos outros símbolos:

Shrek: É, Bebê/Mulher botou isso [o terço] e eu coloquei a pimenta. É pra ela tirar o mal olhado de cima da gente, dos nossos filhos, dos estudos.

Os símbolos de proteção contra aspectos da sombra na relação conjugal, parental (filhos) e em relação às aspirações profissionais e de estudo aparece intercalados.

Por fim, comentam sobre o símbolo do casal de velinhos em cima de um tijolo.

Bebê/Mulher: É como se a gente tivesse passado por uma obra mesmo, por uma construção e a gente tivesse chegado velinhos e tivesse olhando tudo em volta da gente, do que a gente construiu. Tá contente, feliz, alegre...

Shrek: Tudo que a gente construiu.

Síntese

O cenário e as associações verbais do casal retratam uma relação harmoniosa. Por meio do Jogo de Areia, cada cônjuge conseguiu externar a visão de si mesmo e da relação. Neste cenário, especificamente, ficou claro a capacidade de encontrar recursos para lidar com possíveis discordâncias que venham aparecer, já que atuam no relacionamento como um suporte um para o outro tendo abertura para o acolhimento e a exposição da dor.

Os participantes da pesquisa fizeram terapia de casal. Este fato parece ter sido importante para a conscientização da relação, pois eles parecem ter uma visão mais real e madura sobre o casamento. Sabem que, assim como a vida, o relacionamento passa por fases e, com isso, é importante que a reflexão e o diálogo aconteçam. Outro ponto é que ambos externam o desejo de se desvincilarem de aspectos dolorosos vivenciados nas famílias de origem ao formarem a própria família.

Para terminar, as impressões finais sobre esta experiência

Shrek: É porque assim, uma relação é construída de momentos em que as coisas estarão tudo bem, e outros mais conflituosos. Vai aparecer problemas de tempo, e isso vai gerar conflito. E hoje vejo que isso faz parte do que é realmente a relação. Do que é o casamento. É você entender que a gente vai passar por todos esses problemas e a gente vai ter momentos bacana, feliz. E... Com o amadurecimento da gente, dos anos que se passaram, eu consigo perceber mais que ela tem ficado menos ansiosa com algumas coisas que acontecem quando a gente não está cem por cento. E ela fica mais tranquila, porque acho que ela sabe que está vivendo uma maré baixa e logo, logo, a maré vai estar alta de novo, sabe? E, às vezes, sei lá, quando ela tem o lapso de esquecer essa maturidade que ela adquiriu ao longo desse tempo que a gente está junto, aí meio que me estressa um pouco. E aí eu fico de bico e ela fala: “meu estressadinho”. Meu estressadinho não, às vezes você me estressa [Risos.].

Bebê/Mulher: [Risos.]

Shrek: É a maturidade. Um vai tendo o *feeling* do outro. E isso é bem legal, sabe? De saber que uma hora vai estar bom, outra hora não vai estar tão bom assim.

6.1 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE AS IMAGENS E SÍMBOLOS DA FAMÍLIA DE ORIGEM E A RELAÇÃO CONJUGAL ATUAL

Este item visa analisar as semelhanças e diferenças entre as imagens e símbolos da família de origem e a relação conjugal atual. Apresentaremos, inicialmente, os dados sintetizados referentes ao Casal 1. Após esta apresentação, os dados provenientes do Casal 2.

CASAL 1

Quadro X – Família de origem, casamento dos pais e casamento atual do Casal 1, Salvador, 2019

Casal 1

Família de Origem	Casamento dos Pais
<p>Relação com a mãe: Bailarina: complexo materno negativo traz a temática da identificação com mãe e o impedimento de viver vida de forma livre. Pirata: A figura materna é tida como de grande valor dentro da família. Complexo materno positivo.</p>	<p>Bailarina: a figura materna é a figura central tanto na família quanto em relação ao casal. Ela nunca exerceu atividade laboral e o marido sempre sustentou a família. A mãe tem uma postura exigente, e o esposo uma postura mais passiva diante do comportamento da mulher, apesar de ser ele quem tem a independência financeira dentro da família.</p> <p>Pirata: a mãe tem uma postura ativa, sacrifica-se pela família e é muito responsável. O pai é mais rígido e autoritário e, muitas vezes, irresponsável.</p>
<p>Relação com o pai: Bailarina: a ausência paterna. Complexo paterno negativo. Uma das características desse complexo é não se sobressair em relação aos homens (KAST, 1997). Pirata: considera o pai uma pessoa rígida na forma de agir e pensa que esse aspecto possa ter vindo da relação do seu pai com</p>	

<p>seu avô, que, segundo ele, tinha essa mesma característica. Percebe-se aqui, através da reflexão de Pirata, um comportamento que passou de uma geração para outra entre pai e filho.</p>	
<p>Relação fraterna:</p> <p>Bailarina: A participante da pesquisa tem um único irmão. Este também esteve ausente tanto na realização da atividade na caixa de areia, quanto nos relatos. Complexo fraterno negativo.</p> <p>Pirata: Cada membro da família tem personalidades e características diferentes. Este fato gera em Pirata uma sensação de um não reconhecimento também por parte dos seus irmãos.</p>	

<p>Casamento Atual</p>
<p>Bailarina e Pirata:</p> <p>O afeto e o cuidado vivenciados na família de origem, de forma muitas vezes invasiva, é visto de um modo mais saudável na relação a dois. Contudo, aspectos que são projetados em seu esposo parecem dificultar o contato com as próprias potencialidades.</p> <p>O esposo estimula o desligamento de Bailarina com a mãe incentivando-a na busca de emprego. Espera da esposa maior ação. O comportamento do esposo é sentido por ela, muitas vezes, como uma opressão. O marido percebe em sua esposa uma postura de paralisação devido à influência materna sobre ela. Isso se reflete na relação entre os dois, provocando essa mesma impressão de paralisia no casamento. Ele também se sente desencorajado e inadequado em relação à sua própria vida.</p>

Quadro XX – Síntese da análise referente ao Casal 1, Salvador, 2019

M	H	Casal
<p>Complexo materno negativo</p> <p>(-)</p>	<p>Complexo materno positivo</p> <p>(+)</p>	<p><i>Anima</i> positiva</p> <p>(+)</p>

Complexo paterno negativo (-)	Complexo paterno negativo (-)	<i>Animus</i> negativo (-)

Análise do Casal 1

De uma forma geral, percebe-se que Bailarina apresenta um complexo materno negativo e, como exposto anteriormente, a identificação simbiótica com a mãe a impede de ter uma vida mais autêntica e dinâmica. Acrescenta-se a isso o fato de ela ter percebido o quanto a sua dificuldade de dizer não, ou seja, de impor limites, é uma forte característica da família materna (tias, primas...), o que mostra um conteúdo familiar.

Além desse complexo, há ainda em Bailarina o complexo paterno negativo. Este aspecto causa muitas vezes a incapacidade de ela se diferenciar, discriminar. Este *animus* negativo faz com que ela, em muitos momentos, tenha ações de agressividade, brutalidade. E, assim, se sinta culpada. Este aspecto foi, inclusive, um ponto emocional importante, verbalizado e vivido durante a realização dos cenários.

Pirata tem um complexo materno positivo. Uma das características desse tipo de complexo é ajudar o homem a entrar em contato com seus valores internos e a validá-los. Mas também pode fazer com que o homem fique muito sentimental e dominado pela mulher.

Por sua vez, Pirata apresenta um complexo paterno negativo e, durante muito tempo, não se sentia reconhecido por seus irmãos. Isso lhe causou uma sensação de inadequação ou de “não dar certo”. Atualmente, tem dúvidas em relação à sua profissão e muitas vezes não se sente apoiado e encorajado a seguir o caminho que deseja. Mostra características do complexo paterno negativo.

Neste casal, a relação é amorosa, e os dois nutrem o sentimento de bem-estar na presença um do outro. São companheiros e, na maioria das vezes, se apoiam (*anima* positiva). O casal mora com a sogra. Este fato não contribui para que aconteça o desligamento do complexo em busca de uma vida própria. Embora tenham sofrido essa influência, eles conseguiram transformar as experiências negativas em comportamentos positivos na dinâmica do casal.

Contudo, ambos estão dominados pelo *animus* negativo. Sentem-se inseguros em sua ação no mundo. Isso tem sido um aspecto gerador de conflitos na relação. Todo o processo e as mudanças psíquicas observadas nos relatos e cenários apontam que Pirata está mais

conectado e aberto na busca do desprendimento desses complexos familiares. Bailarina mostra a necessidade de ser livre, mas ainda precisa se fortalecer para conseguir fazer esse desligamento.

Desse modo, conclui-se que conteúdos emocionais que marcaram a família de origem influenciam a relação do casal ao atuarem de forma a “impedir” uma vida mais autônoma e criativa em ambos.

CASAL 2

Quadro Y – Família de origem, casamento dos pais e casamento atual do Casal 2, Salvador, 2019

Casal 2

Família de Origem	Casamento dos Pais
<p>Relação com a mãe:</p> <p>Shrek: a mãe é o símbolo de força e poder em seu aspecto mais criativo. Ela é vista como elemento central desta família. Complexo materno positivo.</p> <p>Bebê/Mulher: Muitas vezes, a vivência com mãe lhe causa sensações de sufocamento, ciúmes e induz uma necessidade de superproteção.</p> <p>Complexo materno negativo.</p>	<p>Shrek: a figura materna é a figura central, tanto na família quanto em relação ao casal. É vista como uma figura feminina forte, pois parece exercer as funções masculinas e femininas com grande desenvoltura. A mãe é amorosa e sempre apoia os filhos e o marido.</p> <p>A figura paterna é incapaz de valorizar e reconhecer a força desse feminino. Desvalorizando esses aspectos em si e na esposa.</p>
<p>Relação com o pai:</p> <p>Shrek: o pai é visto como um masculino despotencializado e inconsciente dos seus atos.</p> <p>Complexo paterno negativo.</p> <p>Bebê/Mulher: abandono e desamparo paterno e, ainda, uma ameaça de que a participante da pesquisa fosse tirada da sua mãe pela família paterna.</p>	<p>Bebê/Mulher: A mãe lutou para ficar com a filha. Mostra um apego que às vezes pode ser sentido como limitante. Seu pai abandonou sua mãe, e esta, em muitos momentos, mostra uma postura amarga diante da vida.</p>

Complexo paterno negativo.	
<p>Relação fraterna</p> <p>Shrek: relação de admiração e amor pela irmã (figura feminina). O irmão mais velho morreu ainda bebê e a relação com o irmão do meio é conflituosa às vezes.</p> <p>Bebê/Mulher: separação e distanciamento no convívio com o irmão.</p>	
Casamento Atual	
<p>Shrek e Bebê/Mulher:</p> <p>Mostram uma relação de harmonia, companheirismo e afeto. Um sempre apoia o outro. Os dois possuem gostos e visão de vida parecidos. Relatam uma evolução enquanto casal. Antes, a insegurança e o ciúme; atualmente, conseguiram transformar esses aspectos em união e amor.</p> <p>O casal no momento da pesquisa. Estão muito felizes, pois esperam a chegada da sua primeira filha. Ambos falam desse momento com grande empolgação e expressam um sentimento de realização.</p> <p>O casal mora com a sogra. Alguns aspectos causam irritação em ambos. Ano que vem, pretendem ir para o apartamento que eles compraram.</p>	

Quadro YY - Síntese da análise referente ao Casal 2, Salvador, 2019

M	H	Casal
Complexo materno negativo (-)	Complexo materno positivo (+)	<i>Anima</i> positiva (+)
Complexo paterno negativo (-)	Complexo paterno negativo (-)	<i>Animus</i> positivo (+)

Análise do Casal 2

De um modo geral, percebe-se que Shrek tem um complexo materno positivo. Esta mãe, por ter também o seu *animus* interno positivo, incentiva e apoia os filhos no caminho de desenvolvimento. Ajuda a Shrek não ter dificuldades de se relacionar com o mundo. Contudo, seu complexo paterno é negativo. Este aspecto do complexo manifestou-se em seu comportamento. Percebia-se agindo como um ogro, grosseiro e agressivo. Pelo seu relato, este aspecto interferiu na sua relação com Bebê/Mulher de forma negativa, pois gerava brigas e desentendimentos.

Bebê/Mulher, por sua vez, apresenta o complexo materno negativo. A mãe parece ter ciúmes da vida e das escolhas da filha. Apresenta uma certa disputa e faz comentários que a desestimulam e desencorajam. A participante da pesquisa sente por não ter uma relação mais próxima e amorosa com a sua mãe. Sente que a mãe faz questão de se afastar tanto dela quanto do seu esposo. Bebê/Mulher também possui um aspecto paterno negativo. Não houve presença nem apoio desta figura parental durante a sua trajetória de vida. É importante, porém, destacar o fato de que o convívio com a família materna extensa foi muito forte em sua vivência. Assim, ela pôde se relacionar e ter outros tipos de referência como tios, tias, primos, avô, avó... Isso permite que seu psíquico seja ocupado por outras imagens.

Na vida do casal, Shrek e sua *anima* positiva, tanto na sua mãe quanto na sua esposa, proporciona comportamentos de cuidado e de valorização dos seus valores internos. Ele se sente seguro e capaz de enfrentar os obstáculos da vida. Por ter adquirido maior consciência de si mesmo, modificou os comportamentos de um masculino grosseiro. Pôde entrar em contato com seu lado feminino, amoroso e criativo. Esse aspecto refletiu de forma positiva na sua relação com sua esposa.

Bebê/Mulher parece ter encontrado em Shrek a representação do *animus* positivo, que lhe dá apoio, estímulo e segurança para realizar seus desejos. Ambos querem investir nos estudos e crescerem profissionalmente. Sentem-se felizes por terem essa relação tão significativa e estimulante, o que lhes permite entrar em contato com a criatividade para lidar com situações desafiadoras. Têm uma visão de futuro juntos e de realização de sonhos.

Moram com a sogra de Shrek e mãe de Bebê/Mulher, que também tem características de prender e envolver. Contudo, o bom desenvolvimento da *anima* e do *animus* na relação entre eles faz com que ambos tenham recursos para não ficarem paralisados diante das

exigências da *anima* da família de origem de Bebê/Mulher. A relação deles é propícia para que haja a realização do processo individual e, conseqüentemente, do casal.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família como símbolo deixa marcas psíquicas profundas e funciona como referência das relações por configurar um modelo anterior de relacionamento. Podemos entender que a relação do casal recria, de certa forma, aspectos vividos na relação familiar, podendo ser um meio de elaboração do que foi vivido. Este estudo teve como foco analisar e as imagens e símbolos das famílias de origem dos componentes de um casal para entender como esses elementos podem influenciar a dinâmica da sua relação atual.

Esta pesquisa guiou-se a partir do suporte teórico da psicologia junguiana e de alguns pós-junguianos para o entendimento da relação entre a família de origem e o casal atual. Diante da escassez de pesquisas que contemplem o tema em questão e que tenham este formato, optou-se pela utilização de dois instrumentos: o questionário sociodemográfico, por ser um meio eficaz de acessar informações básicas como idade, tempo de relacionamento, profissão, moradia, entre outros; e o Jogo de Areia. Nos poucos estudos existentes, o Jogo de Areia com casais foi utilizado como instrumento para diagnóstico, o que não propiciou comparar os dados obtidos neste estudo com os daqueles.

Cada casal realizou três cenários como parte do instrumento Jogo de Areia. Os dois primeiros foram realizados pelos cônjuges de forma individual, e o terceiro com os dois juntos como forma de investigar a unidade do casal.

Os participantes indicaram que a percepção interna das suas próprias vivências possibilitou uma maior percepção de si mesmos, bem como de aspectos das suas famílias. Durante os encontros, foram notórias as transformações psíquicas em decorrência da mudança de símbolos de um cenário para o outro.

Referente ao Casal 1, alguns aspectos adquiridos na família de origem influenciam a relação ao atuarem de forma a “impedir” uma vida mais autônoma e criativa em ambos. Já no

Casal 2, o bom desenvolvimento da *anima* e do *animus* na relação propicia que ambos tenham recursos para não ficarem paralisados diante das exigências materna. Esta relação é propícia para que haja a realização do processo individual e, conseqüentemente, do casal.

No Casal 1, a origem dos conflitos e a necessidade de seu enfrentamento ficaram claras, tanto no que se restringe à esposa individualmente quanto no tange à relação dos dois. Para ambos, foi importante conseguir visualizar através das imagens na caixa de areia a dinâmica de suas relações. Isso possibilitou um maior conhecimento, entendimento e diálogo no que se refere às experiências de cada parceiro(a) a partir das reflexões acerca da família de origem.

Os componentes do Casal 1 perceberam que, além da consciência, fatores inconscientes muitas vezes acabam influenciando a relação. No tocante ao Casal 2, durante o processo de realização dos cenários também se evidenciaram mudanças em relação aos símbolos. À medida que os cenários eram realizados, parecia haver uma maior conscientização.

É importante ressaltar que não era a intenção da pesquisadora modificar os conteúdos do cenário. Contudo, à medida que os sujeitos foram realizando os cenários e falando sobre eles, percebeu-se uma mudança dos símbolos de uma caixa para a outra. O discurso também foi mudando a partir do novo olhar sobre si mesmo(a), sobre a família e sobre a relação do casal.

Nos dois casos deste estudo, os casais coabitavam com a mãe dos cônjuges femininos. As duas mães apresentaram características de uma *anima* negativa. Contudo, a questão individual e a forma de se relacionar da esposa no Casal 1 acarretaram maior dificuldade para ela se desvincular do aspecto materno. Já no Casal 2 encontramos uma facilidade maior. Nota-se que este casal apresentou, desde o início do processo, maior consciência e elaboração de si mesmo(a) e da relação. Em parte, podemos pensar que isso possa estar ligado ao fato de que ambos participaram de uma terapia de casal alguns meses antes da realização desta pesquisa.

Deve-se levar em conta que este estudo foi realizado apenas com dois casais, não sendo possível assim fazer generalizações a partir dele. Apesar disso, acreditamos que ele possa contribuir para conhecimentos na área da psicologia e para pesquisas que abranjam tanto a família quanto o casal. Sugerimos que esse método possa ser replicado em pesquisas futuras.

É importante destacar que aprendemos muito acerca das dinâmicas conjugais através do método utilizado. Este, parece ter potencial positivo para aplicação na prática clínica.

Consideramos que o objetivo geral e os objetivos específicos foram alcançados, já que a relação entre a base teórica e o trabalho de campo, com cinco encontros para cada casal, proporcionou conteúdos abrangentes. No entanto, alguns destes não puderam ser investigados em sua totalidade, por exemplo, no que se refere à influência da família de origem como um todo, visto que, apesar de elementos da família nuclear (irmãos), assim como da família extensa, terem aparecido tanto nos relatos quanto nos cenários, os símbolos que foram aprofundados referem-se apenas aos aspectos materno e paterno.

Esta proposta de pesquisa deixa possibilidades a serem investigadas. O Jogo de Areia buscou o estudo das imagens e símbolos. A leitura destes pode ser feita a partir de diferentes fontes e comporta outras formas de leitura.

Por fim, vale observar que o tema em questão é complexo. Mesmo assim, espera-se que esta pesquisa possa ter proporcionado uma maior reflexão e compreensão sobre este tema tão rico e intrigante, que é o encontro com o outro. Sendo importantes para um aprofundamento de nós mesmos, esses encontros contribuem para nosso processo de individuação.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A. Contos de Perrault: imagens de mulheres. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 45, jul., 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000200006&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 05 set. 2019.

ABRAMS, J.; ZWEIG, G. Introdução: o lado da sombra na vida cotidiana. In: ZWEIG, C; ABRAMS, J. (Org.). **Ao encontro da sombra**: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana. São Paulo: Cultrix, 1999. p. 15-24.

ALBERT, S. C. **Infertilidade na relação conjugal**: uma pesquisa na abordagem junguiana utilizando a terapia breve com sandplay. 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2008.

ALMEIDA NETO, J. A. C. de. **Wolverine: A mutação do Herói?** Um estudo de caso do arquétipo do herói como modelo de identificação adolescente. 2005. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Ciências da Saúde, Centro Universitário de Brasília - Uniceub, Brasília, 2005.

ALVARENGA, M. Z. de (Org.). **Anima-Animus de todos os tempos**. São Paulo: Escuta, 2017.

AMMANN, R. **A terapia do jogo de areia**: imagens que curam a alma e desenvolvem a personalidade. São Paulo: Paulus, 2004.

ARIÈS, P. H. **História social da criança e da família**. Trad. D. Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara; Koogan, 1981. (Publicação original em 1973).

AVENS, R. **Imaginação é realidade**: o Nirvana ocidental em Jung, Hillman, Barfield e Cassier. Petrópolis: Vozes, 1993.

AZEVEDO, L. J. C. **As transformações da família**. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0934.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BADINTER, E. **Um é o outro**: relações entre homens e mulheres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BARCELLOS, G. **Psique e Imagem**. Conferência apresentada no Curso de Extensão em Psicologia Junguiana. PUC-RS e Instituto Junguiano do Rio Grande do Sul – AJB, 17 abril 2004. Comentários Gelson Luis Roberto. 2004. Disponível em: <http://www.ijpr.org.br/doc/artigos/Psique%20&%20Imagem.doc>. Acessado em: nov. 2018.

BILOTTA, F. A. **Heroínas - da submissão à ação**: uma análise junguiana de personagens em filme de animação. 2010. 177 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2010.

BOECHAT, W. **A mitopoese da psique**: mito e individuação. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOIK, L. B.; GOODWIN, A. **Sandplay Therapy**: a step by step manual for psychotherapists of diverse orientations. New York: W. W. Norton & Company, 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 13 jun. 2013. seção 1, p. 59. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_12.htm.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 24 maio 2016. seção 1, p. 44-46. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>.

BYINGTON, C. A. B. Prefácio. In: KRAMER, H.; SPRENGER, J. **O Martelo das Feiticeiras** (Malleus Malleficarum - 1484). Trad. Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991. p. 19-41.

_____. **Psicologia simbólica junguiana**: a viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação. São Paulo: Linear B, 2008.

_____. A família como sistema estruturante do self: um estudo da Psicologia Simbólica Junguiana. 2011. (Artigo preparado para os seminários de formação de analistas da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica - SBPA, IX, Turma, 4º semestre, março de 2011) Disponível em: http://www.carlosbyington.com.br/site/wp-content/themes/drcarlosbyington/PDF/pt/familia_como_sistema_estruturante_do_self.pdf.

CARVALHO, L. A. P. P.; SANT'ANNA, P. A. O jogo de areia em terapia conjugal: uma proposta de intervenção. **Index Psi Periódicos Técnico-Científicos**, Campinas, (Boletim de Iniciação Científica em Psicologia), n.1(1), p. 53-64, jan.-dez. 2000.
Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/mtei/resource/pt/psi-23044>>. Acesso em: 10 maio 2019.

CERVENY, C. M. O. Apresentação-palavras introdutórias. In: _____. (Org.). **Família em movimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 9-16.

CIRLOT, J. E. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Moraes, 1993.

CHEVALIER, J. GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

COSTA, I. F.; ALVES, M. C. A.; SILVA, M. J. A. **O desenho em perspectiva na apresentação do real e do imaginário**. Curitiba: Graphica, 2007. Disponível em: <http://www.exatas.ufpr.br/portal/docs_degraf/artigos_graphica/ODESENHOEMPERSPECTIVA.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019.

COSTA, G. P. **O amor e seus labirintos**. Porto Alegre: Artmed. 2007.

COSTA, L. F. Notas sobre formas contemporâneas de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos. In: **Educação e contemporaneidade**: pesquisas científicas e tecnológicas [online]. NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (Org.). Salvador: Edufba, 2009. p. 356-371. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 06 jul. de 2018.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.15-41.

DONATI, P. **A família no século XXI**: abordagem relacional. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. **Família no Século XXI**: abordagem relacional. In: MOREIRA, L. V. de C. (Org.). **Relações familiares**. Curitiba: CRV, 2016.

DURAND, G. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Trad. Renée Eve Levié. Rio de Janeiro: Difel, 2014. (Trabalho original publicado em 1994).

EDINGER, E. F. **Ego e arquétipo**: uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung. São Paulo: Cultrix, 1995.

ELIADE, M. **Imagens e Símbolos**. Trad. Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (Trabalho original publicado em 1986).

FARIA, D. L. **O Pai Possível**: conflitos da paternidade contemporânea. São Paulo: Educ/Fapesp, 2003.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. In: _____. (Org.) **Casamento e família**: do social à clínica. Rio de Janeiro: Nau, 2001. p. 67-80.

FORDHAM, M. Reflections in Image and Symbol. **Journal of Analytical Psychology**, London, n. 2, p. 85-92, 1957.

FRANCO, A. **O Jogo de Areia**: uma intervenção clínica. 2003. X f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2003.

FRANCO, A.; BASTISTA PINTO, E. O mágico jogo de areia em pesquisa. **Psicologia**, revista do Instituto de Psicologia da USP, v. 14, n. 2, p. 91-114, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v14n2/a07v14n2.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIMENEZ, P. D. **Adolescência e a escolha**: um espaço ritual para a escolha profissional através do sandplay e dos sonhos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

GOMES, E. C.; DUARTE, L. F. D. **Três Famílias**: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

GUEIROS, D. A. Família e Proteção Social: questões atuais e limites da solidariedade familiar. **Revista Serviço Social & Sociedade**, revista da editora Cortez, São Paulo, v. XXIII, n. 71, p. 127-144, 2002. (Edição Especial, Famílias)

HALL, J. **Jung e a interpretação dos sonhos**. São Paulo: Cultrix, 1998.

HENDERSON, J. L. Os mitos antigos o homem moderno. In: JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. (Edição *post mortem* Von Franz et al.)

HEWISON, D. 'Oh Rose, thou art sick!' Anti-individuation forces in the film *American Beauty*. **Journal of Analytical Psychology**, London, v. 48, p. 683-704, 2003.

HILLMAN, J. **Estudos de psicologia arquetípica**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1991.

HOLLIS, J. **A passagem do meio**: da miséria ao significado da meia-idade. São Paulo: Paulus, 1995.

HORSCHUTZ, R. W. A herança psíquica. **Cadernos Junguianos**, revista anual da Associação Junguiana do Brasil, São Paulo, v. 5, p. 35-43, 2009.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. 1 CD-ROM.

HUMBERT, E. G. **Jung**. São Paulo, Summus, 1985.

JACOBY, M. Narcisismo e transferência. In: **O encontro analítico**: transferência e relacionamento humano. Trad. Claudia Gerpe. São Paulo: Cultrix, 1984. cap. 3, p. 47- 64. (Coleção Estudos de Psicologia por Analistas Junguianos).

- _____. **O encontro analítico: transferência e relacionamento humano.** Trad. Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Cultrix, 2004.
- JAFFÉ, A. Os simbolismos nas artes plásticas. In: JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. (Original publicado em 1964)
- JUNG, C. G. **Memories, dreams, reflections.** New York: Vintage Books, 1963.
- _____. **O Homem à Descoberta de sua Alma.** Porto: Livraria Tavares Martins, 1975.
- _____. **O eu e o Inconsciente.** Petrópolis: Vozes, 1978a.
- _____. **Psicologia e religião.** Petrópolis: Vozes, 1978b.
- _____. **Aion: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo.** Petrópolis: Vozes, 1982.
- _____. **A Energia Psíquica.** Petrópolis: Vozes, 1983.
- _____. Prefácio de Carl Gustav Jung. In: WILHELM, R. **I ching: o livro das mutações.** São Paulo: Pensamento, 1988.
- _____. **Memórias, sonhos e reflexões.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- _____. **Ab-reação, análise dos sonhos, transferência.** Trad. Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 1990.
- _____. **O desenvolvimento da personalidade.** Petrópolis: Vozes, 1991. (Obra completa) (Original publicado em 1921).
- _____. Estudos experimentais. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- _____. **O eu e o inconsciente.** Petrópolis: Vozes, 1997. 7/2 v. (Obra completa) (Original publicado em 1957)
- _____. **Cartas.** Petrópolis: Vozes, 1999. 1 v.
- _____. **A natureza da psique.** Petrópolis: Vozes, 2000. (Original publicado em 1971).
- _____. **Cartas.** Petrópolis: Vozes, 2001. 1 v.
- _____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Petrópolis: Vozes, 2002. (Trabalho original publicado em 1940)
- _____. **Sobre o amor.** Aparecida (SP): Ideias & Letras, 2005.
- _____. **Memórias, sonhos, reflexões.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. (Original publicado em 1963)
- _____. **Os objetivos da psicoterapia.** In: **A prática da psicoterapia.** 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. 16/1 v. (Original publicado em 1985)

_____. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2009. (Trabalho original publicado em 1920).

_____. A situação atual da psicoterapia. In: _____. **Civilização em transição**. Petrópolis: Vozes, 2011. cap. VIII, 181-199. (Original publicado em 1934)

_____. **O Livro Vermelho**: Liber Novus. 1. ed. Trad Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2014. (Publicação pós-morte)

_____. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. (Original publicado em 1963)

JUNG, E. **Animus e Anima**. Trad. Dante Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2006.

KALFF, D. M. **Sandplay: A Psychotherapeutic Approach to the Psyche**. Cloverdale, CA: Temenos, 1980.

KAST, V. **Pais e filhas, Mães e filhos**. São Paulo: Loyola, 1997.

_____. **A dinâmica dos símbolos**: fundamentos da psicoterapia junguiana. Petrópolis: Vozes, 2018.

KURBHI, F. H. **Dança do ventre**: o papel do corpo na individuação feminina. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

LEITE, E. O. **Tratado de direito de família**. Curitiba: Juruá, 1991.

LEXIKON, H. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Cultrix, 2009.

LINS, R. N. **O livro do amor**: do iluminismo à atualidade. Rio de Janeiro: Bestseller, 2012.

MIERMONT, J. (Org). **Dicionário de Terapias Familiares**: Teoria e Prática. Trad. Carlos Arturo Molina-Loza. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MIORIM, R. **Aprender com o Corpo**: estabelecendo relações entre a psicologia analítica e as técnicas corporais taoístas. 151 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MOORE, T. **Cuide da sua alma**. 2. ed. São Paulo: Siciliano.1994.

PESSOA, M. C. **Elaboração de um método de análise dos sonhos na terapia de casal**: um enfoque junguiano. 239 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

PENNA, E. M. D. **Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung**. 2003. 225 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

_____. **Processamento simbólico arquetípico**: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica. 2009. 228 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

- PENNA, L. **Dance e Recrie o Mundo**: a força criativa do ventre. São Paulo: Summus, 1993.
- PETRINI, G.; ALCANTÁRA, M. A. de R.; MOREIRA, L. V. de C: Família na contemporaneidade: uma análise conceitual. In: CASTRO, M. G.; MENEZES, J. E. X. (Org.). **Família, população, sexo e poder**: entre saberes e polêmicas. São Paulo: Paulinas, 2009. cap. 9, p. 260-272.
- PIERI, F. P. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Paulus, 2002.
- PIERRON, J. P. **Le climat familial**: une poétique da la famille. In: _____. Paris: CERF, 2009. p. 217-240. (Trad. Elaine Pedreira Rabinovich)
- RABELO, A. E. C.B. **Individuação**: Adão alienado, cristo reconciliado. São Paulo: Iglu, 2010.
- RABINOVICH, E. P. Apresentação- palavras introdutórias. In: MOREIRA, C. V. L. (Org.). **Relações familiares**. Curitiba: CRV, 2016.
- ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- SALLES, Carlos Alberto. **Teoria dos complexos**: a função teleológica da psique. mar. 2003. Disponível em: <http://br.geocities.com/icgjmg/port_biblioteca.html>. Acesso em: 24 ago. 2019.
- SANFORD, J. A. **Os parceiros invisíveis**: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós. Trad. I. F. Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 2002. (Original 1980).
- SANTOS, M. R. **O “diferente” e o “feminino” em Shrek**: uma análise das formações discursivas. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA, 2009.
- SARACENO, C. **Sociologia da família**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- SANT’ANNA, P. A. Uma contribuição para a discussão sobre as imagens psíquicas no contexto da psicologia analítica. **Psicologia**, revista do Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 15-44, 2005.
- SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. **Psicologia**, revista do Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004.
- SCOZ, B. J. L. **Subjetividade e identidade de professores/as**: sentidos do aprender e do ensinar. 2004. 172 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- SINGER, J. **Androginia**: rumo a uma nova teoria da sexualidade. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1991.
- STEIN, M. **Jung - o mapa da alma**: uma introdução. São Paulo: Cultrix, 2006.

TORRES, A. M. C. **Relatório da Unidade Curricular: Sociologia da Família Terapias e Debates**. Apresentado no âmbito das Provas de Agregação em Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de Sociologia - ISCTE-IUL, Lisboa, 2010.

TRAVIS, S. **Construções Familiares: um estudo sobre a clínica do recasamento**. 2003. 138 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

VARGAS, N. S. **Terapia de casais: uma visão junguiana**. São Paulo: Madras, 2004.

VIEIRA, E. S.; STENGEL, M. Os nós do individualismo e da conjugalidade na pós-modernidade. **Aletheia** [online], Canoas, n. 32, maio/ago., p. 147-160, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14130394201000020001>. Acesso em: 20 set. 2019.

VON FRANZ, M. L. **A sombra e o mal nos contos de fada**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. **Psicoterapia**. São Paulo: Paulus, 1990.

_____. **Psicoterapia**. São Paulo: Paulus, 1999.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YORIO, V. B. **Amor conjugal e terapia de casal**. São Paulo: Summus, 1996.

WEINRIB, E. L. **Imagens do self**. São Paulo: Summus, 1993.

WHITMONT, E. C. **A busca do símbolo: conceitos básicos da psicologia analítica**. São Paulo: Cultrix, 2008.

WOORTMANN, K. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

ZWEIG, C.; WOLF, S. **O jogo das sombras: iluminando o lado escuro da alma**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O / A senhor(a) está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa intitulada “*Imagens e símbolos da família sob a ótica do casal: uma visão junguiana*”. A presente pesquisa é parte da elaboração de dissertação de mestrado junto ao programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador - UCSAL.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar como a imagem da relação familiar influencia a conjugalidade atual. Sua participação consiste em montar um cenário na caixa de areia e falar sobre esse cenário. A duração é de aproximadamente uma hora.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, o(a) senhor(a) poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer penalização ou prejuízo para o(a) senhor(a) (Res. 466/2012 CNS/MS).

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, o(a) senhor(a) poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo;

- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e que a sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato;
- As informações obtidas serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo;
- Sua participação não implica em nenhum custo financeiro, mas caso tenha alguma despesa decorrente de tal participação, haverá ressarcimento por parte dos pesquisadores;
- O estudo apresenta como benefícios: o(a) senhor(a) poderá refletir sobre si e a sua realidade conjugal. Além disso, com os dados obtidos poderão ser fornecidos subsídios para o trabalho educativo e/ou terapêutico com casais;
- Há o risco de o(a) senhor(a) sentir-se constrangido(a) pelo fato de serem abordados conteúdos íntimos seus e do cônjuge. Caso isto ocorra, tem o direito de interromper a entrevista ou deixar de responder à questão que lhe cause mal-estar;
- O(a) senhor(a) receberá uma via deste termo de *Consentimento Livre e Esclarecido*.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com os responsáveis pela pesquisa, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato conosco pelo telefone/ endereço:

Camila Barreto Matos Barros – (71) 991715039/ E-mail: Psicamilabarreto@yahoo.com.br -
Universidade Católica do Salvador – Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea – Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador - Ba, CEP: 40.231-92.

Eu, _____ aceito, voluntariamente, o convite de participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Local e data: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

ANEXO B - QUESTIONÁRIO DE LEVANTAMENTO SOCIODEMOGRÁFICO

Entrevistador(a): _____ Data: _____ Duração: _____

Casal	
Entrevista com	Parceiro 1
	Parceiro 2

	Parceiro(a)1		Parceiro(a)2	
1. Sexo (Registro feito pelo pesquisador)	Homem: (1) Mulher: (2)		Homem: (1) Mulher: (2)	
2.. Idade	Anote acima a idade exata		Anote acima a idade exata	
3. Escolaridade	Pós-graduação	1	Pós-graduação	1

(Aqui, registre também a do cônjuge)	Superior	2	Superior	2
	Médio completo	3	Médio completo	3
4. Trabalha atualmente?	Sim: _____ (Anote a profissão)	1	Sim: _____ (Anote a profissão)	1
	Está desempregado	2	Está desempregada	2
	Está aposentado	3	Está aposentada	3
	Não exerce trabalho remunerado por opção. Motivo de não trabalhar: () não precisar financeiramente () outro _____	4	Não exerce trabalho remunerado por opção. Motivo de não trabalhar: () não precisar financeiramente () outro _____	4
5. Carga horária semanal de trabalho	(anote nº de horas) →		(anote nº de horas) →	
	Desempregado/não realiza trabalho remunerado	99	Desempregada/não realiza trabalho remunerado	99
9. Local onde mora				
10. Tipo de moradia	Casa própria (1) Alugada (2) Casa dos pais (3) Casa de terceiros (4) Outros: (5) _____			
11. Quanto tempo de relação? (Namoro + Casamento)				
12. Quanto tempo de casados?				
13. Tem filho?				

DADOS DE ETNIA E RELIGIÃO:**14. Etnia ou cor auto-atribuída:**

Branca.....	1
Preta.....	2
Parda.....	3
Amarela.....	4
Indígena.....	5
.	
Outra _____	6
–	

15. Religião que pratica:

Afrodescendente.....	1
Católica.....	2
Espírita.....	3
Judaica.....	4
Protestante (denominação): _____	5
Outra _____	6
Nenhuma	7

